

Coletânea

# DAMURIDA

estudos linguísticos e literários

VOL.1

Eliabe Procópio  
Felipe Thiago Cordeiro da Rocha  
Organizadores



# **ESTUDOS LINGUÍSTICOS & LITERÁRIOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

**REITOR**

Jefferson Fernandes do Nascimento

**VICE-REITOR**

Américo Alves de Lyra Júnior

**EDITORA DA UFRR**

**Diretor da EDUFRR**

Cezário Paulino B. de Queiroz

**CONSELHO EDITORIAL**

Alexander Sibajev

Cássio Sanguini Sérgio

Edlauva Oliveira dos Santos

Guido Nunes Lopes

Gustavo Vargas Cohen

Lourival Novais Néto

Luis Felipe Paes de Almeida

Madalena V. M. do C. Borges

Marisa Barbosa Araújo

Rileuda de Sena Rebouças

Silvana Túlio Fortes

Teresa Cristina E. dos Anjos

Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima  
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,  
Aeroporto - CEP.: 69.310-000. Boa Vista - RR - Brasil  
e-mail: [editora@ufr.br](mailto:editora@ufr.br) / [editoraufrr@gmail.com](mailto:editoraufrr@gmail.com)

Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

## ESTUDOS LINGÜÍSTICOS & LITERÁRIOS

*Eliabe Procópio*  
*Felipe Thiago Cordeiro da Rocha*  
**Organizadores**



EDUFRR  
Boa Vista - RR  
2019

Copyright © 2019

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Revisão Gramatical e Ortográfica**

Ágda Santos

Eliabe Procópio

Elisa Coimbra

Everton Oliveira Silva

Felipe Aleixo

Marlisson Silva Carvalho

Rosineide Lima

Taislany Sousa

**Diagramação e Projeto Gráfico**

Josiely dos Santos

Naiara Cardoso da Silva

**Capa**

Naiara Cardoso da Silva

**Imagem de Capa**

Felipe Thiago Cordeiro da Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

E82 Estudos linguísticos e literários / Eliabe Procópio,  
Felipe Thiago Cordeiro da Rocha, organizadores. – Boa Vista :  
Editora da UFRR, 2019.  
252 p. (Coleção: Damurida, v. 1).

ISBN: 978-85-8288-194-1

Livro eletrônico (e-book)

Modo de acesso: <http://ufrr.br/editora/index.php/ebook>

1 - Linguagem. 2 - Linguística. 3 - Literatura. 4 - Língua  
portuguesa. I - Título. II - Procópio, Eliabe (organizadora). III -  
Rocha, Felipe Thiago Cordeiro da (organizador).

CDU - 801

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista:

Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é  
de exclusiva responsabilidade dos autores

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cátia Monteiro Wankler - Letras/UFRR

Prof. Me. Eliabe Procópio - Letras/UFRR

Prof. Dr. Emerson de Carvalho Souza - Letras/UFRR

Prof. Me. Fabricio Paiva Mota- Letras/UFRR

Prof. Me. Felipe Aleixo - Letras-Libras/UFRR

# SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>10</b>
<i>Emerson Carvalho de Souza</i>	
<b>A Gênese da mudança: A propósito de um Prefácio.....</b>	<b>12</b>
<i>Cátia Monteiro Wankler</i>	
<b>Prólogo.....</b>	<b>14</b>
<i>Eliabe Procópio Felipe Thiago Cordeiro da Rocha</i>	
<b>Uma introdução ao estudo da Semântica: Semântica, Semânticas, Ferrarezi Jr.....</b>	<b>18</b>
<i>Cristiane dos Santos</i>	
<b>História concisa da Língua Portuguesa, Renato Miguel Basso e Rodrigo Tadeu Gonçalves.....</b>	<b>37</b>
<i>Érika Aires Feitosa</i>	
<b>Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística no Brasil, Dante Lucchesi.....</b>	<b>44</b>
<i>Gabriela Tavares da Fonseca</i>	
<b>Preconceito e intolerância na linguagem, Marli Quadros.....</b>	<b>56</b>
<i>Jamile Rodrigues</i>	
<b>A norma culta: língua &amp; poder na sociedade brasileira, Marcos Bagno.....</b>	<b>64</b>
<i>Gislayne dos Santos Costa</i>	
<b>Gramáticas na escola, Pires de Oliveira e Quarezemin.....</b>	<b>72</b>
<i>Lírian Oliveira Lira</i>	

<b>O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas, Rosa Virgínia Mattos e Silva.....</b>	<b>78</b>
<i>Ellida Natany Estevam da Silva</i>	
<b>Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos, J. Barbosa e R. Rojo.....</b>	<b>87</b>
<i>Maria Pastora Michiles Bastardo</i>	
<b>As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o reino de Deus, Claiton Kunz.....</b>	<b>94</b>
<i>Rafaella da Silva Pereira</i>	
<b>O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal, Natália Cristine Prado.....</b>	<b>102</b>
<i>Wesley Nóbrega Rodrigues do Ó</i>	
<b>“Contos e encantos em Makunaima”. Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e estórias em vivências, Jaider Esbell .....</b>	<b>110</b>
<i>Adriana de Oliveira Teixeira Kato</i>	
<b>“Presença de elementos da literatura fantástica em Histórias de Monstros e Diabruras”. Monstros e Diabruras, Tarsis Tindarsam.....</b>	<b>120</b>
<i>Ediléia Teles de Lira</i>	
<b>Ruídos Noturnos &amp; Poemas do Esquecimento Vivo, Francisco Alves.....</b>	<b>126</b>
<i>Elisa Coimbra</i>	
<b>“O primata tupiniquim”. O guru da floresta, José Vilela.....</b>	<b>135</b>
<i>Jucikele Pereira Silva</i>	
<b>“Meia Pata para maiores”. Meia Pata, Ricardo Dantas.....</b>	<b>143</b>
<i>Khatlen Lohanne Martins de Almeida</i>	



**“A poesia de Eliakin Rufino”. Cavalo Selvagem,  
Eliakim Rufino.....151**

*Natamy Mesquita*

**“Beiral, a interpretação da natureza regional e a  
preservação dos costumes dos povos nativos  
de Roraima”. Beiral, Zeca Preto.....157**

*Francisco José Farias de Freitas*

**“Dois Irmãos, uma história”.Dois irmãos,  
Milton Hatoum.....166**

*Zuldimar Peixoto Mota Júnior*

**A onça, o homem, a paisagem na obra Meia Pata  
de Ricardo Dantas: Relações topofílicas.....176**

*Beatriz Ferreira Salles Freire*

**Transferências fonéticas em produções orais de  
estudantes Brasileiros de Espanhol/  
Língua estrangeira.....193**

*Marlisson Carvalho*

**Tradução de contos: uma análise Teórica e  
prática sobre “uma coisinha boa” de  
Raymond Carver.....222**

*Vitor Rafael Siqueira de Araújo*

*Lourival Novais Neto*

## Apresentação

Emerson Carvalho de Souza<sup>1</sup>

Uma vez mais os estudantes de Letras da Universidade Federal de Roraima oferecem os resultados de suas leituras para Damurida de estudos linguísticos, com a esperança de que os leitores encontrem informações relevantes para compor e nutrir os trabalhos que bucam uma melhor compreensão da conduta linguística de nossa sociedade.

Neste volume, os estudantes apresentam diferentes autores no campo da linguagem. A primeira resenha é sobre a obra organizada por Ferrarezi Jr. : *Semântica, Semânticas*, e quem deu conta desta tarefa foi a aluna Cristiane dos Santos. Vale a pena mencionar aqui as palavras do próprio autor que diz que:

este livro é um convite: um convite à pesquisa, à participação e à compreensão da enorme diversidade de fazeres e saberes, de caminhos e de perspectivas, de realidades e de bons sonhos hoje cobertos pelo enorme guarda-chuva do – para muitos, ainda misterioso – nome “Semântica”. (2013, p. 16).

Também com maestria, Ellyda Natany Estevam da Silva, trabalha o livro de Rosa Virgínia, que para muitos professores da área consideram como clássico nos estu-

<sup>1</sup>Professor do Curso de Letras-UFRR; Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Livre de Amsterdã, Doutor em Linguística Pela Universidade de Capinas (UNICAMP), Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e licenciado em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

dos do Português brasileiro, isto é, O Português São Dois: Novas Fronteiras, Velhos Problemas. Este livro dispensa qualquer apresentação, fazendo dele ainda uma leitura obrigatória para quem estuda Letras em qualquer universidade do país. É bom ressaltar que a autora faz uma ácida censura aos descaminhos da educação no Brasil e ao desconhecimento de que “o português são dois...”, se não são vários. A leitura da resenha já elucida este caminho.

Érica Aires Feitosa, também tem a intrepidez de apresentar um outro clássico: História Concisa da Língua Portuguesa, de Renato Miguel Basso e Rodrigo Tadeu Gonçalves. Aqui encontrar-se-á uma fascinante história de mais de 800 anos, que se estende por 4 continentes e perpassa diversas culturas diferentes. Neste estudo, ainda vai encontrar alguns episódios importantes dessa história, tanto do ponto de vista mais amplo, que inclui geografia, economia, demografia, entre outras áreas de investigação. O objetivo maior do texto é apresentar as mudanças que a língua portuguesa sofreu ao longo de sua história.

Uma revista da atualidade não deixa de contemplar assunto como o internetês. Foi este o tema do estudante Fabiano Henrique Rocha, ao trazer para o Damurida a leitura dos autores Fabiana Komesu e Luciani Tenani sobre O internetês na escola. Este tema sobretudo desperta a curiosidade entre muitos alunos do Ensino médio e da graduação, é comum escutara discussão do tema entre ele. Este trabalho vem provocar a sairmos do lugar comum e olhar para o caráter dinâmico da linguagem, sobretudo da língua escrita e seus específicos contextos de uso.

# A GÊNESE DA MUDANÇA: A PROPÓSITO DE UM PREFÁCIO

Cátia Monteiro Wankler<sup>1</sup>

*A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.*

Paulo Freire<sup>2</sup>

Escrever um prefácio para uma obra cujo conteúdo foi escrito por alunos, pelos “nossos” alunos é emocionante. A **Coletânea Damurida** não é só um livro, é o resultado de um exercício de aprendizado, de esforço individual e coletivo de alunos e professor, é superação.

O momento pelo qual passamos na educação brasileira é difícil. Não, não é difícil, é dramático. Vivemos uma crise sistêmica que envolve falta de investimentos públicos em educação, sucateamento de escolas, de universidades, o que acarreta deficiências na formação dos futuros professores e desvalorização extrema da carreira docente em todos os níveis, sobretudo os iniciais. Vou me eximir de considerar, aqui, as questões sociais que exercem uma força negativa sobre o processo ensino-aprendizagem hoje.

O fato é que propor uma publicação com trabalhos de alunos é uma iniciativa que estimula a pesquisa, a pro-

---

<sup>1</sup> Professora Titular da Universidade Federal de Roraima, onde leciona Literatura Portuguesa e Literatura Infantil e Juvenil desde 1993. Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Mestre em Letras, área de concentração em Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense (1995).

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura). p. 142

dução e divulgação do conhecimento produzido de forma positiva. Publicar o texto de um aluno, concebido a partir de situações de ensino-aprendizagem do cotidiano pode representar o desenvolvimento da autoconfiança do futuro profissional, a certeza da importância da pesquisa no trabalho simples, aquele de todos os dias; pode representar, também, um exemplo de como o empenho e a perseverança podem ser compensadores; é formar mentes inquietas, questionadoras, inconformadas com “o mínimo”.

Mais do que tudo, a **Coletânea Damurida** é uma marca indelével da importância social e cultural da UFRR no contexto em que se insere: são mais de 20 daquelas mentes inquietas a confrontar o que há ao redor. É a confirmação de que estamos entregando à sociedade talvez mais do que se espera de nós enquanto instituição.

# Prólogo

Eliabe Procópio<sup>1</sup>  
Felipe Thiago Cordeiro da Rocha<sup>2</sup>

Esta coletânea é uma produção dos alunos da disciplina de 'Discurso: Leitura e Produção de Textos e Hipertextos'<sup>3</sup> do Curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR), que tem como antecedente a disciplina 'Leitura e Produção de Textos'. Nelas os alunos amadurecem suas leituras teóricas e aprimoram sua habilidade de escrita durante um ano. Ao final, eles têm de apresentar uma resenha como uma das atividades para composição da nota final.

Esse modelo de trabalho tem sido aplicado desde 2014, e paulatinamente vem alcançando resultados satisfatórios. Além de uma melhora no rendimento acadêmico em outras disciplinas, quando da produção textual, os alunos têm conseguido divulgar suas produções em periódicos científicos, como, por exemplo<sup>4</sup>:

1. MOURA, Raphael Michels Fantinato de. Métodos em Morfologia Histórica Portuguesa. *Ao pé da Letra*, v. 16.2, p. 201- 208, 03 out. 2015. ISSN 1984-7408 (Qualis B2)

---

<sup>1</sup>Professor do Curso de Letras/UFRR; Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Filosofia pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC/Madri) e Licenciado em Letras-Português/Espanhol pela UFC.

<sup>2</sup>Aluno do Curso de Letras-Português/Literatura da UFRR.

<sup>3</sup>No Projeto Pedagógico do Curso de Letras, essa disciplina foi substituída por Prática de Produção Textual Acadêmica.

<sup>4</sup>Conforme Qualis da Classificação de Periódicos da CAPES, quadriênio 2013-2016.

2. COIMBRA, Elisa; PROCÓPIO, Eliabe. Resenha conhecendo sociolinguística. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 9, p. 229-234, 2016. ISSN 1983-8018 (Qualis B2)
3. LIMA, Rosineide; PROCÓPIO, Eliabe. Edição e Estudo Linguístico do Relato de Nuno da Silva (1579). *Revista Hispanista* (Edição Portuguesa e Espanhola), v. XVIII, p. 550, 2017. ISSN 1676-904X (Brasil) e ISSN 1676-9058 (Espanha) (Qualis B2)
4. OLIVEIRA Glyvory Evelyn Guevara; PROCÓPIO, Eliabe. Historia de la Lengua Portuguesa. Traducción del portugués al español de Beatriz Peña Trujillo. Bogotá: Edición Instituto Caro y Cuervo. Imprenta Patriótica, 2013. *Revista Entrepalavras*, v. 7, p. 603, 2017. ISSN 2237-6321 (Qualis B1)

Conseguimos também elaborar uma revista virtual para divulgação das diversas produções da disciplina: *Revista Littera*<sup>5</sup>, apoiar a elaboração de trabalhos para apresentação em diversos eventos científicos, e organizar três eventos, a saber:

1. Colóquio de Letras: Resenha Acadêmica - realizado no segundo semestre de 2016, no qual alunos do semestre anterior apresentaram suas experiências em produzir resenhas.
2. Colóquios de Letras - realizado no primeiro semestre de 2017, no qual alunos de semestres anteriores apresentaram suas experiências em três encontros, cujos temas foram: Resenha Literária, TCC em Letras/Linguística e Revisão Textual.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://litter4.webnode.com/> - último acesso em 09.04.17

3. Arraial do Texto – atividade festiva na qual os alunos confraternizam-se com comidas e bebidas juninas, e apresentam músicas e textos diversos. É um momento de confraternização das turmas de produção de texto (também participam alunos de outros semestres e convidados) ao final do primeiro semestre. Em 2018, ocorrerá a terceira edição.

Nosso maior propósito é fomentar a produção textual entre os alunos de Letras da UFRR e, futuramente, criar nossa revista semestral ou uma coletânea anual, na qual nossos alunos divulguem suas produções científico-culturais, e abrir espaço para outros alunos de graduação e pós-graduação, inclusive de outras universidades.

Não basta apenas criar uma revista ou um selo editorial, mas é preciso criar um ambiente positivo de leitura e produção de texto. Cremos que esse ambiente se refletirá tanto na formação acadêmica, quanto no exercício da docência no ensino básico (professores leitores/escritores).

Em um momento em que as licenciaturas atravessam um caminho confuso, marcado pela evasão e baixa procura, orgulhamo-nos de que o Curso de Letras da UFRR tem em seu quadro alunos que produzem, que escrevem e que divulgam seus trabalhos para-além da sala de aula.

Especificamente, esta coletânea congrega (1) resenhas produzidas nas respectivas disciplinas, e (2) artigos que nasceram de trabalhos de conclusão de curso e que foram reconfigurados para entrarem nesta obra como artigos.



Todos os textos passaram por uma revisão gramatical e ortográfica, realizada por alunos integrantes do Laboratório Imprimatur (LABIM); e foram apreciados por uma comissão científica formada por professores efetivos de Letras da UFRR.

Por fim, manifestamos nosso contentamento e o mais sincero agradecimento a cada um dos alunos que se dispôs a avançar com seu texto, e a cada um dos revisores e membros da comissão científica. Esperamos brevemente apresentar outros títulos como resultado de um trabalho feito em grupo.

## Uma introdução ao estudo da Semântica

JUNIOR, Celso Ferrarezi e Basso, Renato. *Semântica, Semânticas uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

Cristiane dos Santos<sup>1</sup>

O livro *Semântica, Semânticas uma introdução*, organizado por Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso, foi publicado em 2013. Ferrarezi é autor de vários livros literários e científicos, como, por exemplo: *linguagem, discurso, educação: entremeios e leituras*, que reúne textos do autor publicados entre 2009 e 2011, no portal eletrônico Artefato Cultural; também escreveu mais de 200 artigos científicos e de opinião publicados no Brasil e no exterior. É professor do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Por sua vez, Basso publicou juntamente com Rodolfo Ilari o livro *O português da gente*, pela editora Contexto, também tem artigos publicados em diversas revistas especializadas, muitas vezes, em conjunto com Ilari e Roberta Pires de Oliveira. É docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

O livro tem a colaboração de doze semanticistas, de dez universidades brasileiras, expõe ao leitor uma visão das diferentes abordagens de estudo do significado em sua dimensão linguística, a Semântica.

Na introdução, os organizadores dizem que “dificilmente outra afirmação poderia ser mais enganosa do que a que pressupõe que a ciência já dominou o que precisaria

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português/Inglês (UFRR).

sobre o fenômeno da significação” (p. 14). Essa afirmação é para fazer o leitor compreender que as pesquisas apresentadas pelos semânticos é um ponto de partida e muito trabalho ainda precisa ser realizado na área dos estudos do significado linguístico.

Cada capítulo do livro apresenta uma das variadas Semânticas, e cada um deles se compõe de seis perguntas. Na primeira pergunta, o autor vai responder do que se trata a vertente Semântica; na segunda pergunta qual o objeto de estudo; na terceira como estudar um fenômeno usando a semântica abordada; na quarta constam os exemplos; na quinta constam as linhas de investigação; e na sexta o leitor pode encontrar fontes para aumentar seu conhecimento sobre o tipo de semântica abordada.

O capítulo 1, *Semântica Argumentativa*, escrito por Leci Borges Barbisan, professora titular da Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A autora inicia o texto explicando que para definir o que é Semântica Argumentativa, é necessário esclarecer sua origem filosófica. Criada por Oswald Ducrot na França, a Semântica Argumentativa tem como sua base o valor linguístico presente no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. A pesquisa inicial de Ducrot foi com Jean-Claude Anscombe, depois continuada por Marion Carel.

Barbisan diz que, do ponto de vista semântico, a argumentação é o ato de o locutor usar combinações próprias, dentre as quais a frase permite levar o seu alocutário a determinada continuação no discurso. O objeto de estudo dessa semântica é o sentido linguístico produzido no dis-

curso. Ela diz que “todas as formulações e reformulações que a teoria sofreu tiveram sempre como meta não se afastar da proposta que lhe deu origem” (p.30). A autora procurou mostrar ao leitor com bastante clareza as questões referentes à linguagem produzida por um locutor para o seu alocutário, a fim de que o leitor pudesse compreender que todos os temas referentes à linguagem produzida por eles é objeto de estudo para explicação do sentido.

O capítulo seguinte trata sobre *Semântica Cognitiva*, de Paula Lenz, doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A autora apresenta alguns exemplos do trabalho de Lakoff e Johnson com metáforas, no qual eles apresentam a metáfora como algo de uso contínuo no discurso, ela faz parte do modo de pensar e racionar das pessoas. Um desses exemplos é como a palavra “amor” é usada em termos de viagem: “[...] de amor em termos de viagem (veja só aonde chegamos; Não dá mais para continuar, é melhor você seguir o seu caminho e eu o meu; Temos percorrido uma longa estrada juntos) (p. 32)”. Ela diz que esse fenômeno é denominado por Lakoff e Johnson como “metáfora conceitual”. A base da linguagem não é literal, o que segundo autora quebra paradigmas estabelecidos e visões filosóficas fixadas no que diz respeito à noção de verdade.

Para se entender a construção de sentido de uma frase como “o vestido ficará pronto na terça feira”, é preciso que a linguagem esteja em interação com outros sistemas cognitivos (noção de tempo nos molde que foi ensinado, uma vez que segundo Lakoff o conceito de semana é um

modelo cognitivo idealizado). Lenz diz que a Semântica cognitiva estuda os sistemas conceituais, significados e interferência humana, sua “estrutura conceitual é corpórea, a estrutura semântica é a estrutura conceitual, a representação do significado (sentido) é enciclopédica e a construção do significado (sentido) é a conceitualização” (EVANS et al., 2007). Com a finalidade de exemplificar para o leitor as metodologias mencionadas no capítulo, a autora apresenta de uma forma simples e objetiva uma parte de sua própria pesquisa sobre as experiências corpóreas na geração das metáforas no pensamento e na linguagem, por meio de estudos empíricos de natureza linguística e psicolinguística.

O capítulo 3, *Semântica Computacional*, foi escrito por Luiz Arthur Pagani, doutor em Linguística. A Semântica Computacional é a combinação da Linguística com a Computação. Pagani afirma que essa Semântica se divide em duas linhas: uma com ênfase maior na parte linguística, enquanto na outra os aspectos computacionais se sobressaem. O autor menciona que o interesse pela ciência computacional vem desde o final do século XVIII, quando houve as primeiras tentativas de simular o comportamento humano, como nas falsas máquinas de jogar xadrez, consolidou-se nos anos 50 do século XX. No Brasil, o autor menciona uma iniciativa pioneira no livro *Inteligência Artificial: um curso prático* (ARARIBÓIA, 1988). Um dos trabalhos do Semanticista computacional está voltado para a construção de programas capazes de interpretar, de gerar informações fornecidas em linguagem natural. Outra área de aplicação é a Linguística de Corpus, que utiliza computadores para

o armazenamento e acesso a informações textuais. Ao finalizar o capítulo, Pagani diz que “os linguistas precisam aprender um pouco de programação, e os profissionais da computação precisam se informar sobre metodologia linguística” (p. 58), também apresenta o cenário atual da Semântica Computacional. O autor incentiva o leitor que quer se aprofundar no assunto, a fazer um esforço para ler em inglês, e nesse sentido, indica livros clássicos escrito em inglês, relativos à Semântica Computacional.

O capítulo 4, *Semântica Cultural*, elaborado por Celso Ferrarrezzi Junior, um dos organizadores do livro, doutor em Linguística. A Semântica Cultural “[..] estuda a relação entre os sentidos atribuídos as palavras ou demais expressões de uma língua e a cultura em que essa mesma Língua está inserida ” (FERRARREZI JUNIOR, 2013 p.71). O autor diz que a cultura em que a língua está inserida interfere no sentido das palavras dessa mesma língua. Esta interferência vai desde os aspectos gramaticais até a construção dos sentidos das expressões mais complexas. Ele apresenta três níveis no processo de construção e atribuição dos sentidos: sentido menor, médio e maior. O sentido menor diz respeito à construção de significado por associação a uma palavra, por exemplo, a palavra casa traz a mente, residência, na maioria das vezes. O sentido médio está relacionado com a inserção de uma determinada palavra em um contexto; exemplo ‘Aquela casa de carne’: aqui *casa* não tem o sentido de residência e sim de açougue. O sentido maior, sentido totalmente especializado, conseguido pela inclusão do contexto em um cenário. Por exemplo, a frase pintada

no muro de uma casa, “Casa de carne da Maria. Promoção de hoje: fígado de macho”, para que o leitor entenda o sentido dessa frase, é necessário conhecer o seguinte contexto: uma esposa de nome Maria, matou e esquartejou o marido em sua residência; um morador revoltado pintou a frase mencionada acima no muro. Nesse caso, a palavra casa usada na frase não tem o sentido de residência e nem de açougue, agora “Casa de carne” é uma expressão usada em função da história envolvendo o lugar.

Embora o autor tenha salientado que não pode expor a análise completa de um fato linguístico na sequência e com todos os detalhes para responder como estudar alguns fenômenos usando a Semântica Cultural, devido ao espaço que tinha disponível, ele apresenta como exemplo a sua pesquisa. Ele cita as contribuições da Semântica Cultural para outras áreas, como para a educação e a tradução.

O capítulo 5 aborda a *Semântica da Enunciação*, escrito por Valdir do Nascimento Flores, doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O autor inicia expressando a dificuldade de tratar do uso atribuído à palavra enunciação, e também de resgatar a história do termo Semântica da Enunciação. Flores nos apresenta que a análise enunciativa “estuda o sentido que decorre da enunciação, mas, para isso, não se restringe analisar apenas um nível linguístico (o lexical, o sintático, o morfológico, o fonológico etc.)” (p. 95). O autor afirma que em qualquer nível que um fenômeno linguístico surja, pode ser abordado sob a visão do enun-

ciativo. Para tanto cita vários autores que fazem diferentes abordagens, como Culioli que estuda a negação, a representação metalinguística em sintaxe, a qualificação, a prosódia; e Authier-Revuz que estuda as incisivas, a pseudoanáfora, as correções, as glosas. Segundo o autor, a Semântica da Enunciação estuda a enunciação, embora exista um problema de concordância entre os estudiosos, “há, no máximo, pontos de aproximação” (p. 96).

Com relação a este capítulo, seu conteúdo é relevante, embora um pouco cansativo para quem esteja lendo, porque o autor começa o capítulo dizendo que existe uma dificuldade em trazer a história do termo enunciação, e essa dificuldade permanece para esclarecer o que a Semântica da enunciação estuda. Mas, as ideias abordadas pelo autor são dignas de apreciação.

No capítulo seguinte, *Semântica dos Protótipos*, escrito por Erik Miletta Martins, tem como objetivo “as diferentes formas de organização das categorias, especialmente, mas não só, por meio de sua manifestação prototípica em itens lexicais” (MARTINS, 2013 p.105). Um exemplo que o autor usou foi “ave”, nessa categoria o canário é um membro mais central, um protótipo, se comparado com a avestruz que seria um membro periférico. Portanto, essa área se dedica na explicação de como acontece os processos de categorização e agrupamentos. Seu caráter é interdisciplinar, ela apresenta duas orientações teóricas distintas: a primeira se relaciona a uma tendência cognitivo-informacional, que “descreve o conjunto de propriedades (gramaticais e/ou semânticas) (p.106)”. A segunda teoria segue uma ten-



dência processual, descreve a construção das categorias introduzida em atividades discursivas.

O autor ao final do capítulo apresenta mais referências para o leitor, enfatiza que as bibliografias citadas são apenas a ponta do iceberg, para compreensão da semântica abordada.

O capítulo 7, *Semântica e Psicolinguística Experimental*, escrito por Maria Luiza Cunha Lima, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Essa Semântica aborda as representações do significado por meio do processo de compreensão que é criado na mente ao ler ou ouvir um texto, esse processo é chamado de construção da compreensão de processamento da língua. Ela dispõe de vários métodos de estudo, entre eles estão dois grandes grupos: os baseados em dados comportamentais e outro baseado “em medida de reações fisiológicas ao corpo da pessoa enquanto processo a língua”.

A Psicolinguística Experimental se preocupa com a Semântica Lexical, palavras isoladas. Alguns autores têm dedicado tempo para o estudo da representação da semântica dos itens lexicais na memória quando eles são apresentados isoladamente.

A autora apresenta ao leitor apenas os resultados mais importantes de trabalhos mais complexos, informando-o que a maioria dos textos sobre Psicolinguística Experimental está em inglês, portanto para se conhecer mais sobre o assunto é indispensável que o leitor leia nessa referida língua.

O capítulo 8, *Semântica Formal*, escrito por Renato Basso, Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). A Semântica Formal tem suas características definidas pela filosofia e a lógica. O autor coloca três ideias principais que são pano de fundo dessa semântica. São elas: “a língua é um sistema regrado, a interpretação das mensagens linguísticas é referencial, o sistema linguístico é composicional” (BASSO, 2013, p.135-136). Segundo ele, essas ideias são centrais porque estão ancoradas no conhecimento estruturado e modelado pela metalinguagem lógico-matemática. Seu objetivo é prover condições de verdade das sentenças de uma dada língua. Não é a Semântica Formal que diz se uma sentença é verdadeira ou falsa, a ela somente é imposta o papel de fornecer as condições na qual essa sentença é verdadeira. O objetivo de estudo dela é “qualquer item, forma ou manobra linguística que de alguma maneira tenha impacto nas condições de verdade das sentenças” (BASSO, 2013, p.143).

Os estudiosos da Semântica Formal podem realizar pelo menos dois tipos de trabalho: um mais empírico, de análise de dados de línguas naturais; o outro mais teórico, “no qual o pesquisador avalia as postulações e previsões de uma teoria ou discute as bases de uma dada teoria semântica” (BASSO, 2013, p.148). O autor apresentou o que é fundamental para compreensão da Semântica abordada e ao final do capítulo indica livros em português e inglês para aqueles que desejam continuar suas pesquisas.

O último capítulo trata da *Semântica Lexical*, de autoria de Tereza Cristina Wachowicz, professora adjunta da

Universidade Federal do Paraná (UFPR). Wachowicz diz que a abordagem clássica dessa área é caracterizada pelos estudos de fenômenos, como a antonímia, a hiperonímia e a mereonímia. Ela também trata de relações de significado entre sentenças.

Essa Semântica explora as relações entre estrutura lexical e estrutura sintática, chamada de estrutura argumental. Seu objeto de estudo, na atualidade, está entre o léxico e estruturas sintáticas: existem até certos pontos de restrições gramaticais, que podem ser divididas em três linhas de investigação: “a tendência que as concebe como informação aspectual, como informação temática e como informação de ordem cognitiva” (WACHOWICZ, 2013, p. 156).

Sua linha de investigação segue dois caminhos, o trabalho teórico e o trabalho empírico. A autora apresenta ao leitor uma abordagem objetiva de natureza introdutória sobre a Semântica Lexical e ao final indica trabalhos que apresentam os diferentes estudos sobre o léxico.

O livro *Semântica, Semânticas uma introdução*, serve como um auxílio para pesquisas voltadas ao campo da Semântica, à medida que os autores respondem as perguntas com um conhecimento sólido a respeito das principais teorias, contribuem para o conhecimento introdutório, principalmente para estudantes de graduação em letras e curso de pós-graduação em linguística, com as diversas pesquisas semânticas; assim expondo ao leitor as diferentes abordagens para o estudo do significado e a sua interpretação.

Os autores se empenham em apresentar ao leitor as pesquisas de uma forma clara e detalhada, levando-os a

compreender as ideias básicas das Semânticas abordadas. Eles respondem as perguntas propostas no livro, apresentando as principais teorias e vertentes teóricas. Ao final de cada capítulo, os autores recomendam ao leitor trabalhos relacionados a semânticas, com a finalidade de que o leitor adquira um conhecimento maior sobre a área abordada.

A leitura é recomendada para quem deseja ter uma base sobre os diferentes tipos de semânticas, que servirá como leitura inicial sobre o assunto; principalmente para os estudantes da área de Letras, que se beneficiarão muitíssimo deste livro, pois aborda o assunto de forma introdutória e ampla.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. O internetês na escola. São Paulo: Cortez, 2015. (Coleção trabalhando com... na escola).

Fabiano Henrique Rocha<sup>1</sup>

O número de pesquisas envolvendo o internetês tem crescido consideravelmente, no entanto, existem verdadeiras querelas no meio de pesquisadores e até mesmo estudantes de línguas/linguagem e educação, a respeito do uso do internetês nas práticas educacionais, pois, na visão de alguns, seu uso atrapalha nas práticas letradas da criança e adolescente em fase escolar.

De 2005 a 2009, a professora Fabiana Komesu se dedicou em pesquisar a relação entre fala e escrita como gênero na internet. Junto com a professora Luciani Tenani desenvolveram um projeto, entre os anos de 2008 a 2011, por meio do qual promoveram oficinas pedagógicas de leitura e interpretação de diferentes gêneros do discurso para alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental. Desse trabalho resultou um acervo de 600 textos que exemplificam a temática desta obra: O internetês na escola, da coleção 'trabalhando com ... na escola', da Editora Cortez, que até este momento se compõe de oito títulos voltados às ciências da linguagem nas práticas educacionais.

O livro focaliza o uso do internetês no ensino fundamental, divide-se em sete capítulos, e busca definir essa linguagem, explicar o uso de suas abreviaturas, suas características e possibilidades de uso, bem como propõe ati-

---

<sup>1</sup>Aluno da Graduação em Letras-Português/Espanhol (UFRR).

vidades didáticas envolvendo o internetês de 6º a 9º ano.

Esse gênero discursivo se difundiu em redes sociais, blog, chats instantâneos, bate-papos e hoje é usado principalmente por jovens. Por esse motivo, as autoras buscam conscientizar professores, principalmente de português, das ferramentas tecnológicas disponíveis na atualidade, das quais grande parte dos alunos tem acesso e faz uso.

No primeiro capítulo, as autoras definem o internetês como uma forma grafolinguística que foge à norma culta e se caracteriza, principalmente, pelo uso das abreviações, banimento de acentuação gráfica e omissão, troca e acréscimo de letras de acordo com a interpretação de quem escreve. Pode muitas vezes indicar emoções, um recurso bem particular da fala, como, por exemplo: Oi # Oie # Oieeeeeeeee. Para tanto, aceitam a definição de Correa quanto à ideia do conceito de internetês:

Não se trata da interferência da fala na escrita, concepção que tem como base a oposição entre uma modalidade e outra, mas de modelo heterogênico de construção da escrita fundado nas possibilidades que a própria estrutura oferece aos usos que as pessoas fazem do sistema linguístico, no jogo da interlocução social (CORREA, 2004 apud KOMESU, 2015, p. 22).

Segundo Barzotto, a falta de prestígio de outras variedades que não seja a norma culta deveriam ser abolidas e as variações, das quais alunos fazem uso com frequência fora da escola, incorporadas, “já que a norma culta cabe apenas à escrita no contexto escolar e nas práticas letradas” :

(...) sua produtividade na comunicação diária, na consideração das identidades dos grupos sociais e na produção artística, tais como em letras de músicas, dramaturgia e outras manifestações literárias” (BARZOTTO, 2004, p. 95-96 apud KOMESU, 2015, p. 22).

No segundo capítulo, fica clara a intenção de desconstruir ideias generalizadas a respeito do internetês como escrita abreviada e problemática encontrada em textos de crianças e adolescentes. Deixam claro que não concordam com a visão das abreviaturas como um problema e conceituam os termos abreviatura e abreviação a fim de explicar que esse processo ocorre formalmente, como, por exemplo, escrevendo um texto ofício: “Sr. Prof. Dr \*\*\*”, e pode ocorrer informalmente, tais como: cervá (cerveja) ou biju (bijuteria), porém essas formas são características apenas da fala. A questão é que ‘cervá’ e ‘biju’ ocorrem no internetês, portanto essas abreviaturas consideradas típicas da fala, também são escritas.

Ainda no segundo capítulo, as professoras analisam e discutem textos de alunos a respeito do internetês e mostram que essa proposta leva tanto o aluno quanto o professor a novas percepções sobre o uso da escrita no meio digital, acrescentando ainda que a internet é uma ótima ferramenta de pesquisa e estudos linguísticos para tratar das “regras” da abreviação digital, como, por exemplo, a exclusão das vogais total ou parcialmente de acordo com a palavra, ex: BLZ (BeLeZa) ; GTA (GaTA).

O capítulo três se aprofunda nas abreviaturas digitais e apresenta um estudo comparativo sobre a ocorrência de cada variação que são categorizadas pelas autoras como tipo:

- A: Sequência de letras que resultam da omissão de vogais e do registro de letras que representam consoantes das sílabas que compõem a palavra abreviada. Ex: VC (Você), KD (cadê); ocorrência de 55,86% nos textos analisados;
- B: Registro das primeiras letras de palavra que é empréstimo linguístico. Ex: CAM (câmera); ocorrência de 31,98% nos textos analisados;
- C: Formas reduzidas ou truncadas que são predominantemente relacionadas a práticas orais e letradas mais informais. Ex: TO (estou), MINA (menina); ocorrência de 08,78% nos textos analisados;
- D: Simplificação de dígrafos, os quais podem ser substituídos por grafemas de valor sonoro idêntico ao do dígrafo. Ex: BIXO (bicho), KER (quer); ocorrência de 03,38% nos textos analisados.

Os capítulos quatro e cinco se destinam a explicar os processos abreviativos, de acordo com as classificações do capítulo anterior, que ocorrem em textos de alunos entre 6º e 9º ano, e levar o professor-pesquisador a entender como as características das abreviaturas digitais podem ser investigadas, começando a introduzir ideias de como essas pesquisas podem envolver e motivar os alunos.

O capítulo seis é marcado pela análise de uma campanha publicitária de uma empresa de química, em que os



símbolos da tabela periódica são substituídos por abreviações como: CR (criatividade), DV (diversidade), VC (você), entre outros. As autoras explicam que a proposta da linguagem internetês é deixar clara a procura da empresa por profissionais que tenham proximidade com as novas tecnologias e formas de interação social, mostrando a professores-pesquisadores as diferentes formas de pesquisa que podem ser encontradas em ambiente digital e propondo que se incentivem aos alunos a que confrontem informações divergentes apresentadas por fontes distintas.

O sétimo capítulo apresenta propostas de trabalho envolvendo o internetês nas práticas letradas. O capítulo foi dividido do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, e deixa claro que a análise desse tipo de discurso em sala de aula leva o aluno a reflexão mais detalhada sobre a língua portuguesa, além de envolver e incluir todo ou qualquer aluno que se sinta desprezado por não ter domínio pleno da norma culta.

Esse último capítulo serve como manual para todo professor que tenha interesse em usar essa prática em sala de aula, apresentando propostas de estudos, os objetivos e um roteiro de atividades para cada ano letivo escolar de forma didática e autoexplicativa. Essa prática tem intuito de difundir o uso das variações na língua portuguesa, abolindo ideias que já não cabem mais na realidade linguística brasileira, ideias essas que muitas vezes confundem e desanimam jovens.

A obra é muito didática e bem exemplificada e, apesar de se destinar a professores de português, acreditamos

que qualquer profissional de educação possa tirar proveito das propostas apresentadas pelas professoras a respeito do uso da linguagem da internet dentro do contexto escolar. As autoras apresentam um referencial teórico consistente e citam estudiosos reconhecidos, como Corrêa e Marcuschi, não só apresentando, mas também, comparando suas definições a respeito de linguagem e escrita digital.

Podemos considerar um livro fundamental sobre o assunto e um verdadeiro manual para as práticas nele apresentadas. É muito interessante observar que, além de propor o estudo e definir tudo o que foi discutido, as autoras se preocupam em apresentar um roteiro de pesquisa e atividades divididas em anos letivos como forma de incentivar o leitor-alvo do texto, professores de português, a aplicarem o que foi apresentado em suas práticas e educacionais e pesquisas. Já havíamos lido artigos de ambas as pesquisadoras sobre o assunto internetês e é com muita satisfação que resenhamos esta obra.

Dando sequência aos estudos contempladas nesta edição, um dos grandes autores brasileiros da atualidade e responsável pela gama de estudos varicionistas é Dante Luchessi. Este autor alerta para necessidade de se documentar e descrever os diferentes falares do Português Brasileiro. Foi Gabriela Tavares da Fonseca quem apresentou neste volume um trabalho de Luchessi: *Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística no Brasil*.

Um outro aspecto que também está contido neste volume é a importância de se combater o preconceito linguístico. Quem nos ensina isso é Professor Marcos Bagno, na

resenha de Gislayne dos Santos Costa em a Norma Oculta. Também na mesma linha de pensamento encontra-se a leitura de Jamile Costa Rodrigues: *Preconceito e Intolerância na Linguagem*, de Marli Quadros. A leitura dos dois textos coadunam com a ideia central que ainda, no Brasil, o Linguísta no desempenho de suas atividades, tem o papel político sobretudo de combater e criminalizar qualquer tipo de preconceito linguístico.

Já a estudante Lirian Oliveira Lira, tem uma preocupação mais aplicada aos estudos linguísticos. Ela apresenta a obra de Roberta Pires de Oliveira e Sandra Quarezemim: *Gramática na Escola*. Esta obra é um convite para o professor de Português refletir sobre as línguas: observar um fenômeno, elaborar hipóteses sobre a gramática e verificar hipóteses da língua do aluno, que ele domina, para a construção de gramáticas, e modelos explícitos desse conhecimento.

Ampliando um pouco mais o debate, mas ainda pensado em sala de aula, a aluna Maria Pastora Micheles Bastardo, sintetizou para o Damurida a obra de Roxane Rojo e J. Barbosa, *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. Aqui vamos encontrar a nova perspectivas do que se entende de texto, gêneros e letramento no contexto da modernidade. A aluna, neste texto, pode checar a vasta experiência que os autores têm no campo da Linguística aplicada, bem como processos que envolvem alfabetização-letramento em contextos complexos.

A edição de Damurida vem marcada por surpresas. Foi isso que nos revelou a estudante rafaella da Silva Pe-

reira ao ler e resenhar o livro: *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*, de Claiton Kunz. Realmente, um título surpreendente para se encontrar no meio dos estudos linguísticos, todavia o exercício proposto pela jovem estudante apresenta-se como um exercício profícuo para os demais cursistas de Letras.

O último texto da seção de resenhas é de Wesley Nóbrega Rodrigues que apresenta o estudo etnográfico *O Uso do Inglês em Contexto Comercial no Brasil e em Portugal*, de Natália Cristine Prado.

A seção de artigos apresenta dois textos. O primeiro trata de *Transferências fonéticas em produções orais de estudantes brasileiros de espanhol/língua estrangeira*, no qual Marlisson Carvalho apresenta uma análise linguística de vídeos produzidos por alunos de escola pública que participam do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFRR). E o segundo artigo tem como autores Vitor Araújo e Lourival Néto, os quais analisam a tradução do conto “Uma coisinha boa” de Raymond Carver.

Cabe aqui dizer que todos os textos apresentados contêm o exercício contínuo entre professor e alunos para se produzir o conhecimento sistemático que pressupõe o pensar acadêmico. Neste sentido, pertinentemente, indica-se publicação para a leitura destas resenhas e artigos como forma de auxiliar outros estudantes de Letras, sobretudo, na leitura de diversos livros da área da Linguística, bem como incentivar também os alunos a divulgarem seus esforços intelectuais por meio de publicações.

## História concisa da Língua Portuguesa

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *História concisa da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

Érika Aires Feitosa<sup>1</sup>

Analisar o processo histórico pelo qual passou o Português é, naturalmente, retornar às suas ascendências linguísticas e aos seus desdobramentos espaço-temporais. Deste modo, a obra *História concisa da língua portuguesa*, de Basso e Gonçalves perpassa a remota família proto-indo-europeia até seu translado como Língua Portuguesa na América. Os autores utilizam da Linguística Histórica e da Filologia como método científico-epistemológico.

O primeiro capítulo demonstra que tal como o próprio homem, as línguas também possuem suas *famílias*: esta compreensão surge a partir do século XVIII com o estabelecimento da Linguística Histórico-Comparativa<sup>1</sup>, quando da descoberta de uma família de línguas que se estendia desde a Índia até Portugal. O filólogo inglês Sir William Jones consagrou o estudo: “o sânscrito era inequivocamente próximo ao latim, ao grego, ao proto-germânico e também ao persa, língua falada no Irã”, o que se nomeou de família indo-europeia; no seguinte século XIX, descobriu-se outra família anterior, a que se chamou de família proto-indo-europeia.

O latim possui evidências que o assemelha e o torna, portanto, descendente da família proto-indo-europeia.

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português/Inglês (UFRR).

Esta língua, oriunda do Lácio e difundida na Europa Ocidental, teve seu ápice durante o Império Romano, porém a dispersão, invasão e fragmentação do Império ocasionaram o surgimento de inúmeras outras línguas, chamadas de línguas românicas. Segundo Basso e Gonçalves, o latim sofreu evoluções diacrônicas e comumente se divide em diferentes estágios: *arcaico, clássico, culto, vulgar e tardio*.

O latim arcaico é anterior a Era Cristã, data do século VII ao III a.C. e seus registros podem ser encontrados na transcrição da Odisseia de Lívio Andrônico, um escravo grego, em poemas épicos e artefatos, muitos dos quais sempre fragmentados. No latim clássico, a linguagem literária tem seu auge criativo em Cícero, Virgílio, Catulo, Propércio, dentre outros escritores. O rigor e estilo tornaram o latim deste período representante modelo da língua. O latim culto, falado pela elite romana, era bastante próximo ao clássico literário, mas seus registros lhe mostram menos rigoroso. O latim vulgar, falado pela população em geral, surge do contato entre os povos, era estigmatizado e pouco se apresenta em registro, uma vez que à população não lhe era dado acesso à escrita.

No segundo capítulo, os autores tratam da formação das línguas românicas, uma vez que “após a queda do Império Romano no Ocidente, em 476 d.C., o vasto território romanizado é ocupado por vários povos diferentes” e as seguidas invasões bárbaras acabaram por instaurar a România, onde os dialetos eram inspirados em uma evolução do latim vulgar. Originam-se, assim, as línguas românicas, que, embora tenham se desenvolvido distintamente e se

ramificado de diversas maneiras, possuíam certa unidade linguística. Podemos citar as seguintes línguas e dialetos surgidos: romeno, dalmático, italiano, sardo, francês, catalão, espanhol, português, galego etc. Na obra, os autores apresentam de cada uma delas um panorama.

O romeno se originou na Dácia, uma província romana que esteve em contato com os povos eslavos e apresenta quatro dialetos basais: o daco-romeno, o macedo-romeno, o megleno-romeno e ístrio-romeno. O dalmático, já em desuso, surgiu na Dalmácia que também era uma província romana e deixou de ser utilizado no século XIX, esta língua não possui muitos registros. O italiano possui uma gama de dialetos, contudo o dialeto padrão é aquele encontrado na Toscana. Foi no toscano-florentino que Dante escreveu a *Divina*. O sardo é falado na ilha de Sardenha e abrange diversos dialetos, é a variedade românica que menos se modificou e portanto, apresenta forte conservadorismo latino. O francês se desenvolveu na Gália e apresenta profundas modificações com sua origem, o latim. O catalão é comumente falado em regiões hispânicas, é uma língua próxima ao espanhol, que por sua vez se firmou como o italiano, por meio da literatura nos séculos XIV e XVI, sendo bastante disseminado por conta da colonização das Américas.

No terceiro capítulo, Basso e Gonçalves abordam o desenvolvimento da Península Ibérica e se aprofundam na formação do português arcaico daquela região. Este período, anterior à escrita que compreende aos séculos XIV e XV, é marcado por inovações fonéticas, embora ainda se guesse determinadas estruturas morfológicas do Latim.

A conquista da Península Ibérica se deu em meados de 218 a.C., esta se dividia em *Hispania Citerior* e *Hispania Ulterior* e ocupada por cartagineses, povo fenício rival dos romanos. Em consequência da dificuldade de derrotá-los, a língua romana se propagou de diferentes maneiras no território ibérico. Sucessivas invasões de povos bárbaros, árabes e visigodos, contribuíram para a formulação do galego-português: “Os dialetos românicos da península, no início do século VIII, já se delineavam em uma faixa setentrional, em três grupos difusos, que viriam a se tornar as três línguas românicas principais [...] o galego-português, o castelhano e o aragonês e catalão” (p. 50).

O português arcaico surgiu na Galiza e pode ser encontrado em textos antigos como *A Notícia de Fiadores* (1175) e *O Testamento de Afonso II* (1214). No entanto, não há como precisar o exato período da supressão do latim para o então surgimento do que viria a ser o português. Decerto, as características do português arcaico o distanciavam de outras línguas românicas, pois a língua possuía composição alterada na morfologia, sintaxe e léxico. Mais tarde, com a independência da Galiza, no século XII, Portugal fixa sua capital em Coimbra e ocupa o território atual. Neste período, a literatura é ainda composta em galego-português e se torna expoente máximo de difusão linguística, assim como os documentos oficiais e particulares que também estão em grande parte escritos em latim mesclado ao romance galaico-português. Muito embora à época já se usasse o português, a prosa literária ascendeu um século mais tarde. Foi no século XIII que romances



franceses foram traduzidos para a língua portuguesa e os textos religiosos como *a Regra de São Bento*, *Vida de São Nicolau de Myra* e *Vida de Cristo* foram produzidos.

O quarto capítulo nos apresenta o português em seu período clássico, datado de 1415 a 1572, este período é de suma importância para a consolidação da língua portuguesa e seu *enriquecimento* lexical pelo contato com diversas línguas – de colonizados e de outros povos europeus. O século XV foi crucial para formulação do português, tal como é hoje, deve-se a fundação da Universidade em Coimbra boa parte da produção literária, disseminação das particularidades da língua, tal como sua gramática, é neste período que há ruptura com o português arcaico e galego-português, decrescendo assim suas aparições em produções textuais. É neste período das Grandes Navegações que Portugal alcança muitas conquistas territoriais e por consequência incorpora ao seu léxico palavras de outros povos, dentre outras mudanças fundamentais.

A publicação de *Os lusíadas* (1572) demarca a passagem do português clássico para o moderno, bem como a morte do rei de Portugal, que ocasionou a dominação pelo trono espanhol. Como província castelhana, a língua portuguesa sofreu influências desta cultura e somente após oitenta anos voltou a ser governada por monarcas lusitanos. Deste modo, nossa língua se alterou também pelo contato com o espanhol. Ao redor do mundo, a dispersão do português se deu por meio de suas conquistas territoriais, por isso que muitos países a utilizam como língua oficial.

O quinto capítulo aborda a chegada do Português em terras brasileiras em 1500. A implantação e todo o pro-

cesso pelo qual passou a língua e a discrepância entre as línguas que se deu por conta da rigidez com que o português europeu se manteve a partir de seu período moderno, enquanto o português brasileiro (PB) sofreu inúmeras variações, resultado dos movimentos migratórios, miscigenação linguística, incorporação de dialetos indígenas, vastidão territorial.

Quando aportaram em terras tupiniquins, em 1500, os portugueses falavam o português datado como clássico, exemplificado pela carta de Pero Vaz Caminha. A efetiva povoação só iniciou a partir de 1532, acometida por ciclos econômicos (pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro e metais, café) e fluxos migratórios intensos (povos europeus e escravizados africanos). Este período foi importante para o “pré-desenvolvimento” do nosso português. Podemos periodizar a evolução do português brasileiro a partir de marcos históricos, o que varia bastante entre autores, Basso e Gonçalves citam Silva Neto (1946), Paul Teyssier (1997) e elegem Noll (2008) para demonstrar a evolução linguística do PB.

Entre 1500 e 1800, houve o período inicial da colonização portuguesa e naturalmente da implantação da língua no território. A princípio, os viajantes que se aventuravam no Brasil registravam palavras indígenas em documentos da época, de origem tupi. Os jesuítas foram, de certo modo, protagonistas no quase desaparecimento da língua nativa indígena, e as ações dos bandeirantes também tiveram importância na expansão linguística para o interior do país. Ao fim de 1800, passados os ciclos do pau-

-brasil, cana-de-açúcar e do ouro, a vertente brasileira da língua portuguesa já era consistente, aos moldes atuais e diferente da língua falada em Portugal.

O sexto capítulo nos mostra o português em sua fase mais recente, de 1801 até atualidade. A Vinda da família real para o Brasil, a Independência, a Abolição da Escravatura, e a Proclamação da República são fatos marcantes deste período. Houve inúmeras mudanças estruturais que culminaram em avanços sociais como: o ensino do PB, o surgimento de uma imprensa nacional, o desenvolvimento de uma literatura nacional, dentre outros.

A obra de Basso e Gonçalves faz jus a seu propósito primeiro, de maneira sucinta, mas longe de ser simplista, *História concisa da língua portuguesa* traz inúmeros textos antigos e exemplos fonéticos, morfológicos, sintáticos que facilitam a compreensão, além de indicar obras que tratam detalhadamente dos assuntos de cada capítulo. Elucidativa e objetiva, esta obra é essencial para a compreensão, análise e crítica da formação histórica da língua portuguesa.

## Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística no Brasil

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

Gabriela Tavares da Fonseca<sup>1</sup>

Por ser uma ciência muito recente, a Linguística ainda está tentando ganhar seu espaço fora das Universidades e atingir a educação em âmbito escolar, a fim de chegar a um debate social que discuta a língua em seu uso real. Tendo em vista esse objetivo, Dante Lucchesi introduz sua obra descrevendo o episódio ocorrido após a divulgação, pelo MEC, do livro *Por uma vida melhor*, o qual foi extremamente repreendido por diversas autoridades junto à mídia jornalística. Essa censura foi motivada por uma ideologia purista, construída sobre o alicerce de “estereótipos nacionalistas” (p. 11) responsáveis pela segregação da sociedade e, conseqüentemente, da própria língua. Portanto, a proposta do livro de Português do MEC é desconstruir os preconceitos linguísticos sem deixar que o devido ensino da norma culta seja proporcionado.

Publicada em 2015 pela editora Contexto, a obra de Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti fornece à Sociolinguística grande aparato teórico para as pesquisas realizadas nessa área, visto que sua abordagem passa desde os processos históricos e econômico-sociais do português brasileiro até as concepções ideológicas que clivam língua

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação Letras-Português/Inglês (UFRR).

e sociedade. Além disso, o livro tem por base princípios que direcionam o discurso do autor àqueles que acreditam e lutam por relações sociais e linguísticas menos dominantes e exploradoras. A ideologia – a *contraideologia*, por melhor dizer – de Lucchesi, aliada ao seu conhecimento científico, já lhe rendeu grandes participações acadêmicas, principalmente com as publicações de outros três livros (um deles publicado em Portugal), além do importante projeto de pesquisa sociolinguística que coordena chamado *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, desenvolvido desde 2002 pela Universidade Federal da Bahia.

Tomando como orientação a proposta do livro didático do MEC, descrita no início, associada à concepção heterogênea de língua e sociedade, Dante Lucchesi apresenta como objeto central de análise do seu livro “a realidade sociolinguística do Brasil” (p. 20) e transcorre sobre os fatores determinantes da atual – e histórica – partição da sociedade, cujo resultado é o deslumbramento de uma língua homogênea que demarca claramente as fronteiras entre norma culta e norma popular, sendo esta última marginalizada. O autor apresenta essa realidade em cinco capítulos, pelos quais discorre sobre: os **fundamentos teóricos** que embasam sua análise; o processo de **formação histórica** das variações do português brasileiro; os **condicionamentos socioeconômicos** que determinam a polarização sociolinguística, associados aos **fundamentos ideológicos**; e os **fundamentos empíricos** que sistematizam dados sociolinguísticos.

A polarização sociolinguística no Brasil, de acordo com o autor, é fruto da ideologia purista que visa à he-

gemonia de uma classe e uma língua em específico – fato que permitiu ainda mais a clivagem entre o estudo científico da língua e a sua disseminação nas escolas. Ao ter conhecimento desse juízo de valor proveniente das relações de dominação e exploração, o discurso do linguista tem como objetivo desconstruir preconceitos através da *contraideologia*, na tentativa de transmudar esse pensamento de língua homogênea (p. 26). Tendo em vista essa tarefa, Lucchesi tenciona a sistematização dos estudos sociolinguísticos para que a complexa relação entre língua e sociedade seja formalizada. E a julgar por ambas serem heteróclitas em demasia, a concepção sociolinguística surge da ruptura do estruturalismo, a partir do momento em que sistema e mudança se contrapõem, uma vez que aquele vem sendo modificado por esta, em um processo diacrônico – por meio das variações linguísticas, sob uma análise sincrônica.

No primeiro capítulo, o linguista faz um resgate do conceito estruturalista de *norma linguística* e propõe sua reformulação sob a perspectiva da Sociolinguística, na tentativa de superar a contradição existente entre os fatos linguísticos de uma comunidade e o seu processo sócio-histórico. A *norma sociolinguística*, portanto, vale-se para explicar a existência das diversidades linguísticas e sociais – as quais permitem diferentes sistemas de avaliação subjetiva das variações dentro de uma coletividade – concomitante às normas compartilhadas nessa comunidade que tornam o sistema uniforme.

A fim de subjugar esse impasse teórico da teoria sociolinguística e de combinar as abordagens psico-bio-

lógicas e histórico-sociais, Lucchesi expõe a *gramática da comunidade de fala* como objeto dessa ciência. Assim, a competência linguística deixa de ser um sistema de caráter homogêneo (concepção gerativista, por considerar sua abstração da coletividade) ao adquirir formas heterogêneas quando na interação social. Apesar dessas dimensões científicas fornecerem juntas aparato teórico necessário para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, em determinado ponto, ambas são delimitadas por suas especificidades, uma vez que a gramática gerativa postula “regras categóricas” formuladas sob análises estritamente dedutivas e a ciência variacionista, “regras variáveis” estabelecidas por situações hipotéticas (p. 55).

Após discorrer sobre os processos psico-biológicos e histórico-sociais da língua, o autor sistematiza sua postulação teórica a partir da definição laboviana de comunidade de fala, complementada pelo modelo de James Milroy e Lesley Milroy (1997). A primeira teoria analisa um “grupo [de falantes] que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (Labov, 2008 [1972], p. 188 apud Lucchesi, 2015, p. 46), enquanto que esses dois últimos linguistas diferenciam seus estudos ao proporem que o compartilhamento não é consensual, mas sim, institucional – e, dessa forma, conflituoso. Com isso, o autor conceptualiza que diversas normas sociolinguísticas coexistem em uma única comunidade de fala, tendo em vista que abrangem determinados grupos sociais

em primeiro lugar, em função da maior semelhança no comportamento linguístico

dos seus membros, já que a frequência média de uso das variantes linguísticas é diferente consoante o grupo social considerado. Em segundo plano, a norma sociolinguística se constitui a partir da avaliação particular que esse grupo faz da variação linguística, que é distinta dos demais grupos sociais. E, por fim, a norma sociolinguística define um grupo social dentro de uma comunidade de fala em função da convergência na direção dos processos de mudança que se observam nesse grupo (p. 75).

Em face ao conceito de norma sociolinguística, e no que concerne principalmente à avaliação das variações linguísticas pelos indivíduos dos grupos sociais, o autor aborda em sua teorização o método taxonômico de Labov (2008 [1972], 360-3 apud Lucchesi, 2015, p. 80), no qual se determinam os *indicadores*, os *marcadores* e os *estereótipos*. É possível, com esse método, verificar uma análise sociolinguística mais equacionada, ao combinar variações sociais e variações estilísticas.

O autor retoma no quinto capítulo todos os preceitos fundamentados nessa parte teórica do livro para fundamentar empiricamente a polarização sociolinguística no Brasil, mas, antes, ele deslinda outros fatores que determinam essa realidade, a começar pela sua formação histórica.

No segundo capítulo, então, o autor faz uma análise histórica trazendo as origens da clivagem sociolinguística, dada a partir dos primeiros anos de colonização no país, com a chegada dos portugueses e a imposição de sua cultura e língua. É preciso reconhecer que o processo de colonização sempre foi forjado na exploração do trabalho



forçado dos índios, em um primeiro momento e, após a disseminação de muitos desses povos, dos escravos.

Até o século XVI, a realidade linguística no Brasil se dividia entre a língua dos proprietários de escravos e as línguas indígenas e africanas, as quais eram a maioria. O autor mostra que, no decorrer de quatro séculos, a polarização sociolinguística foi se modificando e se intensificando, à medida em que a língua portuguesa ia ganhando seu espaço no processo de formação da sociedade brasileira, de maneira violenta e conflituosa. Os índios iam sendo exterminados e, com isso, muitas línguas indígenas também iam se extinguindo. Os africanos foram extremamente reprimidos quanto à sua cultura e ao uso de sua língua, sendo forçados a aprender a dos colonos, porém, de maneira defectiva, dado as adversidades de aprendizagem.

Assim, o cenário linguístico ficou dividido entre o português falado pelos colonos e por seus filhos, e o português falado pelos escravos (e, em menor quantidade, pelos índios) como segunda língua, surgindo, dessa maneira, os pidgins. Os descendentes desses escravos também passavam por uma aquisição defectiva da língua portuguesa, fato bastante favorável para que ocorressem alterações na estrutura da gramática por meio do processo de “transmissão linguística irregular”, conceituado assim por Lucchesi (1997).

Com esse processo de crioulização, a partir do século XIX, o contexto sociolinguístico brasileiro era basicamente sedimentado nas diferenças étnicas, e isso se tornou mais evidente com o elevado aumento de imigrantes europeus e asiáticos, devido à necessidade de mão de obra assalariada após

a abolição da escravatura em 1888. Enquanto os imigrantes constituíam as camadas médias da estratificação sociolinguística, na base se encontravam os negros abolidos e seus descendentes e, no topo, a elite colonial portuguesa e seus filhos.

Tendo em vista que cerca de apenas 6% da população, formada por brancos e alguns poucos mestiços que ascendiam socialmente, vivia nos centros urbanos e a maior parte – negros e mestiços – era essencialmente rural, a distância entre as variedades linguísticas tendia a aumentar. Isso ocorria porque a população urbana possuía maior acesso às escolas, por estas se encontrarem apenas nas cidades, e aqueles que viviam no campo eram expostos a um contato com diversas variedades de língua. Essa configuração linguística perdurou desde o Império até o fim da República Velha, e só obteve a sua formação atual com os habitantes rurais migrando para os centros urbanos devido à alteração da estrutura socioeconômica e ideológica do país.

A partir disso, Lucchesi traça um panorama socioeconômico desenvolvido a partir da Revolução de 1930, que evidencia a polarização sociolinguística no Brasil provocada pelo processo de industrialização e urbanização da sociedade brasileira. Entretanto, o avanço do capitalismo não acompanhou os avanços desse processo, posto que a concentração de renda e fundiária era predominante e os meios de produção permaneciam arcaicos.

Comparado ao capitalismo europeu e americano, que estavam muito aquém, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, no Brasil predominava um

capitalismo tardio. Como resultado, a população rural, que se deslocava para as áreas urbanas, ficou marginalizada de todo o processo produtivo e, com isso, dos benefícios da cidadania (p.148). Esse fato é apresentado pelo autor mediante dados do Censo do IBGE que evidenciam as taxas de analfabetismo ainda persistentes no Brasil de 1920 até 2010 devido ao atraso no processo de escolarização no país.

A clivagem social e linguística, portanto, se caracteriza pelo confronto existente entre os parâmetros linguísticos das classes favorecidas e os das massas discriminadas e excluídas socialmente. O meio termo é configurado por um grupo que demonstra uma gradação no comportamento linguístico, assinalando uma liquidez nas variações linguísticas que permeiam entre os conjuntos díspares. Sendo assim, de um lado, está a norma culta utilizada pelos primeiros acima descritos e de outro, a norma popular, pelo segundo conjunto; percorrendo os dois padrões estão as nuances das variações linguísticas.

O autor explica que a norma popular se dá pelo contato entre línguas (portuguesa, africanas e indígenas) – originando as variações linguísticas – durante o processo histórico e socioeconômico de formação da sociedade; a norma culta, por sua vez, é a que prevaleceu do português europeu, contudo, sofrendo, no decorrer do tempo, alterações na estrutura gramatical, adquirindo seu formato de norma culta do português brasileiro. O que ocorre, no entanto, é a prescrição de uma norma padrão baseada nos parâmetros do português europeu –

configurando um plano de superestrutura ao promover um discurso purista –, cuja raiz está inserida no plano da infraestrutura socioeconômica.

Por conseguinte, Lucchesi vincula os fatores responsáveis pelo engendramento da polarização sociolinguística no Brasil – seu processo histórico e os condicionamentos socioeconômicos – à imposição da “norma de correção gramatical” (p.176), por esta ser um mecanismo de dominação ideológica assumido pela elite devido a interesses políticos de manter língua e sociedade puras e homogêneas, de acordo com o modelo europeu. O autor deixa evidente, pois, a existência manente de princípios de superioridade e hegemonia da antiga metrópole sobre a concepção linguística e social no Brasil.

A despeito disso, o autor se questiona, oportunamente, acerca das contradições encontradas nas gramáticas normativas – Bechara (2001, p. 587); Cunha (1981, p. 225) apud Lucchesi, 2015, p. 187-8 –, quanto à colocação de pronomes clíticos na sintaxe – apesar de prescrever o uso normativo, os gramáticos reconhecem que o uso efetivo dessas construções no Brasil difere substancialmente das regras do português europeu. A análise proposta é de grande importância para a evolução do ensino da língua materna, posto que, uma vez indagada a dubiedade do uso desses pronomes presente no cânone literário, será possível uma reflexão em cima da proposta de ensino de língua portuguesa no Brasil, com o propósito de superar o discurso conservador, o qual impede a disseminação do conhecimento epistemológico da língua.

O autor explica que, apesar do processo de industrialização e urbanização, o motivo da conservação desse modelo de correção gramatical se fundamenta no atraso do capitalismo gerado pela estagnação ideológica, mantendo os valores de sociedade e língua estacionados no padrão sociolinguístico pertencente à época da colonização, na qual a colônia era subjugada à metrópole. O autor evidencia, ainda, que esse fato condiciona a configuração dos sistemas de avaliação social da variação linguística: de um lado, a nível ideológico, a norma padrão que reflete no preconceito linguístico, ocasionando o surgimento de estereótipos sociolinguísticos construídos pela óptica do uso “incorreto” da língua; associada a esse sistema, a nível socioeconômico, a norma culta, a qual, por sua vez, parte as classes sociais, aumentando o abismo entre as mais privilegiadas das que estão às margens do processo de nivelamento escolar. A norma padrão, portanto, é um instrumento para legitimar a realidade socioeconômica do país.

A partir dessa perspectiva teórica a respeito do caráter ideológico, correlacionada aos fundamentos teóricos e às reflexões sobre o percurso histórico e socioeconômico, Lucchesi sistematiza com dados empíricos a realidade sociolinguística do Brasil e traça um panorama geral dos processos de variação e mudança, os quais podem gerar tanto uma reação positiva quanto negativa. A primeira é de cunho gramatical, ou seja, as formas linguísticas vão se alterando no plano estrutural, sem que os falantes tenham consciência dessa mudança, e adquirem traço gradual no sistema de avaliação subjetiva; o segundo tipo de reação e avaliação

possui traço descontínuo devido à forte estigmatização das formas linguísticas que provêm das classes mais baixas.

O autor demonstra como ocorrência de traço gradual no plano morfossintático o uso do pronome da terceira pessoa do caso reto na função de acusativo (objeto direto) e as variantes relativas. Ao ter a variante padrão dessas estruturas caído em desuso até mesmo pelas classes sociais mais altas, é possível perceber que a assimilação dessas formas na norma culta é despercebida pelo falante.

Como traços descontínuos que decorrem das classes mais baixas e sofrem com isso alto grau negativo de avaliação social subjetiva, o autor aponta as regras de concordância verbal e nominal, as quais constituem substancialmente a polarização sociolinguística. Para revelar essa realidade, é preciso, portanto, combinar os dados da frequência de uso dessas variantes com os dados da avaliação subjetiva, evidenciando, assim, que o comportamento linguístico está na base da avaliação para uma posterior variação/mudança. Quando essa combinação se relaciona aos dados da tendência de implementação de regras, gera resultados que confirmam a existência das variantes médias, provando que a mudança não ocorre de forma abrupta, mas de forma gradual e que, quando atinge diferenças qualitativas, é confirmada a polarização sociolinguística.

Com base no modelo teórico proposto, Lucchesi amplia a área de pesquisa sociolinguística, ao sistematizar a polarização sociolinguística, mediante dados empíricos que complementam análises já realizadas nesta área. A partir disso, é possível, com seu trabalho, levantar ques-

tões ainda não suscitadas, com o intuito de respondê-las e orientar futuras pesquisas empíricas.

Por fim, o autor reconhece que é necessário muito mais do que pesquisas e análises sociolinguísticas para enfrentar o preconceito linguístico. O conhecimento científico precisa derrubar os limites da academia e atingir um debate social para que a norma-padrão deixe de ser considerada como conceito ideal e absoluto de língua pelo senso comum, e para que possa ser travada a luta ideológica por uma sociedade e língua mais democráticas.

## Preconceito e intolerância na linguagem

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e Intolerância na Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção linguagem & ensino)

Jamile Rodrigues<sup>1</sup>

A obra desenvolve um tema atual, no caso a intolerância e o preconceito que muitos sofrem devido a vários fatores, como, por exemplo: regionais, sociais, econômicos e o mais importante para a nossa discussão, o fator linguístico.

De forma didática, o objetivo da autora é fazer entender que não precisa ter relevante conhecimento sobre a área da linguística e gramática para perceber que qualquer pessoa pode cometer o preconceito linguístico e ser intolerante com a maneira individual que cada um se expressa. Ela sugere que antes de agirmos com intolerância e conceitos prévios sobre o discurso nos atentemos para a origem da fala do outro.

A autora da obra é Marli Quadros Leite, professora titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na Universidade de São Paulo. Tem mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado pela University of Pennsylvania (EUA) e pela Université de Paris VII - Diderot. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atua, principalmente, nos seguintes temas: historiografia linguística, norma e uso linguísticos, oralidade e escrita.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português (UFRR).



O livro faz parte da coleção linguagem e ensino, composta por nove exemplares que tratam da linguagem como tema principal. Este livro se compõe de quatro capítulos e dentro desses há vários subtítulos que formam a obra, tomando como referências os discursos políticos e falas selecionadas aleatoriamente do ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, algumas publicações da *Revista Veja*, do Jornal Folha de São Paulo e outros textos.

No primeiro capítulo, Preconceito e Intolerância na linguagem: algumas reflexões, a autora destaca o exemplo do preconceito sorrateiro, que quase nunca é percebido de início. O maior alvo desse tipo de preconceito é o povo nascido no Nordeste, em seguida há o exemplo de uma crítica jornalística ao comentar as falcaturas cometidas pelo Senador Renan Calheiros:

[...] Para completar, Renan Calheiros não é qualquer um. Preside o senado. Foi aliado de todos os governos pós-ditadura militar: Sarney, Collor, Itamar, FHC, e Lula. Tem sotaque nordestino. É o protótipo do político marcado para ser detestado no sul e no sudeste - mesmo que os eleitores dessas regiões despachem para Brasília certos clones caucasianos do mesmo Renan. (Pag. 18)

O texto não denigre apenas que o senador pode ser odiado por sua origem, mas também que todos os políticos nordestinos são desonestos, sugere ainda que os sulistas e sudestinos, odeiam os habitantes e o sotaque do Nordeste, e que somente o povo da região Sul e Sudeste são homens brancos (caucasianos) que raramente seriam desonestos, e

ainda que essas características não são pertencentes a outras regiões dando entender também um dos preconceitos mais cometidos, o preconceito racial. O jornalista poderia ter optado por uma linguagem do tipo: “É desonesto. É o protótipo do político marcado para ser detestado no país inteiro”, mas não o fez, validando assim de forma capciosa as afirmações publicadas.

De primeira mão, reconhece que o preconceito e intolerância são termos semelhantes, porém há diferença entre seus conceitos. O preconceito é um conceito pré-formado sobre algo ou alguém que é concebido sem um exame crítico, já a intolerância é a não admissão de uma opinião divergente, pois um indivíduo tem a incapacidade de conviver com uma ideia que se diferencia da dele, resultando muitas vezes em reações violentas ou agressivas a alguém. A diferença entre os dois conceitos é um traço semântico, que registra na intolerância uma reação explícita a uma ideologia a qual se objeta. Ao contrário do preconceito que pode ou não existir sem jamais se deixar revelar, por isso ele ocorre antes do julgamento.

No entanto, o preconceito e a intolerância são influenciados por vários fatores, um deles é a distinção de classes, as menos favorecidas em sua maioria são ocupadas por pessoas pobres, negras, com baixa escolaridade e, muitas vezes, se situam em regiões secas nas quais predominam a fome e a miséria. Já as classes mais favorecidas são ocupadas quase sempre por pessoas de alto escalão, brancas, ricas, com um grau de escolaridade muito mais elevado e são reconhecidas socialmente devido ao seu poder financeiro.

No segundo capítulo, Vestígios do preconceito linguístico na imprensa, em uma entrevista a Aguinaldo Silva, autor da novela “Senhora do Destino”, na qual se relata a história da personagem mulher, nordestina e homossexual, ele afirma que o povo brasileiro sempre foi tolerante, mas ainda assim, para abordar esses temas sociais em sua novela, teve que tomar as devidas precauções, tendo todo o cuidado na exposição das faces das personagens, construindo uma boa imagem, para que todas as suas qualidades se revelassem antes de mostrar o que a personagem realmente era, o que para muitos era e ainda é encarado com grande escândalo.

Como justificativa para essas precauções, o autor fala que escreveu a história não apenas para os tolerantes, e sim para todos, pois primeiro fez com que o público simpatizasse com as personagens, para depois manifestar suas verdadeiras personalidades, o que resultou no “suportar” do telespectador.

Como exemplo dessa não aceitação, mas de uma maneira um pouco diferente, o autor da novela também cita o caso entre um favoritismo por Lula contra Severino Cavalcante, ambos de mesma origem. Ele relata que o preconceito acontece mais com Severino devido a um acolhimento paulistano que Lula tem, para compreender esse fenômeno a sociosemiótica abordada por Landowski (1997) trata da assimilação versus exclusão: aquele acontece quando um indivíduo é exposto às características culturais e costumeiras do local em que se encontra, caso o indivíduo absorva e adote a cultura, ele é acolhido e bem

tratado pela população, porém se isso não ocorre, acontece o processo de exclusão desse indivíduo.

Para retratar o preconceito ocorrido em notícias, a autora apresenta uma palestra na qual o ex-presidente Lula usa com ironia a palavra “interveio” ao invés de “entreviu”, para demonstrar claramente que ele é ciente do preconceito que sofre por seu modo de falar, em seus discursos são presentes expressões, como: “bichinha”, “puxadinho”, “arriada”, “bifinho”, que marcam o falar da sua região.

Preconceitos em crônicas e congêneres também são frequentes, o “achar graça” de certos enganos da fala reflete em sua maioria aos pobres. Para exemplificar essa situação, a autora cita a crônica “Tropeços- a graça e a lógica de certos enganos da fala”.

[...] pediu uma escada, subiu, desceu, apalpou em vários pontos e deu seu diagnóstico: - não adianta pintar. Aqui tem muita humildade. Levei segundos para compreender que ele queria dizer “umidade” [...] (Pag.44)

Afinal, essas gafes nas palavras não são cometidas apenas por pessoas economicamente pobres, outro motivo para que isso ocorra são os enganos causados por ruídos na comunicação, o receptor do discurso muitas vezes não compreende a fala do emissor o que gera uma espécie de telefone sem fio, transmitindo a palavra diversas vezes de maneira que cada falante a reproduza da forma que ouviu.

No terceiro capítulo, A imprensa linguisticamente intolerante, a autora se utiliza de artigos de opinião que

tratam do português “mal” falado por acaso ou não, dentre as vozes citadas é apresentada novamente a forma de fala do ex-presidente Lula, que utiliza um português “companheirês” para direcionar-se ao eleitorado de forma que facilite a compreensão, não fazendo jus à desqualificação do dialeto do brasileiro, pois o presidente fala igualmente o povo, mas quando quer pode empregar a norma padrão da língua.

Também há intolerância por parte das crônicas, na obra é apresentada a crônica “Certo ou errado?” como exemplo, que menciona a grande mudança na linguagem da internet que causa a troca de palavras por expressões mais fáceis de entender, segundo a autora a crônica era boa, mas poderia ter ficado sem a seguinte reflexão “Quem não sabe falar ou escrever provavelmente não articula bem os pensamentos”, a intolerância carrega a lógica que, se não sabe falar (a norma culta) não é capaz de formular pensamentos coerentes.

A linguista ainda afirma que essas formas padrões são apenas balizadores, consideradas como parâmetro para a língua falada constantemente pela sociedade, porquanto a língua muda conforme as mudanças sociais. Nem mesmo o melhor artigo científico pode definir e apresentar as regras de seu funcionamento, e essas pessoas convencidas de que não sabem falar português, alimentam o mercado editorial comprando manuais que “ensinam os brasileiros a falar e a escrever melhor”.

A autora denuncia a intolerância da imprensa com os linguistas. Na obra ela apresenta um relato do professor

Luís Antônio Marcuschi no qual ele afirma que o jornalista quando publicara a matéria modificou sua fala, deixando a entender que os alunos devem ser “adestrados” nos diversos gêneros de escrita, o que não condiz com a fala do linguista, pois ele afirma que a escola deve dedicar-se ao ensino dos diversos gêneros discursivos, e o jornalista alegou ainda que a palavra era aceitável, e que estava de acordo com o dicionário Aurélio.

No quarto e último capítulo, *A educação afetada pela intolerância ou preconceito da linguagem*, a teórica apresenta gráficos, tabelas e charges para demonstrar as diferenças e as implicações que a língua culta traz à língua falada pela maioria dos brasileiros. Implicações estas que causam incertezas e questionamentos em qualquer pessoa que esteja interessada em saber como “falar correto”. Ela fala da norma culta, comum e popular e afirma que a intenção da intolerância linguística é deixar claro que o caminho da exclusão é falar mal. Retrata o desencontro entre gramática e linguística, pois aquela não se intitula como manual de língua, mas como a própria língua, ao contrário desta que mostra a língua em uso real, preocupada com o contexto e origem do falante.

A obra interessa a qualquer público, dentre eles jornalistas, educadores, linguistas e pesquisadores afins na área da comunicação. Possui linguagem simples, sem muitos termos complexos, o que facilita a leitura e compreensão, está repleta de exemplos de questões sociais atuais, tais como as diferenças entre classes, desigualdade de favoritismo da imprensa com os linguistas comparado aos gramáticos, ata-

ques dos jornais, revistas e periódicos ao discurso do ex-representante do maior cargo público do país. A questão retratada em toda a obra é basicamente a intolerância e preconceito existente à forma de fala do outro.

Essa realidade trazida pela autora serve como luz para aqueles que se enganam ao pensar que a norma culta está presente na fala da maioria. Com argumentos precisos, ela refuta todas essas ideias equivocadas que a minoria falante tenta impor.

Não é a primeira vez que uma obra traz à tona essa problemática, outros linguistas e pesquisadores já abordaram esse tema, e ainda assim é impossível não falarmos sobre isso, pois o preconceito e a intolerância são marcas presentes e impulsionam várias discussões na atualidade.

## A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Gislayne dos Santos Costa<sup>1</sup>

O livro *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*, de Marcos Bagno, professor da Universidade de Brasília e pesquisador associado do Instituto da Língua Galega, da Universidade de Santiago de Compostela, também atuante na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil, bem como em questões pedagógicas sobre o ensino de português no Brasil, é dedicado ao estudo sobre como e até que ponto a norma gramatical rege a nossa fala, propondo reflexões instigantes a respeito da relação entre língua e poder no Brasil, apontando como essa relação se dá e as consequências que causam na sociedade.

O livro se divide em um prólogo, três capítulos e um epílogo. Apesar do livro ter sido lançado em 2003, ainda assim no traz em cada momento um levantamento de informações relevantes e atuais acerca da influência de ter ou não um certo status linguístico. Desta forma, Bagno desenvolve sua obra caminhando por diversos conceitos, que vão dos efeitos da mídia acerca de como se fala, um olhar histórico sobre as línguas, a ideia de uma nova gramática até finalizar com pontuações sobre o tema do livro.

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação de Letras-Português/Inglês (UFRR).



Bagno inicia o desenvolvimento propriamente dito com um prólogo intitulado *Mídia, preconceito e revolução*, subdividido em alguns tópicos, bem como os demais capítulos, em que assinala os efeitos da mídia sobre a língua, destacando principalmente como a mídia tratou o modo de falar do então presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, bem como o preconceito que ronda a língua e o falante.

O autor nos mostra recortes de famosos jornais em que seus correspondentes, os que se colocam como a casta letrada da sociedade, se propuseram a expor a imagem de Lula por causa da falta de uma fala dita 'cultá', fato que supusesse ser pré-requisito para tal cargo. Partindo disso, Marcos Bagno afirma que o preconceito não é apenas linguístico, mas também social; e que a língua, como parte integrante do falante, não pode ser avaliada de acordo com o status linguístico e social.

No capítulo 1, *Por que "norma"? Por que "cultá"?*, a discussão se volta à duplicidade que o termo "norma culta" carrega. Para salientar sua preocupação com este termo, o autor procura mostrar, de acordo com definições dadas no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, que a palavra 'norma' pode ser aplicada tanto ao uso corrente e normal, quanto ao uso normativo e prescrito da língua.

Para Bagno, alguns conjuntos de conceitos levaram a rotular essa 'norma culta' como um processo inerrante de uma língua ideal, e um deles é que tais rótulos estão dentro das gramáticas, em que grupos de estudiosos da língua, que ele chama de "estilistas" prescreveram como se deve falar; e que, segundo o autor, se baseiam num

tipo alegórico de atividade linguística. Esse modelo dado como correto, não condiz com o modo variante da língua, explicando, por exemplo, o porquê de tantas pessoas declararem “não saber português”.

O termo ‘norma culta’, dentro dos sentidos que abriga, também provoca a ponderar que apenas parte da sociedade, aquela que pertence a segmentos sociais mais favorecidos e escolarizados, é que faz o uso da linguagem dita adequada pelas gramáticas, questão que Bagno aponta como um pensamento problemático, pois não designa uma terminologia ideal.

O que Marco Bagno propõe então é que haja um termo, que ele chama de norma popular, que abranja a língua em todas as suas camadas sociais, mas sem incorrer no erro de apontar esta língua como errada, inconveniente etc, dando liberdade de expressão ao falante considerado de classe baixa ou sem prestígio.

O capítulo 2, *Um pouco de história: o fantasma colonial & a mudança linguística*, vem nos trazer um sobrevoo histórico sobre as mudanças linguísticas ocorridas em nosso país. Para tanto, o autor inicia mostrando como estudiosos da língua distinguem a norma-padrão e o português brasileiro, daquilo que existe na mente das classes privilegiadas, ao funcionamento real, a língua falada e escrita dos indivíduos brasileiros de cada ponto do país.

Esta distinção, no ponto de vista de Bagno, parte para uma divisão entre variedades prestigiadas e variedades estigmatizadas, em que os falantes cultos julgam estar acima dos outros e mais próximos da norma-padrão. Sendo que o

acontece, na verdade, é que essas duas variedades tendem a se nivelar já que a língua está em constante mudança.

Estas mudanças ocorrem em qualquer língua cujo país tenha a influência de uma língua majoritária, como no Brasil, que apesar de contar com falantes de pelo menos 200 línguas diferentes, o que acarreta um maior estranhamento no modo de falar das classes mais ou menos abastadas, ainda não são suficientes para ter maior importância do que a língua portuguesa; língua essa que forma nossa identidade linguística.

O problema identificado pelo autor, é que os próprios brasileiros autodepreciam a língua que falam. Não apenas os “letrados” rebaixam os de pouca escolaridade, mas como eles mesmo ridicularizam a língua daquele que se encontra num mesmo nível. O autor sugere então que o motivo desta depreciação da língua venha de séculos atrás, de períodos coloniais, quando o Brasil ainda era uma extensão de Portugal.

Nesta época, o Brasil tinha a norma linguística definida de acordo com os critérios de Portugal, inclusive tendo como fato marcante a proibição, pelo primeiro-ministro Marquês de Pombal, do ensino de qualquer outra língua que não fosse o português de Portugal. Mesmo com essa proibição, o português continuou sendo de uso minoritário, prevalecendo assim o uso do tupi e tupinambá.

A interdição de Marquês de Pombal quanto ao uso da língua mostra, segundo Bagno, um dos primeiros protótipos de tentar padronizar a língua a custo da extinção de outras. Gradualmente as línguas minoritárias foram

sendo extintas e a língua portuguesa tomou conta, tornando-se assim a língua majoritária. Para o autor, este fato prova que a elite brasileira repudia e se envergonha da própria língua desde o período colonial, recusando-se assim a atribuir valor às línguas da nossa terra, ressaltando também o deslumbre e relevância que o povo brasileiro dá as 'coisas' que vem de fora.

Dito isso, o autor destaca que essas fases de mudanças na língua foram discutidas dentro de um pequeno grupo de pessoas, o qual ele pontua como sendo os homens, brancos e de poder político, sem levar em conta o restante da população, as mulheres, os escravos, os indígenas, e demais grupos sociais que existem. O que levou a conservar a língua portuguesa vinda de Portugal como a correta e imutável.

Embora todo este drama linguístico tenha ocorrido, a língua vinda de Portugal não prevaleceu, e a história da sociedade brasileira evidencia essas mudanças linguísticas. A questão lançada pelo autor, ainda é nos motivos pelos quais a sociedade letrada insiste em manter uma norma-padrão, em algo embasado nas literaturas antigas e gramáticas estáticas, sem ponderar o constante movimento a língua.

Para finalizar este capítulo, Bagno diz que este processo ainda assombra o sistema linguístico, já que atribui maior valor ao caráter social do falante em detrimento da língua. Afirma ainda que falta os linguistas tomarem uma atitude de reformar a norma, atribuindo as verdadeiras formas de ver a língua sem que isto seja influenciado pelos padrões impostos.

Partindo do viés de uma reforma na norma-padrão, o autor busca apresentar em seu terceiro capítulo, *Por uma gramática do português brasileiro*, a necessidade de se ter uma gramática do nosso português elaborada por investigadores focados na nossa realidade linguística. É interessante que Bagno defende ser necessário ter uma gramática regendo a língua, pois entende que há uma parte da população a qual depende das regras e das normas quando se deparam com escritas mais elaboradas. Como não há esta gramática que abriga o português real, é natural que os falantes recorram às gramáticas tradicionais; e aí mora o perigo, segundo o autor.

As gramáticas tradicionais são prescritivistas e regidas por compêndios normativos que dão vazão ao (pre)conceito linguístico. É importante salientar que, em nenhum momento, a proposta do autor é que as gramáticas sejam descartadas, mas adverte que precisamos estar em alerta quanto aos seus conteúdos, já que não são fruto de trabalhos metodológico científicos que abrem espaço à língua do dia-a-dia.

Outro problema das gramáticas é que algumas delas estão fundamentadas em obras de renomados poetas, como Machado de Assis, José de Alencar e entre outros. O problema em si não está nos escritores, mas em usar as suas produções como modelo para a forma que os brasileiros devem fazer o uso da língua. Estes poetas tem um formato de escrita bastante peculiar, portanto, não faz sentido que sejam o padrão da língua.

Como exemplo da língua real que falamos, o autor destaca o uso do pronome “ele” como objeto direto, citan-

do alguns exemplos como: “Antônio Balduino, que antes estava com pena e achava *ELA* bonita, ficou com raiva”, (trecho retirado do livro *Mar Morto*, de Jorge Amado), e também, da Folha de S. Paulo: “Valdir promete reforçar sua tese de que só falta *ELE* na seleção: “Tenho certeza de que ainda irei à Copa do Mundo este ano”.

Para o autor, usar este pronome não é uma infração grave, não causa nenhum desentendimento no diálogo, e nem é um recurso usado apenas pelas classes estigmatizadas. Segundo ele, nós encontramos o emprego deste pronome dentro da fala de qualquer pessoa, sem importar sua raça, cor, profissão, escolarização etc, bem como em trechos poéticos ou da imprensa, como vimos nos exemplos.

Bagno sugere então a criação de duas gramáticas distintas. A primeira gramática seria descritiva e conteria a maior variedade possível do português, de todas as classes e regiões; a segunda é de referência, para servir como material de consulta à medida que houvesse necessidade para elaboração de textos mais científicos. Essas gramáticas seriam para mostrar que existem outras opções de escrita e fala além da padronizada, opções válidas e de livre escolha do falante.

O exemplo da ideia de Bagno vem do linguista brasileiro Mario A. Perini que, em 2002, lançou nos EUA uma gramática chamada *Modern Portuguese: a Reference Grammar*, específica para falantes da língua inglesa que se interessam em estudar o português. Perini expõe o português da forma mais real possível, realçando os usos mais cotidianos, propondo ensinar aos estrangeiros como a língua

é realmente falada no Brasil. Mais uma vez é afirmado que a intenção não é negar que há uma forma padronizada, mas apenas de mostrá-las dentro do espaço que ainda as pertence, antes do desaparecimento total, aponta Bagno.

Na última parte do livro, um breve epílogo intitulado *Norma [o]culto, a gramática não escrita*, o autor inicia mostrando que o título do livro *Norma Oculta* faz referência ao jogo ideológico do aglomerado de regras existentes para padronizar a língua. Regras estas que supostamente são satisfatórias para a ascensão do falante ao sistema letrado.

Bagno finaliza seu livro mostrando que a verdade é que o poder da norma culta está tão incrustado na sociedade, que não se trata mais apenas de um preconceito linguístico, mas social. Que estas regras são tão intransigentes que aqueles de classes mais abastadas são reprimidos pelo próprio medo de falar 'errado'.

Por fim, em aspectos gerais, a obra de Marcos Bagno possibilita uma profunda reflexão sobre como aceitamos a língua e, talvez, ainda mais denso do que isso, de como aceitamos o falante. É um livro bem organizado, com ideias claras e objetivas do início ao fim. Para aqueles que se interessam por esse viés de estudo o livro tem muito a contribuir.

## Gramáticas na escola

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra. *Gramáticas na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Lírian Oliveira Lira<sup>1</sup>

A obra *Gramáticas na escola* apresenta uma perspectiva científica sobre as línguas, convidando o professor a refletir acerca do ensino da língua portuguesa em sala de aula e incentivando-o a construir novas gramáticas diante da língua falada habitualmente pelo aluno. Esse modelo oral de língua é constantemente suprimido dentro da escola, fazendo com que o estudante apresente dificuldades e falta de interesse pelo ensino global de língua portuguesa.

O livro foi elaborado por Roberta Pires de Oliveira, professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, com Pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology (MIT), de 2004 a 2005, e em Harvard University, de 2012 a 2013, com financiamento da CAPES. Atua na área da Semântica e Pragmática de vertente formal; Filosofia da Linguagem; Filosofia da Linguística; Linguística Aplicada; Educação; e Sandra Quarezemin, professora doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que atua na área de Teoria e Análise Linguística, especificamente na Sintaxe Gerativa.

O livro se divide em cinco capítulos cuidadosamente trabalhados para que possamos refletir desde o processo tradicional de ensino da gramática em sala de aula até a

---

<sup>1</sup>Aluna da graduação em Letras- Português/Espanhol (UFRR)



compreensão de como modificar e interagir com a gramática falada habitualmente pelo aluno.

O capítulo 1, *Gramáticas: rota alternativa para aulas de português*, inicia com uma breve explanação da importância da linguística na formação do professor, afirmando que esse conhecimento pode ser de grande utilidade não só dentro de sala de aula, mas também um lugar significativo no ambiente escolar como um todo. Baseando-se nas experiências didáticas de Chomsky et al. (1985), defendem que a reflexão sobre a língua natural auxilia na compreensão escolar no ensino de ciências e matemática, além de desenvolver a capacidade de leitura e escrita. Discorrem sobre a legitimação da língua que falamos como nossa identidade linguística e sobre como as escolas engessam o ensino da língua portuguesa sem atribuir ao estudo um caráter científico que faça o aluno olhar curiosamente para o fenômeno natural da língua.

Em certo momento, ponderam sobre a trajetória da linguística como ciência e como ela modificou o ensino de língua portuguesa nas escolas, ainda que mínima, houve uma leve interferência iniciada após a década de 1970. Pires de Oliveira e Quarezemin criticam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para Ensino Fundamental afirmando que, a reflexão linguística não está representada nos PCNs. Mesmo com pesquisas publicadas na época de 1960 e 1970, os PCNs, publicados em 1997, não apresentam perspectivas naturalistas e lidam com a gramática de forma tradicional e normativa, sem perspectiva de construção de novas gramáticas edificadas pela fala do aluno.

No capítulo 2, *Gramáticas e faculdade da linguagem*, aprofundam o conceito de perspectivas naturalistas e explanam sobre as diferentes visões de gramáticas, focando na gramática que não é ensinada em sala de aula; e afirmando que devemos ensinar os alunos a serem cientistas e fazer com que eles procurem as razões pelas quais falamos de maneira diferente daquela proposta pela gramática normativa.

Explicam que o medo de extinção de uma língua fez com que a gramática normativa tivesse uma importância ímpar, apreciada até hoje, embora saibamos que a faculdade da linguagem e construção de uma língua são próprias do ser humano. Noam Chomsky defende a versão de termos um componente genético ligado a línguas naturais, uma estrutura linguística comum a todas as línguas que nos faz capaz de aprender e de criar novas línguas desde que dentro dessas estruturas pré-determinadas pelo cérebro.

Dentro desse cenário, as autoras dão sugestões de atividades em sala de aula com a finalidade de entender o funcionamento das línguas naturais e compreender como as crianças “aprendem” uma língua sem esforço, mesmo sem frequentar uma escola.

No capítulo 3, *Construindo gramáticas O método científico na escola*, Oliveira e Quarezemin falam da linguística como ciência e do quanto ela ajuda na compreensão de aprendizagem de ciências e matemática; e ilustrando como seria interessante se utilizássemos essa mesma premissa para o ensino da gramática, tratada nas escolas de forma automatizada, no sistema de decorar regras sem a

preocupação do porquê que essas ocorrências gramaticais existem e porquê podem ocorrer variações.

As linguistas apontam atividades que em classe podem estimular a construção de novas gramáticas, comparando o desempenho dos alunos que construíram gramática com aqueles que continuaram com o estudo da gramática normativa. Isso é um incentivo para que a escola dê voz ao aluno, ao contrário do que ocorre comumente: a escola de hoje condena sua gramática habitual, fazendo com que o estudante se sinta retraído quanto ao ensino de língua. Ainda no decorrer desse capítulo, as autoras explanam alguns conceitos científicos indicando que eles podem estimular nos alunos uma aproximação do estudo científico da língua.

No quarto capítulo, *A gramática do português brasileiro (PB)*, há uma breve comparação entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), na qual apresentam sobre suas características e diferenciações; e explicam como o português brasileiro sofreu variações que podem fazer do PB outra língua que não o PE. Para isso discutem diferenças entre essas duas variações no intuito de elucidar esse acontecimento.

Segundo as teóricas, o PB vem perdendo marcas morfológicas para a marcação do plural em todos os elementos, deixando espaço somente à marcação no elemento mais à esquerda da sentença. Quanto ao sujeito nulo não mais tão comum no PB, é possível verificar a marcação do sujeito, mesmo sem necessidade, na fala: “(9) a. No Brasil, nós vivemos no futuro não no presente. / b. Eu pensava que eu sabia matemática”. (p. 129)

Ainda nessas comparações entre variantes do português, analisam sentenças dentro do discurso que podem ser válidas no PB, porém não no PE. Além de sentenças interrogativas que podem ser gramaticais para uma e não para outra. Essas entre outras formas utilizadas no Brasil que não são consideradas gramaticais em Portugal servem para instigar ainda mais os linguistas a busca da solução do PB como uma língua diferente do PE.

No último capítulo, *Falando no concreto Gramáticas na sala de aula*, as autoras concluem concordando com a fala de Geraldi (2006) em “Pesquisa em Linguagem na Contemporaneidade”, no qual ele sugere a radicalização “na defesa de outras manifestações verbais como tão importantes ou até mais importantes do que aquela que a tradição elevou à categoria de cânone”; e completam que “é preciso olhar para o português da gente que diz *Os menino tudo saiu* e muitas outras gramáticas” (p. 165)

O livro tem uma temática interessante do ponto de vista da situação do ensino de gramática em nossas escolas, tentando ingressar de maneira mais prática e mais atrativa em classe para que os alunos se interessem pelo estudo da língua e ainda facilite seu entendimento em outras áreas de estudo. Tem como objetivo maior passar ao leitor uma mensagem de que podemos fazer diferença dentro da escola e fazer do estudo da língua algo tão científico como o estudo das ciências ditas exatas.

As autoras utilizam uma forma didática e bastante exemplificada tornando a obra agradável e de fácil compreensão. Mesmo quem não tenha conhecimento aprofun-

dato sobre linguística consegue trazer para si as discussões levantadas pelas estudiosas.

## O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas

Ellyda Natany Estevam da Silva<sup>1</sup>

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Rosa Virgínia Mattos e Silva foi uma das autoridades no estudo da história da língua portuguesa, Graduada em Línguas Anglo Germânicas pela UFBA, fez mestrado em Letras pela UNB e obteve doutorado em Linguística pela USP e Pós-doutorado pela UFRJ. Dedicou-se com afinco à criação do Programa da História da Língua Portuguesa (PROHPOR) da UFBA, que reúne pesquisadores das mais variadas tendências linguísticas, cujo objetivo principal é o estudo da constituição histórica da língua portuguesa desde o período arcaico (a partir do século XVI) para a investigação do português brasileiro.

*O Português são dois... Novas fronteiras, velhos problemas* é uma coletânea de artigos da autora. O livro possui duas edições, a primeira foi publicada em 2004 e a segunda em 2006, respectivamente. Abordando uma questão já bastante debatida, a autora dá sua contribuição ao fazer um esboço da história do português brasileiro e do desenvolvimento da escolarização no país para tentar explicar a atual situação do ensino de língua materna nas escolas. Com base em dados empíricos cada vez mais analisados pela Linguística,

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português (UFRR).

Mattos e Silva procura mostrar em linhas gerais, orientações que são mantidas pelas gramáticas e que direcionam o ensino do idioma nacional no contexto da heterogeneidade dialetal brasileira, apresentando, inclusive, aspectos da sintaxe vernácula que divergem da norma-padrão recomendada pela tradição gramatical oficial, as quais, por sua vez, ignoram as variantes em convívio nos usos linguísticos de alunos e professores. Os critérios apresentados no texto ilustram a diversidade sociolinguística do Brasil e apontam para uma nova gramática divergente da norma-padrão tradicional, preconizada para ser difundida pelo ensino do português no processo de escolarização.

No primeiro capítulo, dizem que “vai mal o vernáculo do Brasil”, a autora descreve os problemas do sistema de ensino brasileiro e exemplifica como essas falhas afetam os alunos desde o ensino fundamental, até os universitários que dizem que “não dominam a língua” (MATTOS E SILVA, p.14). Vai mal o vernáculo no Brasil por causa da carência linguística da norma culta dos jovens que chegam à universidade - problema esse que está enraizado na má formação do professor -, esses estudantes portam de normas dialetais da comunicação oral, que refletem a diversidade social e regional de onde provêm. Com isso, a autora evidencia que a caracterização socioeconômica e regional dos estudantes, se reflete nos usos linguísticos que utilizam na sua fala que é, como não poderia deixar de ser, a base de sua escrita que embora medeiem entre a alfabetização e a chegada à universidade, que são ao total doze anos, período esse que o ensino do português obje-

tiva treinar os estudantes para a aquisição da norma linguística da gramática prescritiva.

Com esse rápido diagnóstico, a autora denomina que esse empobrecimento linguístico dos universitários deve ser entendido como o resultado de um processo socioeconômico e cultural complexo, que poderá ser sanado com medidas complexas e que exigem não uma revisão ou reformulação, mas uma verdadeira revolução na política e, portanto, na ideologia que preside a educação no Brasil.

No segundo capítulo, a diversidade linguística, língua de cultura e ensino de português, a autora deixa claro que qualquer indivíduo que entre na escola para ser alfabetizado em sua língua materna já é senhor de sua língua, na modalidade oral própria à sua comunidade de fala. A partir desse princípio, qualquer trabalho de ensino da língua materna se constitui em um processo de enriquecimento do potencial linguístico do falante nativo, não se perdendo de vista a multiplicidade de comunidades de fala que compõe o universo de qualquer língua natural, multiplicidade que, segundo a autora, variará de acordo com as características de cada uma, enquanto língua histórica. O objetivo do ensino da língua portuguesa é o domínio da língua de cultura, sem estigmatização das variedades adquiridas no processo natural de socialização.

Assim sendo, o ensino e a aprendizagem da língua materna se define em um processo mútuo de intercâmbio linguístico entre senhores da matéria, diferentemente do que ocorre, em geral, no ensino e aprendizagem de outras disciplinas, em que o professor é o senhor quase absoluto do saber.



No terceiro capítulo, a diversidade do português brasileiro e seu ensino aos indígenas, tem como objetivo esclarecer a questão da transmissão sistemática do português aos povos indígenas no âmbito da discussão do ensino da língua portuguesa no Brasil, e no âmbito da discussão sobre alfabetização e literização dos índios. Se hoje um ensino de português padronizado nacionalmente é questionado para com os segmentos nacionais portadores do português como língua materna, a questão se torna, muitas vezes, mais complexa quando se trata de literatização por aprendizagem sistemática, isto é, via escola, de segmentos nacionais portadores de outras línguas como língua de berço.

A autora aborda os seguintes questionamentos sobre a educação indígena: 1) educação para o índio ou educação pró-índio? 2) em que língua conduzir o processo de literatização? Em línguas indígenas? Na língua portuguesa? Educação bilíngue? Bi alfabetização?. É preciso lutar pela preservação das línguas indígenas, fomentando a sobrevivência de suas sociedades nos seus territórios originais, para que não percam o desejo de manter suas línguas de berço, transmitir a língua portuguesa por meio da escola, na medida das solicitações, que certamente refletirão necessidades aculturativas reais de cada sociedade indígena. Portanto, a política linguística adequada é aquela que defende a diversidade linguística brasileira, no que se refere ao multilinguismo (línguas indígenas/língua portuguesa) como ao multidialeto na língua portuguesa.

No quarto capítulo, Língua portuguesa novas fronteiras, velhos problemas, a autora exemplifica o complexo

problema da educação brasileira retomando a nossa história, mais especificamente o período do descobrimento. Mattos e Silva traz dados preocupantes sobre as línguas indígenas. Quando os portugueses chegaram aqui ao Brasil, falavam-se cerca de 1.500 línguas indígenas, e a maior parte da população, até o século XVIII, era formada por índios, seguida pelos negros. Com o decreto do Marques de Pombal, em 1757, e a expulsão dos jesuítas das terras brasileiras, não só a língua e, conseqüentemente, a cultura, mas toda uma população formada por índios sumiu do mapa, de modo que os nossos índios hoje não passam de um pouco mais de 211 mil indivíduos e de suas línguas só restam aproximadamente 170, sofrendo ainda o risco de desaparecerem devido à vivência/convivência com a língua portuguesa nos limites do território brasileiro.

A autora acusa a educação brasileira de ser tão etnocida, genocida e glotocida, quanto o foi durante todo o período colonial. Esse fato pode ser notado, segundo a autora, nas políticas educacionais que não visam à preservação das línguas indígenas em aquisição a uma segunda língua, nesse caso, a portuguesa.

No quinto capítulo, Diversidades linguísticas brasileiras e o ensino do português, a autora defende o fato de que para o ensino de língua materna seja menos opressor e mais igualitário. A primeira atitude a ser tomada é reconhecer a heterogeneidade da língua, acabando com o mito de que o português brasileiro é um só. Reconhecendo que há diversidade de língua, se reconhecerá mais facilmente que existe também uma diversidade dialetal e que essa di-

versidade é de ordem diversa – econômica, política, geográfica, escolar etc. –, sendo algumas delas prestigiadas e outras não. Aos profissionais de educação cabe o desafio de reinterpretar o mito de que vai mal o vernáculo no Brasil, pois a mudança na educação, tem de partir primeiro de uma mudança de mentalidades entre aqueles que trabalham no ensino e, é claro, que a efetivação de tal mudança tem de ter a infraestrutura material que só o Estado, detentor do poder e do dinheiro, pode pôr em prática.

Diante de tais impasses, há muito ainda por se fazer, mas é preciso notar, segundo a autora, que alguma coisa já foi feita. De um modo ou de outro, as escolas já começam a aderir aos avanços conseguidos pelos estudos linguísticos no nosso país, apesar dessa aderência acontecer de modo tímido. Cobram-se dos linguistas que construam um instrumento pedagógico adequado para atender as novas necessidades do ensino de língua materna. Os primeiros esboços já surgiram, um da autoria de Miriam Lemle e outro, de Mário Perini. Não nos foge também a contribuição que tem feito há algum tempo o projeto dos estudos da fala na Norma Urbana Culta (NURC) de cinco capitais brasileiras, analisando as ocorrências na fala de seus falantes.

No sexto capítulo, a autora faz um discurso sobre que gramática ensinar, quando e por quê? Considerando, pois, o tratamento que é dispensado ao ensino de língua em muitas instituições públicas de ensino, Mattos e Silva escolhe um dos versos mais significativos da poética de Carlos Drummond de Andrade – ao qual lhe deu o nome de sua obra-, *o português são dois* -. Qual o portu-

guês que aprendemos na escola? O que usamos no dia-a-dia, ou aquele que nos é misterioso, desconhecido? É inaceitável o uso exclusivo da gramática normativa nas práticas de ensino. O uso, e isto já está muito claro, registrado em estudos diversos de linguistas competentes, difere da norma. Ao invés de ensinar a norma, é preciso ensinar as normas que regem o uso da linguagem, seja ela escrita seja ela oral.

A autora defende que uma prática escolar equilibrada tem de adequar seus instrumentos pedagógicos a sua metodologia para o ensino do português brasileiro como língua materna, e ajustá-los a uma realidade linguística e social que não só deve como pode ser ignorada. Trabalhar com a realidade da língua é um bom começo para que se institucionalize um ensino laico.

As línguas mudam, e isto não significa que elas estejam em decadência ou desaparecendo. Seu desenvolvimento e destinos estão concomitantemente ligados a fatores históricos e só morrerão se morrerem seus falantes, ou se aqueles não sentirem mais necessidade de seu uso.

Assim, basta dizer que as pessoas usam a língua, e a usam muito bem de acordo com seu ciclo social, faixa etária e domínio do assunto abordado. Com muito trabalho, perseverança e pesquisa é possível sim desconstruir o mito de que português é uma língua difícil, acessível apenas a uns poucos. O português não é somente dois, mas muitos, e são esses muitos que precisam ser incorporados ao ensino. O outro, que é mistério, é o desafio dos professores e alunos deste novo século: desvendá-lo.

Cabe, portanto, ao ensino de português nas séries escolares fazerem com que os indivíduos perceberem que a aquisição linguística é um processo contínuo de conhecimento e de re-conhecimento da multiplicidade de manifestações possíveis de sua língua – desde os extremos dos usos populares, aos extremos dos usos acadêmicos, passando por eles as variedades regionais – e que poderão dar a qualquer um o poder que todos têm o direito de ter sobre a língua materna.

Partindo de inúmeras exemplificações, principalmente em relação à sintaxe, Mattos e Silva argumenta que será muito difícil reverter, pelo treinamento escolar, esse conjunto de mudanças inter-relacionadas, consistentes e divergentes da norma-padrão, uma vez que tais alterações se encontram difundidas a ponto de marcar as falas correntes dos brasileiros, inclusive aqueles de escolaridade mais alta.

A obra de Mattos e Silva é um ótimo referencial teórico sobre a diversidade da língua portuguesa, o ensino da língua em comunidades indígenas e as políticas educacionais. A obra tem uma fácil compreensão e pode ser lida por qualquer um que queira saber mais a respeito da diversidade linguística do Brasil.

Para concluir, a autora responde à questão inicial da obra, não vai mal o vernáculo do Brasil, pois reflete o processo histórico dos homens que o utilizam. A história política brasileira e a história da civilização brasileira explicam o português do Brasil. Vão mal, sim, os que julgam que o vernáculo vai mal, porque, de viseiras, não veem em torno.

A autora propõe em sua obra uma prática escolar equilibrada, capaz de adequar seus instrumentos pedagógicos e sua metodologia ao ensino do português brasileiro como língua materna, e ajustá-los a uma realidade linguística e social que não pode mais ser ignorada. Pelo mérito de elucidar muito bem a realidade e a linguística brasileira, a supracitada obra deveria ser leitura obrigatória para todos aqueles que se dedicam ao estudo do vernáculo. E também não deixa de criticar o paradigma educacional brasileiro atual, sobretudo a maneira como o Português brasileiro é ensinado nas escolas.

## Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos

ROJO, R; BARBOSA, J. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Maria Pastora Michiles Bastardo<sup>1</sup>

O livro, *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos* é o mais recente trabalho de Roxane Rojo, professora livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui mestrado e doutorado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981; 1989). Tem Pós-Doutorado em Didática de Língua Materna na Université de Genève (UNIGE), Suíça.

Neste livro, ela disserta sobre gêneros discursivos, em parceria com Jaqueline Barbosa, professora do departamento de Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), graduada em Fonoaudiologia pela PUC-SP (1987), mestra (1993) e doutora (2001) em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, igualmente pela mesma instituição.

Tomando como base os conceitos de Bakhtin, as autoras trazem uma abordagem prática sobre os gêneros discursivos, estabelecendo um entendimento básico das principais características da teoria bakhtiniana de gêneros. Os

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português/Espanhol (UFRR).

conceitos abordados são postos em interação com os de outros pesquisadores como Medvédev e Volochinov; os quais formaram parte do Círculo de Bakhtin, uma escola do pensamento russo do século XX, centrada na obra de Bakhtin.

O livro se divide em quatro capítulos. O primeiro deles define o que são gêneros discursivos. As autoras caracterizam os gêneros como entidades que funcionam em nossa vida cotidiana ou pública, utilizados para se comunicar e interagir com as outras pessoas; apresentam o surgimento da teoria dos gêneros de discurso do Círculo de Bakhtin, que nos capítulos seguintes orienta a abordagem dos temas; e finalizam o capítulo sintetizando as diferenças entre os conceitos de gêneros textuais e gêneros discursivos.

Os gêneros discursivos, para as autoras, permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação. Dessa forma, tudo o que ouvimos e falamos diariamente se acomoda a gêneros discursivos. Bakhtin concebe o gênero como uma forma concreta e histórica, necessariamente presente em todas as manifestações discursivas, uma vez que o discurso se materializa na forma de enunciados, que são sempre construídos em determinados gêneros. Um texto ou enunciado, na concepção de Bakhtin, é um dito concreto e único, irrepetível, que gera significação e se vale da linguagem para sua materialização, constituindo o discurso.

Com essa abordagem, as autoras estabelecem as diferenças entre tipos de texto e gêneros do discurso, para tal fim abordam a distinção de Marcuschi (2002), que afirma que usamos a expressão tipo textual para designar



uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição; os tipos textuais abrangem categorias como, narração argumentação, exposição, descrição, entre outros. Quanto à expressão gênero textual, usamo-la como uma noção para se referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas.

O segundo capítulo tem por objetivo discutir de que maneira os gêneros discursivos integram as práticas sociais e são por elas gerados e formatados. Apresentam primeiro o que são as práticas sociais, com base no conceito marxista de práxis. Baseando-se nas apresentações das esferas de valor, introduzem o conceito de esferas de atividade descrito por Weber, para assim fundamentar a discussão bakhtiniana sobre as esferas da atividade comunicativa do homem.

Neste capítulo as autoras explanam como estão organizadas as práticas sociais, e afirmam que nossa vida é feita pelas atividades e ações que realizamos com pessoas e objetos, ações e atitudes simples, como, por exemplo, uma entrevista de emprego, pagar um boleto pela internet, apreciar um bom filme, entre outros. Todas são atividades que realizamos a diário e que vão de acordo com os padrões das práticas sociais que as regem.

Nessa perspectiva, as práticas sociais são ações racionais que convocam responsabilidade social envolvendo ética. As autoras citam Hegel (1820) que descreve as três esferas da ética, a da família, a da sociedade civil e a do Estado. Nessas esferas as pessoas aprendem ações,

hábitos e valores, conforme vão participando de cada uma das esferas, afirmam que há um aprendizado ético.

A partir desses conceitos, são apresentadas as noções de esferas/campos de atividade humana na obra bakhtiniana. As esferas estão relacionadas aos tipos de atividade humana em elas desempenhadas e estas, por sua vez, aos gêneros discursivos que nelas circulam em forma de textos ou enunciados concretos. Baseadas em Bakhtin, as autoras sustentam que todas as esferas de atividade humana se caracterizam como esferas de comunicação verbal, o que lhes confere sua qualidade propriamente humana.

O propósito, no terceiro capítulo, é caracterizar como se organizam os gêneros discursivos, definindo seus elementos integrantes e exemplificando suas regularidades. Como mecanismos de flexibilização dos textos nos gêneros de discurso é abordada a flexibilidade dos gêneros, ao serem apresentados os conceitos de intercalação e de hibridismo, na obra de Bakhtin. De forma parcial, as teóricas analisam gêneros de diferentes esferas, literárias, jornalísticas, artes e música.

As autoras apresentam os três elementos indissociáveis que compõem os gêneros e, a partir dos quais podemos olhar e entender um gênero; são eles a forma de composição, o tema e o estilo. Enfatizam ainda que esses três elementos não são dissociáveis uns dos outros, os temas de um texto ou enunciado se realizam somente a partir de certo estilo e de uma forma de composição específica.

Na abordagem de Bakhtin, tema é o assunto ou tópico principal de um texto, é o conteúdo inferido com base na

apreciação de valor, na avaliação, no acento valorativo que o autor lhe dá; é o elemento mais importante do texto ou enunciado. Um texto é todo construído para fazer ecoar um tema. No tocante ao estilo, Bakhtin diferencia estilos individuais e estilos linguísticos, isto é, estilos mais sistemáticos em uma língua, mais comuns. Todo enunciado, oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva pode ser individual. Entretanto, há condições menos propícias para o reflexo da individualidade do autor, as quais estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, como, por exemplo, em documentos oficiais, documentos militares. E, por último, a forma de composição de um texto se relaciona com a coerência e coesão.

Para Bakhtin, os gêneros são relativamente estáveis, pois mudam de acordo com diferenças culturais, transformam-se historicamente no tempo e são flexíveis para concretizações que fogem às regularidades estáveis. As autoras compactuam com essa abordagem bakhtiniana, afirmam que existem muitos mecanismos composicionais e estilísticos para flexibilizar e renovar os gêneros; sobretudo nas esferas criativas como artes literárias, musicais e publicidade. São os chamados hibridismo e intercalação que vêm a cumprir com essa flexibilização dos gêneros.

O hibridismo e a intercalação são modalidades ou semioses que podem comparecer na composição de um texto em um gênero e dependem das mídias em que esse texto foi produzido e circula. Na mídia impressa só se pode dispor de imagem estática e de escrita. Já na mídia

digital, podem entrar na composição todas estas modalidades: linguagem corporal, linguagem oral, áudio, imagens estáticas e em movimento.

No capítulo quarto, as estudiosas abordam as mudanças pelas quais o mundo passou na hipermodernidade referente às maneiras de participação e interação social, mostrando que a teoria bakhtiniana de gêneros discursivos ainda é eficaz para a análise dentro dos avanços e modernidades do mundo. Também abordam as novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e as culturas em rede, características da hipermodernidade e dos multiletramentos.

No contexto hipermodernidade, as autoras sustentam que o prefixo se desloca, recoloca-se e se instala em outros contextos: hipercomplexidade, hiperconsumismo, hiperindividualismo, hipertexto, hipermídia, entre outros. A Hipermodernidade é caracterizada por uma cultura do excesso, do sempre mais. Transformando todo o cotidiano de maneira intensa e urgente. O movimento é uma constante e as mudanças ocorrem em um ritmo acelerado.

No que tange às tecnologias e as culturas nas redes, práticas e gêneros em circulação, as autoras abordam diferentes conceitos como, taguear, remixagem e curadoria. O procedimento de taguear consiste em marcar, etiquetar informações ou conteúdos; como outros processos que autoengendram na rede, taguear facilita a busca, a criação de hashtags também estimula a publicação de conteúdos sobre os assuntos em pauta. A remixagem é uma prática de produção, constitutiva de gêneros, que pode ou não

partir concretamente de outra já existente, usando trechos do original, como meme, mashup, AMV, entre outros. A curadoria se usa para designar ações e processos próprios do universo das redes; implica sempre em escolhas, em seleção de conteúdos e informações, na forma de hierarquizar, organizar e apresentar esses conteúdos.

O texto está repleto de exemplos, ilustrações, quadros explicativos contendo os principais conceitos abordados. Ao final de cada capítulo, incluem links e indicam sites e livros para quem deseja aprofundar seus conhecimentos em determinados conceitos. Em alguns capítulos incluem a indicação de filmes referentes aos pontos abordados no texto.

Ao final de cada seção capitular, as autoras também incluem modelos de atividades para serem desenvolvidas pelo professor com seus alunos em sala de aula. Essas atividades trazem textos indicativos para explicação do respectivo conceito abordado, assim como respostas dadas pelas autoras para desenvolver o debate desde diferentes pontos de vista.

A escolha do livro para resenhar foi pensada em prol do Curso de Letras, numa busca de uma temática que pudesse servir como fundamentação teórica para diferentes tipos de trabalhos, a futuro. Sendo assim, multiletramentos e gêneros discursivos estão inseridos em uma abordagem das mais recentes áreas de estudo e pesquisa, com a qual, todo aluno em formação deveria aprimorar sua leitura e conhecimento para aplicar, nas escolas, em suas práticas de ensino.

## As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o reino de Deus

KUNZ, Claiton. *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba: AD Santos, 2014.<sup>1</sup>

Rafaella da Silva Pereira<sup>2</sup>

O Autor é graduado em teologia e filosofia, mestre e doutor em teologia. É diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira, atua também como professor do mestrado profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná, e apresenta com vasta experiência em estudos do Novo Testamento.

Apesar já existir algumas obras que tratam das parábolas de Jesus, algumas de referência e grande importância, este trabalho se destaca entre elas pela maneira inédita como trata o conteúdo bíblico. Kunz faz uso de temas unificadores nas parábolas, usando o Reino de Deus como tema geral. Faz a interpretação das parábolas individualmente, mas no contexto da época em que foram produzidas.

Objetivo do livro é investigar o conteúdo das parábolas de Jesus e suas relações entre elas. As parábolas foram tomadas em seu contexto cronológico, para isso o autor

---

<sup>1</sup>Resenha desenvolvida na disciplina de *Discurso: Leitura de Textos e Hipertextos e apresentada* como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina *Contemporaneidade dos Sinóticos*, ministrada pelo professor doutor Claiton Kunz.

<sup>2</sup>Professora do Instituto Federal de Roraima (IFRR), Mestre em Teologia das Faculdades Batista do Paraná, Licenciada em História (UFRR), e aluna da Licenciatura em Letras Português/Literatura (UFRR). *E-mail*: rafaella@ifrr.edu.br.

fez uso de diversos autores de harmonias dos evangelhos. Para Kunz as parábolas não são simples comparações, mas revelações a respeito do Reino de Deus, e tem como objetivo obter uma resposta de arrependimento e fé dos ouvintes e leitores das parábolas. Dessa forma, o Reino de Deus é o tema principal das parábolas e por isso elas foram analisadas sob três aspectos por Kunz: a inauguração do Reino, o crescimento do Reino e sua consumação.

Ao longo da obra, Kunz procura responder as seguintes questões: as parábolas tinham um propósito maior, uma sequência lógica, uma teologia? Que teologia poderia ser identificada estudando as parábolas de forma sistemática, cronológica e progressiva?

O livro apresenta uma pequena introdução e conclusão, e quatro capítulos. Talvez fosse interessante, numa próxima edição quem sabe, colocar uma apresentação ou ampliar a introdução. Seria interessante fazer uma pequena síntese que apresente o livro, capítulo por capítulo. Pode ser um meio de preparar o leitor, persuadir aqueles que desejam conhecer a obra um pouco mais de antes de comprá-la e também de fixar melhor e deixar clara a temática.

O livro foi dividido com os seguintes temas, o primeiro capítulo versa sobre o **Mistério do Reino**. No segundo, aborda a **Inauguração do Reino**. Já no terceiro o autor discorre sobre a **Dimensão do Reino** e fecha o trabalho com o último capítulo que trata da **Consumação do Reino**.

Kunz na primeira seção do livro apresenta algumas questões fundamentais e pretende esclarecer alguns

assuntos necessários à compreensão das parábolas, tais como seu uso, propósito, classificação, contexto e um breve estudo do Reino de Deus. o conceito de parábolas, seus usos, propósitos, características, classificação e história da interpretação das parábolas e finaliza o capítulo com o conceito do Reino de Deus. Propõe que de certa forma o reino de Deus já estava presente nos dias do Antigo Testamento, mas que precisava ser inaugurado em sentido real. Dessa forma, Jesus veio, entrou na história com a missão de levar a humanidade a fazer parte deste Reino.

Nos demais capítulos propõem uma Teologia das Parábolas. Para a composição da obra e seu trabalho de análise, foram selecionadas quarenta e duas parábolas e outros ditos parabólicos dispostos em três grupos de quatorze parábolas. Em cada grupo foram dispostas em forma de paralelismo invertido, em quiasmos. Kunz procurou organizar os capítulos também dessa forma.

O segundo capítulo versa sobre a Inauguração do Reino. Nesse capítulo, como foi dito, são analisadas catorze parábolas que tratam especificamente dessa temática, desde o ministério de Jesus ao chamado dos apóstolos. Nessa seção, Kunz mostra que o Reino de Deus é revelado por Jesus de forma progressiva. Ao longo das parábolas, Cristo mostra que o Rei está presente no meio de seu povo, dando a conhecer este Reino que tem um valor está muito além dos demais. Que tudo deveria ser deixado para trás para busca-lo, de modo que suas vidas seriam influenciadas por meio dele, do seu poder e sua manifestação no mundo. Jesus já tinha iniciado a semeadura que



daria acesso a ele. Kunz monta a seguinte estrutura, em quiasmo, para as catorze parábolas analisadas no capítulo:

**A - A Irrupção do Reino**

O noivo e o jejum

**B - O Valor do Reino**

Remendo novo em vestes velhas

Vinho novo em odres velhos

**C - A Influência do Reino**

Os dois fundamentos

Os dois devedores

**D - A Semeadura do Reino**

O semeador

**E - A manifestação do Reino**

A candeia

A semente

**D' - A Semeadura do Reino**

O joio

**C' - A Influência do Reino**

A semente de mostarda

O fermento

**B' - O Valor do Reino**

O tesouro escondido

A pérola de grande preço

**A' - A Plenitude do Reino**

A rede

No terceiro capítulo, a respeito da Dimensão do Reino, o autor tem por objeto de estudo o grupo de parábolas em que Jesus vai ensinar como seus ouvintes podem entrar

no reino. Nelas, Jesus esclarece a dimensão do reino, em todas catorze parábolas trabalhadas que tem a mesma temática. Kunz defende a tese de que é o Reino que age em busca da humanidade, ele que admite, classifica e busca. No primeiro grupo de parábolas, Jesus começa afirmando que ninguém pode salvar a si mesmo, que todos precisam ser perdoados e que ao mesmo tempo precisam dar uma resposta diante desse quadro. No segundo grupo Ele esclarece como o Reino classifica aqueles que querem entrar nele. Esse grupo de parábolas mostra que o convite é feito e a oportunidade está disponível para todos, mas que o fator determinante para a entrada no reino é a resposta de cada um. O ponto alto seria o grupo que mostra a iniciativa divina, que o Reino vem ao encontro dos seres humanos. Kunz organiza essas catorze parábolas nesse incrível quiasmo:

***A - O Reino que admite***

O credor incompassivo

O bom samaritano

***B - O Reino que classifica***

O amigo à meia noite

O rico insensato

A figueira estéril

A grande ceia

***C - O Reino que busca***

A ovelha perdida

A dracma perdida

***B' - O Reino que classifica***

Os filhos perdidos

O mordomo infiel

O rico e Lázaro

O juiz iníquo (a viúva penitente)

*A' - O Reino que admite*

O fariseu e o publicano

O camelo e a agulha

O quarto capítulo aborda a Consumação do Reino, nele Kunz organizou sua estrutura de paralelos com último grupo de catorze parábolas em que Jesus revela como o Reino dos Céus será consumado na terra. Nele, o autor expõe a ideia de que há um tempo para que consumação do Reino ocorra, seus sinais poderão ser vistos, mas por agora ninguém sabe quando será. Essa ideia, de que a consumação certamente virá deve gerar uma responsabilidade de que cada um deva estar preparado para o juízo que se seguirá, incrédulos serão julgados e crentes serão salvos, trazendo consigo o acerto de contas final, recompensas ou sofrimento eterno. Esse grupo de parábolas foi exposto da seguinte forma:

**A - O Acerto de Contas na Consumação do Reino**

Os trabalhadores da vinha

As dez minas

*B - O juízo Simultâneo na Consumação do Reino*

Os dois filhos

Os lavradores maus

A festa de bodas

O homem sem veste

*C - O tempo Relativo à consumação do Reino*

A figueira

O dilúvio

*B' - O juízo Simultâneo na Consumação do Reino*

O porteiro

O pai de família

O servo prudente

As dez virgens

*A' - O Acerto de Contas na Consumação do Reino*

Os talentos

As dez ovelhas e os dez cabritos

Em sua conclusão, Kunz confirma sua tese de que as parábolas não são apenas ilustrações, mas que na verdade elas são a própria mensagem. Elas devem ser interpretadas, sem alegorizações, com vistas a buscar o seu sentido natural e verdade central. Segundo ele, as parábolas sugerem uma lógica progressiva e reafirma sua posição inicial que Jesus fez uso do sistema de quiasmos. Esse modelo esse que já era praticado no pensamento judaico da época de Cristo. De modo que Jesus fez uso dele para desenvolver os temas até o clímax e retornar com os mesmos assuntos reforçando suas verdades, sendo, portanto, um ótimo recurso para a memorização. E que foi importante, para que o evangelho fosse preservado numa cultura onde a oralidade exercia um papel fundamental, constituindo-se num excelente recurso didático.

Seus três grupos em que dividiu as parábolas mostraram que Jesus inaugurou o Reino de Deus com sua vinda, que enquanto o Reino está ativo, em crescimento e ex-

pansão, o inimigo ainda permanece ativo também. E que esse processo não tem fim até que chegue a plenitude do Reino. Pessoas vão aderindo ao Reino, de acordo com sua resposta diante do Rei e seu Reino. Conforme a resposta, ele classificando os que são dignos dele ou não, nesse sentido sendo divididos entre os que aceitam ou recusam o convite para entrar no Reino. Até que chegará o momento em que o Reino será consumado, em que o Rei pedirá contas, para o qual todos devem estar preparados.

O longo no início de seu trabalho, Kunz se mostrou a favor do pressuposto de que há inspiração das Escrituras, rejeitando assim as teologias liberais. Assim, pela sua linha teórica sólida, a maneira profunda, cuidadosa e inovadora com que trata o tema, o livro é indicado e alunos e professores da área de teologia e evangelhos. Pode e deve ser lido por pregadores e professores de escola bíblica, pois poderá ser uma ferramenta muito útil no preparo de mensagens e aulas, visto que traz uma breve exegese de cada parábola tratando de suas principais tradições interpretativas e ensinamentos. O livro, apesar de acadêmico, é de fácil leitura, por isso é indicado também como um comentário bíblico rico e interessante. Assim, pode ser usado lido para fins de estudos exegéticos e hermenêuticos e até mesmo devocionais para o público geral.

## O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal

PRADO, Natália Cristine. *O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

Wesley Nóbrega Rodrigues do Ó<sup>1</sup>

Fruto do projeto “A influência da língua inglesa na formação de nomes comerciais: questões de identidade linguística e cultural”, Natália Cristine Prado lançou em 2015 o livro intitulado *O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal*, no qual analisa a formação de nomes comerciais com elementos do inglês nas duas vertentes mais conhecidas do português: o brasileiro e o europeu peninsular.

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, com período de estágio na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2012), Prado utiliza sua experiência e suas pesquisas para produzir este livro, propondo uma análise não apenas dos campos da morfologia e da semântica, mas também no fonológico com o intuito de identificar a maneira como os falantes brasileiros e portugueses pronunciam nomes comerciais, nos quais constam palavras de origem inglesa. O livro se divide em quatro capítulos, que variam desde a concepção dos termos *empréstimos* e *estrangueirismos*, passando pela coleta dos dados e pesquisa, até a análise tanto quantitativa como qualitativa.

---

<sup>1</sup> Aluno da graduação de Letras-Português/Inglês (UFRR).

Na introdução da temática, a autora aborda o tópico sobre os empréstimos de palavras entre os idiomas, processo que se referindo ao português brasileiro, vem acumulando ao léxico português desde os tempos da colonização portuguesa. Em tempos mais modernos, o assunto sobre os empréstimos ganha destaque devido à influência da língua inglesa em emprestar suas palavras, fenômeno denominado anglicismo, que nem sempre é bem visto aos olhos dos sociolinguistas, uma vez que a influência de uma língua estrangeira pode gerar conflitos na identidade linguística de um determinado local.

Outro fator que contribui para o empréstimo é a globalização. Atualmente o poder político e econômico estadunidense são objetos de cobiça entre as demais nações, sendo assim, o inglês exerce uma função de importância global e, afeta todos os ramos da vida social, incluindo o ramo comercial. A autora ainda destaca a importância de um produto atingir uma demanda grande de consumidores, e nada melhor do que usar a língua inglesa como uma carta na manga para motivar o crescimento profissional.

No capítulo inicial, a autora traz definições importantes para compreender o tema abordado no livro. *Neologismos, empréstimos e estrangeirismos* são tópicos discutidos no decorrer do capítulo. O ponto forte perceptível em Prado é a forma com que ela dinamiza os pensamentos dos autores citados nessa primeira parte do livro, fazendo uma interação memorável entre os ideais de cada um, tornando assim o texto de fácil compreensão para o leitor.

Ainda no capítulo, é possível destacar os aspectos que os empréstimos contribuem para o léxico português.

Paiva (1991) evidencia as adaptações fonológicas, morfológicas, gráficas e semânticas, em contrapartida aos aspectos socioculturais, já que, escolher um nome proveniente de outra língua para um estabelecimento representa um nível de sofisticação e status ao empreendedor. A autora cita Souza (2011), Massini-Cagliari (2010) e Castro (2003) como grande contribuição para sua pesquisa, uma vez que suas observações foram bastante relevantes para compreender como as diferentes variedades da língua portuguesa lidam com os empréstimos para os nomes comerciais.

Dando segmento ao livro, no capítulo 2, Prado inicia abordando a marca e os nomes comerciais na publicidade. Neumeier (2003) afirma que nossas escolhas estão baseadas em aspectos simbólicos, por isso, ao escolher um nome comercial para um estabelecimento, o empreendedor tem que estar ciente em escolher um nome carismático e diferenciado, e que se porte bem ao seu produto. Criar um ícone de assimilação fácil também contribui bastante para uma difusão melhor no mercado, assim Prado cita a empresa Apple Computer como possuidora de mérito nesse quesito.

Ao longo do capítulo, a autora destaca a Onomástica Comercial, estudo sobre os nomes comerciais. Um ponto interessante nessa parte do livro são os exemplos dos nomes comerciais criados por meio dos aspectos linguísticos (morfológico, fonológicos e semânticos), os quais Natália Prado utiliza principalmente os pensamentos de Guérios e possibilita ao leitor um melhor entendimento do assunto.

Para complementar sua pesquisa, a autora cita o trabalho de Neves (1971) sobre o estudo dos nomes co-



merciais. Nesse estudo, é possível destacar que além do neologismo inglês, os comerciantes utilizam vocábulos provenientes de outras línguas, como o grego e o latim, porém, os consumidores são mais atraídos pelas línguas mais modernas, e o inglês destaca-se mais no meio jovem que é fascinado pelo *american way of life* (maneira de vida americana em tradução livre). Dentre outros pontos, um que chama a atenção da autora é o fato de que muitas pessoas que adotam nomes com estrangeirismos em estabelecimentos não sabem realmente o significado deles, mas utilizam como forma de chamar atenção do consumidor e valorizar o seu produto.

O *corpus* da pesquisa de Natália Prado apresentado no capítulo 3 se compõe de nomes comerciais que apresentam palavras da língua inglesa. Trata-se de nomes de empresas nacionais e internacionais. A autora decidiu restringir as empresas nacionais concentradas no interior de São Paulo. Já as internacionais, as pesquisas foram levantadas na cidade de Lisboa. Foram coletados dados tanto das análises brasileiras quanto das portuguesas em sites que disponibilizam informações comerciais a respeito de ambas, e selecionados os nomes que continham fragmentos em inglês.

Após a coleta de dados, realizou-se um experimento de leitura com o intuito de observar a pronúncia dos nomes comerciais pelos falantes dos dois portugueses. Também foram escolhidos falantes adolescentes e adultos familiarizados com estrangeirismos na língua e que tenham o ensino médio completo, justamente para evitar dificuldades de leitura durante a pesquisa.

A análise da pesquisa baseou-se em dados de dois setores: quantitativo e qualitativo. Quantitativo pois analisaram-se quais os setores comerciais que continham maiores vocábulos ingleses em seus nomes, e qual o país incorporou mais estrangeirismos. Já no setor qualitativo, buscou observar os dados de acordo com fatores morfossintáticos, fonológicos e ortográficos.

No último capítulo do livro, é possível observar a análise de dados, dividida em 3 momentos. No primeiro é analisado o fator morfossintático. Primeiro foram separados os nomes comerciais que continham subtítulos, e como resultado, observou que o português europeu utiliza mais nomes com subtítulos (46%) em contrapartida com o português brasileiro (9% apenas). Dando sequência, analisaram-se os nomes comerciais, observando a ordem das palavras, que se tratando da língua portuguesa, a ordem costuma ser determinado-determinante (SANDMAN, 1997), ao contrário da língua inglesa.

No português brasileiro, prevalecem nomes comerciais com elementos no inglês seguindo a estrutura morfossintática inglesa (determinante-determinado). 70% dos nomes coletados seguiram essa regra, contra apenas 30% dos nomes com estrutura morfossintática portuguesa. Já os setores que se destacaram com maior índice de uso da estrutura portuguesa foram: cabeleireiros e institutos de beleza, academias desportivas e roupas, respectivamente. Os setores que utilizaram a estrutura inglesa que merecem destaque foram: roupas, cabeleireiros e institutos de beleza e restaurantes e bares.

O português europeu nessa primeira análise não se distanciou do brasileiro. Os nomes comerciais prevalecem com a regra de elementos em inglês com a estrutura morfossintática inglesa, contando também com 70% contra 30% com estrutura portuguesa. Os setores que se destacam com estrutura morfossintática portuguesa são: restaurante e bares, academias desportivas e hotéis e motéis, respectivamente. Já os setores com a estrutura morfossintática inglesa que se destacam são: cabeleireiros e institutos de beleza, academias desportivas e informática e assistência.

O segundo momento da análise é o aspecto fonológico. A autora cita os processos que alteram as pronúncias das palavras dos nomes comerciais em inglês. O destaque dessa parte da pesquisa é a utilização da fala de um norte-americano para comparar com as falas dos brasileiros e portugueses. Após a escolha dos nomes, fez-se uma transcrição fonética de acordo com as pronúncias dos entrevistados. Pode-se reparar que a maioria das pessoas pronunciou as palavras de uma forma *aportuguesada*, levando em consideração a grafia da palavra. Outro ponto interessante é que pessoas que nunca tiveram contato com a língua inglesa, conseguiram assemelhar a pronúncia com a forma americana. Prado destaca que isso pode ser consequência do quanto a língua inglesa influencia no nosso dia a dia, principalmente no ramo comercial.

E o último momento analisado foi o da grafia estilizada, fenômeno ocasionado por meio de nomes que fogem da ortografia portuguesa, porém formados por elementos do inglês. Embora a maioria das pessoas acredita

que sejam muitos casos nesse estilo, o *corpus* da pesquisa mostrou um resultado diferente. Apenas 2% no interior de São Paulo foram computados, contra 1% na cidade de Lisboa. Outro fator utilizado pelos comerciantes é o caso genitivo do inglês ('s), todavia a pesquisa demonstra que a função do uso dele não está ligada para indicar posse conforme na gramática inglesa, mas para estilizar o nome e destacá-lo no meio do mercado.

Por fim, a proposta que a autora levanta com seu livro foi a análise de nomes comerciais com elementos em inglês. Diferente do esperado, tanto o Brasil como Portugal tendem a usar palavras primordialmente formadas pela língua portuguesa, fato que causa estranhamento a princípio, devido à grande influência da língua inglesa nos tempos atuais. Um fator que contribui para esse senso comum, seria o fato de que comerciantes utilizam nomes de outras línguas ou com grafia estilizada para chamar atenção, assim, o cliente fixa de uma maneira mais eficaz aquele determinado estabelecimento. É perceptível também o grau de conhecimento da língua portuguesa por parte dos empreendedores, que utilizam termos de outros idiomas propositalmente para se diferenciar dos demais concorrentes, negando e afirmando ao mesmo tempo a identidade linguística da sua língua.

Em suma, da mesma forma que produtos são importados, questões de identidade linguística e cultural são inclusas nesse pacote. De uma forma clara, Prado expõe seu ponto de vista juntamente com o dos sociolinguistas citados em sua obra, interagindo entre eles desde o co-

meço do livro até o último momento. Bem organizado e estruturado, o livro dispõe de uma leitura prazerosa e um estudo que pode complementar as pesquisas nas áreas dos estudos linguísticos, publicidade, ou simplesmente para o aprimoramento no conhecimento dos amantes da língua inglesa.

## Contos e encantos em Makunaima

Adriana de Oliveira Teixeira Kato<sup>1</sup>

ESBELL, Jaider. *Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e estórias em vivências*. Belém: Cromos, 2012.

*Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e estórias* (2012) é um livro que traz em sua essência a alma do povo roraimense, revelando por meio de mitos e estórias as peculiaridades culturais, geográficas e econômicas de povos indígenas roraimenses, as quais são a base dos aspectos identitários que compõem essa região tão rica em diversidades e belezas naturais.

O autor Jaider Esbell, roraimense por excelência, nascido na Comunidade Santa Cruz, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, busca por meio dos contos que constituem a obra, aproximar o leitor do contexto natural, cultural e lendário particular desta região, dando ênfase ao modo de vida indígena mediante a exposição dos costumes, valores e tradições transmitidas ao longo de gerações. Em alguns contos, nota-se que as estórias, embora relatadas por um narrador observador, remetem às memórias do próprio autor como experienciador das riquezas e particularidades culturais indígenas.

Diante disso, a obra em questão caracteriza-se como regional por apresentar aspectos sociais, culturais e linguísticos que fazem parte da identidade do povo roraimense; evidenciar a visão de mundo centrada no sujeito

---

<sup>1</sup>Aluna da graduação em Letras-Português (UFRR).

índio e o meio em que este se encontra; e exaltar a natureza e o modo de vida no campo ou floresta como cenário privilegiado para uma rotina rica em experiências capazes de manter tradições.

O livro compõe-se de dez contos que trazem personagens diversos, tais como: curumins, cunhantãs, animais selvagens e seres fantásticos que fazem parte do imaginário popular típico dos povos nativos roraimenses. As lendas e os mitos descritos por meio dos contos – Natuco Pássaro da Noite, O Canaimé Curumim e A Encantada – têm em comum não só o fato de serem narrativas fantasiosas transmitidas através de gerações, mas também nos revelam toda beleza e riquezas culturais próprias da região Norte, em especial, a Terra de Makunaima, assim intitulado o território roraimense em homenagem aos mitos que circundam o exuberante Monte Roraima.

No conto Natuco o Pássaro da Noite, verifica-se como o poder da natureza é expresso em forma de mito, e conta a estória de um pássaro diurno que foi escolhido pela “noite”, para anunciar sua chegada, mandar seus recados e proteger a floresta. Em decorrência disto, passa a trocar suas atividades, antes desenvolvidas durante o dia, para o período noturno. Natuco demorou para acostumar-se aos novos hábitos, sempre se mostrando interessado em ter de volta sua vida anterior. Natuco sonhou que, em meio às árvores, existia uma que guardava em seus frutos a luz do dia. Em uma noite de voos intensos, viu-se próximo ao pé de uma grande palmeira, com frutas iluminadas como a luz do sol, como em seu sonho. Tonto

com o que vira, resolveu comer várias frutas e ficou com o bico iluminado, não podendo, portanto, esconder-se. A “noite” percebeu toda a angústia de Natuco, bem como seu desejo em voltar às atividades diurnas, então permitiu que tudo voltasse a ser como antes, solicitando apenas que ele espalhasse por onde fosse as sementes da árvore de frutos iluminados. Desse modo, seu nome já não poderia ser Natuco, agora como pássaro do dia novamente, passou a se chamar Tucano.

Por meio desse conto, observa-se a existência de um anagrama que faz o jogo de palavras entre “Natuco” e “Tucano”, evidenciando por meio de elementos fantásticos a existência de uma ave muito simbólica que representa a Amazônia quanto à beleza e diversidade, tendo em vista que o tucano tem como habitat florestas tropicais, assim como é conhecido pela exuberância de suas cores, o tamanho de seu bico e pela defesa de seu território.

Nos contos O Canaimé Curumim e A Encantada, também se destaca a presença de seres fantásticos, de caráter mais lendário, ilustrando a floresta como um ambiente rico em beleza, mas que também carrega perigos e, por conta disso, precisa ser respeitado. Na primeira narrativa, tem-se o Canaimé como sujeito perverso, meio homem, meio bicho que carrega uma beleza indescritível, mora no alto das serras e vive a passear na floresta, podendo atacar quem por ali anda despercebido ou em busca de destruir a floresta. Em A Encantada, narra-se a história de uma moça que, por encanto, foi presa no fundo de um rio. Uma vez, ao perceber a presença de rapazes desfrutando de um ba-



nho naquelas águas, tenta enfeitiçá-los com sua beleza e atraí-los para o fundo. Aqueles que são seduzidos ficam encantados e devem trocar de lugar com a moça, permanecendo presos no fundo do rio para que ela possa se libertar.

Considerando esses dois contos, percebe-se que o lendário popular configura a maneira como os indígenas compreendem a magnitude da natureza, conhecendo os limites necessários para uma vida longa e saudável no interior da floresta. As lendas fazem parte da vida e da constituição histórica dos sujeitos que, ao alimentarem suas crenças, passam a adaptar e modificar vivências e costumes locais. Estas narrativas, que se apresentam de forma oral ou escrita, costumam apontar localização geográfica, indicações culturais e as crenças de um determinado povo. Afinal, visam explicar os fenômenos sobrenaturais que permeiam o ambiente. Os rios e as florestas fazem parte da rotina de vida dos moradores.

Ao retratar seres do imaginário popular de uma determinada região, enfatizando o aspecto sobrenatural da existência destes, as lendas integram a literatura fantástica, problematizando e desestabilizando a noção de realidade, causando surpresa, medo ou estranhamento ao leitor. Ao mundo fantástico pertencem todos os elementos que não podem ser justificados pela ciência ou por meio de concepções realistas, e tudo aquilo que está fora de um contexto palpável.

Além dos contos supracitados, o autor também ilustra em Cavalos Selvagens a presença de animais belos e indomáveis vivendo no alto das serras, ao pé do Monte

Roraima, distantes dos olhos mais atentos, permanecendo ocultos, tal como seres lendários. Esses cavalos vivem livres, têm características próprias e destacam-se pela beleza e exuberância, bem como por serem símbolos de liberdade que habitam as planícies próximas ao Monte Roraima. Desse modo, esta narrativa põe em evidência a magnitude da natureza, em particular a beleza destes animais que são típicos deste estado e sofrem atualmente com o perigo de extinção.

A relação familiar é um traço muito forte presente nas narrativas que compõem esta obra, por meio delas compreende-se como são preservados os laços entre pais e filhos, bem como a maneira que ensinamentos são passados hereditariamente, fazendo-nos perceber como a cultura indígena se mantém viva.

O conto A Casa da Farinha relata de forma minuciosa a rotina de trabalho familiar com relação à produção de farinha. A mandioca tem diferentes usos nas comunidades, à base dela são feitas a farinha, tapioca, tucupi, beiju e inúmeras delícias que constituem a mesa dos nativos e de grande parte dos que vivem na cidade. O processo de produção da farinha é longo e cansativo, e demanda grande envolvimento familiar. Todos têm suas funções definidas e precisam cumprir cada tarefa para que o processo seja concretizado.

Retrata-se a casa da farinha não só como um espaço de trabalho coletivo, mas também como local de convivência para estes povos, no qual é possível destinar válidos ensinamentos às crianças, como a importância

do trabalho, a necessidade da disciplina, respeito, coragem e determinação.

Observa-se no conto *Um Dia no Sítio*, em que destaca a rotina de vida e o trabalho que se desencadeia no berço das relações familiares. Nesta narrativa, apresenta-se o ritmo de vida de uma família indígena que, mesmo aos sábados, tem um ritual de afazeres a cumprir. E para que tudo seja feito com eficiência, pais e filhos levantam muito cedo, junto com os primeiros raios solares, tendo uma lista de tarefas individuais como estratégia para o trabalho coletivo, típico das raízes históricas desses povos. Os curumins e as cunhantãs, embora não fossem à escola, aprendiam valiosas lições com as práticas domésticas do sítio. Tinha-se a pesca como um ensinamento prioritário, sendo repassada desde cedo aos curumins. Às cunhantãs, por sua vez, cabiam os cuidados com as roupas da família e os direcionamentos culinários.

Desse modo, a família mantinha-se unida e, em meios às tarefas domésticas, pais e filhos semeavam uma relação de afeto, respeito e colaboração. Ao final do dia, com todas as tarefas domésticas cumpridas, podiam deitar-se no chão, olhar para o céu, contar os satélites que vagavam na escuridão e admirar a inexplicável beleza da lua.

Em *Uma Vez Mais*, conto de abertura da obra, também se nota a força e a importância das tradições familiares para a manutenção dos aspectos culturais indígenas, visto que este trata da proximidade entre avós e netos, destacando que, mesmo já debilitados pela força do tempo, os idosos têm muito a ensinar às crianças no que se refere às histórias dos ancestrais, assim como atividades domésticas.

Nos três contos acima citados que apresentam como tema central a organização familiar e a dinâmica de vida em comunidades indígenas, percebe-se claramente que os laços familiares são heranças vivas das tradições milenares destes povos, tendo em vista que desde os primórdios, os povos nativos mantinham a vida e o trabalho na aldeia sempre atrelados à família, cada sujeito tinha suas tarefas e todos dependiam uns dos outros para sobreviver na floresta. Hoje, embora o contexto social indígena tenha sofrido mudanças, e as comunidades já não se distribuam da mesma maneira que antes devido à influência de outras culturas, é legítimo que a força das tradições favoreça os laços familiares e possibilite que os indivíduos conheçam seu passado histórico e possam escrever o futuro, mantendo os costumes que solidificam a identidade cultural indígena.

Quando se trata de cultura indígena, é necessário reforçar que cada etnia tem suas peculiaridades culturais que podem se assemelhar ou não as tradições de outros povos. No entanto, ao retratar a infância e o cotidiano das crianças nas aldeias, é comum verificar similaridades culturais entre grande parte desses povos, visto que as crianças costumam ter uma rotina de brincadeiras intensas nos rios, matas e árvores, aproveitando o que a natureza tem de melhor e mais divertido, bem como aprendem diariamente, por meio da prática, diversas atividades da caça, da colheita e da culinária.

O escritor contempla nos contos *A Caminho da Escola*, *O Dia Seguinte* e *Amanhecer na Aldeia*, toda a beleza do cotidiano infantil indígena. No primeiro, é possível conhecer com riqueza de detalhes os desafios e aventuras vividos

pelos curumins e cunhatãs de irem à escola, principalmente nos períodos das grandes enxurradas e alta dos rios, em que precisam atravessar de canoa um igarapé que mais parecia o São Francisco em extensão, apreciando um cenário exótico com vista para serras, rios, e animais diversos.

No segundo, apresenta-se ao leitor um ritual tradicional em algumas comunidades indígenas, que consiste em agradecer aos espíritos pelo período de chuvas, oferecendo a estes uma dança sagrada que envolve o sacrifício de alguns animais. Todo o ritual, que conta com a presença de um xamã, líder espiritual fundamental no culto aos espíritos, é relatado como um sonho de um garoto que esperava ansiosamente o período pluvial, o que seria o momento oportuno para brincadeiras com barquinhos de cachos de inajá.

Em Amanhecer na Aldeia, o leitor pode apreciar a saga de curumins e cunhantãs que viviam em uma comunidade indígena, a qual tinha como marca maior a presença de uma árvore frondosa, protegida com todo rigor por um ancião da aldeia. Essa árvore magnífica carregava um fruto delicioso e típico da Amazônia, a manga rosa. As crianças passavam dias e noites arquitetando planos para driblar a árdua vigilância do ancião, visando não somente se deliciar com o fruto, mas também brincar e aproveitar a riqueza natural em volta da árvore. Como não desistiram de alcançar as atraentes mangas, as crianças, com a ajuda de outro ancião e um plano mirabolante, conseguiram saborear a fruta, e depois deste episódio, todos da comunidade também puderam compartilhar junto com elas os prazeres de um fruto antes proibido.

Essas narrativas têm inúmeros traços em comum, não somente em relação ao tema, mas também aos aspectos narrativos. Verifica-se que, em todos os contos, o narrador é observador, relatando com certo distanciamento os fatos pertinentes a cada estória. Além disso, o tempo é sempre marcado pelo dia, pela noite ou semanas, e desse modo, é compreendido como tempo cronológico. O contexto geográfico referido nos contos é o estado de Roraima, em particular as terras indígenas próximas ao Monte Roraima, ponto alto da obra que visa justamente pôr em evidência as belezas e as características próprias desta região.

Os contos aqui retratados trazem de maneira diversa, por meio de lendas e estórias, as muitas riquezas e particularidades do modo de viver e perceber o mundo pelos olhos dos povos indígenas. Fornecem uma pequena mostra de um grandioso contexto cultural que compõe as raízes identitárias dos sujeitos roraimenses, e por analogia dos brasileiros.

Assim, *Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e estórias em vivências* é uma obra de fácil leitura. O autor utiliza de linguagem simples e ao mesmo tempo rica em palavras do vocabulário local, valorizando não somente a cultura, a economia e a identidade indígena presentes em Roraima, mas também a língua em uso nessa região. Dessa forma, possibilita ao leitor confrontar-se com diferentes condições de vida, saberes, valores, práticas sociais e educativas presentes em um contexto regional esquecido pelo resto do país, haja vista o pouco prestígio atribuído à região Norte em decorrência de fatores políticos e econômicos.

Esta obra em pauta é, sem dúvida, uma marca da expressão literária roraimense e visa dar voz aos povos indígenas, considerando que as narrativas destes estão cada vez mais ameaçadas pelo contato com outras culturas. Nesse sentido, os contos abordados aqui podem ser um excelente instrumento didático para o trabalho com crianças e jovens no âmbito escolar, com intuito de diversificar as práticas de leitura e levar estes a compreender as diferentes formas de desenvolvimento humano; desenvolver o respeito às crenças e aos valores culturais dos diferentes sujeitos históricos; e levar os alunos a uma formação cidadã e crítica.

## REFERÊNCIAS

ESBELL, Jaider. *Terreiro de Makunaima: mitos, lendas e estórias em vivências*. Belém: Cromos, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução a Literatura Fantástica*. México: Premia, 1981.

## **“Presença de elementos da literatura fantástica em Histórias de Monstros e Diabruras”**

TINDARSAM, Tarsis *Histórias de monstros e diabruras*. Osasco/SP: Novo Século Editora, 2011.

Ediléia Teles de Lira<sup>1</sup>

A obra *Histórias de Monstros e Diabruras* é um conjunto de contos de terror e tem como objetivo fazer que o leitor reflita sobre a monstruosidade e maldade humana ou tão somente divertir-se sem preocupação com o reflexionar.

O livro foi organizado e escrito por Tarsis Tindarsam, formado em Letras- Português e Literatura pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), é professor de Literatura do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Reside em Roraima, onde acabou descobrindo a mitologia indígena local, assunto considerado de muita importância para ele. Escreve contos e mitos, inclusive mantém um blog ([tindarsam.blogspot.com.br](http://tindarsam.blogspot.com.br)) juntamente com outros escritores para postar contos de fantasia, aventura e horror. Possui um perfil no whatsapp para publicar suas obras, inclusive publicou em 2016 a obra *Unicelular*. O livro já ultrapassou 100 mil leituras sendo que o autor conta com mais de 25 mil leitores que acompanham sua obra. Nascido em Manaus no ano de 1983, Tarsis escreve desde sua adolescência.

A obra apresenta nove contos divididos em três partes: histórias de animais medonhos, histórias de feitiços maca-

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português/Espanhol (UFRR).



bros e histórias de assombrações noturnas. Essa divisão foi feita para que o leitor tivesse uma breve ideia do que irá ler.

A primeira parte, histórias de animais medonhos, compõe-se de três narrativas. Em todas elas, percebemos a interação de humanos com animais. A Galinha Preta é o primeiro conto do livro, e sua narrativa é sobre um velho chamado Caldeira que tinha um olho de vidro e trabalhava na casa de uma família alemã formada por quatro pessoas: pai, mãe e duas crianças. Caldeira conta a história de uma galinha preta que mata todas as demais galinhas do local, e no lugar de seus ovos passa a chocar olhos humanos sendo que ele mesmo, Caldeira, teria sido vítima da galinha.

Em Na Floresta, temos a história de um pai e um filho que saem para caçar na floresta amazônica e acabam encontrando um bicho muito perigoso, personagem de uma lenda amazônica, o Mapinguari. O filho, por acreditar que o animal matou o pai, resolve vingar-se e acabar com a vida do bicho. Ao matar o Mapinguari, o rapaz percebe que o temido animal não era exatamente igual ao das histórias que ele ouvia, pois não possuía a boca no lugar do umbigo nem tinha os pés virados para trás. No final da narrativa, o autor utiliza-se de um dos personagens, no caso o próprio filho do caçador, e faz uma crítica a respeito das derrubadas de árvores e matança de animais na floresta amazônica.

Lobos da Montanha é o último conto da primeira parte do livro. A história acontece por volta de 1492 e fala de um moço e um frei chamado Louis. O rapaz tenta convencer o frei de que tem um casal correndo risco de vida e

precisa de ajuda. O frei, por medo de ser devorado pelos lobos que habitam no local, ignora o pedido do jovem. O conto termina com os lobos devorando o casal. Uma das principais características dessa história é a presença de palavras escritas em latim e a presença de figuras religiosas.

Na segunda parte da obra, histórias de feitiços macabros, temos o conto *O Segredo do Patriarca*, uma história de feitiçaria na qual o avô de Gemima vende a própria alma para uma bruxa chamada Moura Torta. Em troca disso, seria curado de uma doença mortal e teria sua vida prolongada. Como segunda parte do plano, a bruxa exigiu que Vulpino desse-lhe a neta como oferenda. O avô não cumpriu sua parte no plano e a bruxa resolveu prender Gemina em uma cadeira. Em seguida, vem *Uma Jornada na Escuridão* que fala sobre três príncipes irmãos que, ao entrarem em uma caverna, deparam-se com vários deuses da mitologia. A intenção dos irmãos era pegar o cálice que estava na caverna. Ao tomarem posse do cálice, os deuses recebem vida e então começa uma batalha entre um dragão e os príncipes. Na caverna, existem vários *foulkus*, filhos doentes de Fenrir, deus-lobo, responsáveis pela morte dos irmãos.

Somente no fim da narrativa, o autor permite-nos entender que essa história é apenas uma visão que um mago tem ao consultar seu espelho mágico. Para concluir a segunda parte, há o conto *A Criatura do Ártico* que narra a vida de um ser chamado Lirael, que por não concordar com as coisas que deus falava, fora rejeitado. Lirael, depois de ser lançado na Terra, revoltou-se e passou a fazer

maldades tanto com os animais quanto com os seres humanos. Teve um filho, fruto de um estupro, que no futuro revoltar-se-á contra deus e revelar-se-á um grande líder.

Na terceira e última parte do livro, o autor apresenta histórias de assombrações noturnas que têm como principal característica o terror que ocorre noturnamente. A Máscara é a narrativa que dá início a essa última parte da obra, e conta a história de um velho casal que mora na Inglaterra e tem um filho formado em Medicina e trabalha na África. O filho envia uma máscara de presente para seus pais no dia das bruxas. Os velhinhos acreditam que a máscara é mal-assombrada e decidem queimá-la. No final da história, os pais matam o filho por engano e sofrem com isso pelo resto de suas vidas. O que os velhos não sabiam era que o filho médico havia planejado a morte dos próprios pais intencionando ficar com toda a herança da família.

Em Enigma da Pedra, a história gira em torno de uma família que encontra uma pedra no quintal de casa e acreditam ser preciosa. Porém, a pedra compõe-se de substâncias altamente radioativas que fez com que toda família fosse afetada com os efeitos da radiação. Para a família, a pedra carregava maldições, por isso os que a tocavam morriam ou ficavam com sérios problemas de saúde. Na história, o autor não diz qual foi o fim da família.

Seguindo para a análise do livro Histórias de Monstros e Diabruras, afirmamos que, pelo próprio título da obra, já se evidencia o caráter insólito e imaginoso acentuadamente marcado. Com exceção do segundo conto, narrado por um narrador-personagem, todos os contos são

narrados por um narrador na terceira pessoa do singular. Em todas as histórias, é certa a presença do sobrenatural, elemento essencial para a obra ser classificada como própria do gênero fantástico. Inclusive em histórias de animais medonhos, isso fica bem claro em todas as narrativas que compõem esse grupo. Utilizando como exemplo o conto *A Galinha Preta*, observamos uma galinha que choca olhos humanos no lugar de ovos, algo impossível no mundo real. Ao ouvir essa história contada pelo velho Caldeira, a família Hayden duvida que seja verdade. Essa incerteza experimentada tanto pelos personagens quanto pelo leitor, é chamada de vacilação, que acontece quando não se sabe se os fatos são considerados sobrenaturais ou se haverá uma explicação de acordo com o mundo natural. É essa incerteza que caracteriza o mundo fantástico.

Um dos gêneros da narrativa fantástica, é o Fantástico-Maravilhoso, que ocorre quando há um rompimento da vacilação, ou seja, os personagens passam a aceitar o sobrenatural como algo presente no mundo real. Em *Histórias de Feitiços Macabros*, há o conto *O Segredo do Patriarca*, no qual se observa a construção do Fantástico-Maravilhoso, quando Gemima, neta de Vulpino, depara-se com Moura Torta, uma bruxa que para a menina só existia nas lendas contadas por sua avó, No entanto, passou a fazer parte de sua realidade. Na construção de todos os contos, percebemos que o autor fez referência a elementos que fazem parte do mundo não-ficcional, como, por exemplo, informar que os fatos narrados sempre se passam em uma cidade ou país verdadeiro como Brasil, Portugal ou

até mesmo o continente africano. Isso faz que se construa uma narrativa dentro de uma perspectiva mais verossímil, ou seja, com efeito real.

Outra característica da narrativa fantástica que pode ser observado nesta obra, é a presença do estranho quando podemos explicar um fato de acordo com as leis da realidade. Sua principal característica é a explicação do sobrenatural por meio da razão. No conto O Enigma da Pedra, observamos a presença do estranho quando a família acredita que os males causados pela pedra são maldições, porém, no final da narrativa, explica-se cientificamente os fatos ocorridos: para os cientistas da NASA, a pedra era apenas um lixo nuclear carregado de substâncias radioativas.

A obra apresenta uma leitura agradável e de fácil compreensão, com histórias muito terríveis, algumas curtas e outras longas. No decorrer do enredo, é frequente a presença de animais esquisitos, monstros, velhos e crianças. O autor consegue prender a atenção do leitor e despertar a curiosidade para o desfecho das histórias. A obra não é recomendada para crianças por conter conteúdos considerados violentos pelo escritor.

Mediante a análise da obra, verificamos aspectos do insólito, definido como algo anormal, incomum ou extraordinário, em sua construção. Tais aspectos são representados claramente pelo fantástico, fantástico-maravilhoso e fantástico-estranho.

## Ruídos Noturnos & Poemas do Esquecimento Vivo

ALVES, Francisco. *Ruídos Noturnos & Poemas do Esquecimento Vivo*. São Paulo: Editora Kuzuá, 2017.

Elisa Coimbra<sup>1</sup>

*Ruídos Noturnos & Poemas do Esquecimento Vivo* (2017), obra de Francisco Alves, é a terceira publicação do poeta, e se apresenta como um compilado das anteriores. A primeira parte do livro compõe-se de *Ruídos Noturnos* (doravante RN), primeira publicação, a segunda compõe-se de *Poemas do Esquecimento Vivo* (doravante PEV), seleção inédita de poemas. E conta ainda com uma terceira parte, em forma de apêndice, correspondente a *Poemas à Meia Carne*, primeira publicação do poeta.

A despeito de ter começado a explorar seus pensamentos de forma poética desde muito cedo, Francisco Alves automeiou-se poeta somente após ver seu título consolidado por meio das páginas de um livro físico. Seminarista tentando ingressar como padre na igreja católica, foi desde sempre um leitor voraz, e atribui parte disso a sua desistência à clerezia. Dessa maneira, ingressou no curso de Letras, como o próprio diz “tresloucado de ideias”, e posteriormente integrou também o cenário de produção teatral da cidade de Boa Vista/RR, onde junto de amigos fundou a *Companhia do Pé Torto*.

Deste contexto emergiu a maior parte dos poemas pouco maturados que compõem o volume único de *Ruídos*

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação em Letras-Português (UFRR).

*Noturnos*, bem como a poesia que sugere um processo de dedicação mais devotado das publicações que se seguiram.

Na primeira parte da obra, tem-se contato com uma literatura de pastiche. Em linguagem coloquial, o poeta sedimenta sua maior influência: Alves é, a bem dizer, cria de Hilda Hilst, ao abordar o sexo sem meios termos e firulas: “Carrego uma penca / No meio das pernas, / E dela tiro penquinhas / Oba lê lê / Vê se não exageras / Deixa alguns na matinha” (p. 20).

Além do sexo ser uma das principais temáticas da obra, também observa-se um eu lírico satírico, que mostra, até certo ponto, pouco compromisso com as palavras e situações que descreve, quando a imagética produzida: “Estou cagando / No meio da encruzilhada / Com as pernas abertas... / Aos quatro ventos, / Na venta pegando / a mão, / não dá amada / já era / geras!” (p. 24)

De certa forma, observa-se também uma poesia experimental, que segundo Herberto Helder tem como principal tendência a exploração das estruturas textuais independente de sua intenção significativa. Assim Alves transfere ao leitor uma urgência evidenciada pelas exclamações durante toda a obra, que talvez pela inexperiência do poeta à época, ao lugar de se fazerem um bom exercício de reflexão e prática, solidificaram-se com boas premissas apesar de seus finais tardios, que acabam quebrando a atmosfera descuidadamente construída pelo poeta. Em vias contrárias, pode-se pensar que esta atmosfera construída levemente, na verdade, fora muito bem pensada pelo poeta enquanto seu processo de criação: “Teu pedaço bro-

ta / Na palma de minha mão / E de mão beijada sou teu,  
/ Porque vejo tuas vaidades / E isso de ti não me aborta,  
/ Entre as pernas o dócil cão, / Onde esse cão se meteu?  
/ Talvez no grande mijo leiteiro... / Há um pedaço teu  
perdido / Na minha ignorância... / Cuida... / Ou tu serás  
vendido, / Não sou estância..."

Parte da escrita de Alves parece muito se confundir com as falas da persona teatral do poeta, o que resulta não necessariamente em bons acertos, como o da página 13 "foi na fumaça das pontas / cigarrídiadas ou na venta / desta baforada / de senhor amantes das cadelas / em ruas veladas / por isqueiro suor e calçada? / ante o poste apagar o facho / o fogo no meio da boca, / pipoco na praça... / incêndio na lasca, / do vestido preto, encalço: / - manda o cigarro! / gente oca! / do Cu telo / fumador de bocas, cabelos e cérebros!". Observa-se um sentimento intenso, quase obrigação de Alves de utilizar-se de inúmeras referências literárias, filosóficas, biológicas etc, o que nos faz questionar a necessidade do poeta encarnar-se de maneira redundantemente autoafirmativa: "Tem dias que meu 'ser ou / Não ser' fica indeciso / Então escapo fazendo versos / Dizendo o dito pelo / Não dito" (pg. 21); "um dia eu quis saber / O que era sexus / Meu pai disse em solo arenoso / - Meu filho é tudo homo / Complexus" (pg. 21).

Uma vez que se olha para o contexto social do qual Francisco Alves emergiu, compreende-se o porquê de um homem que tenha suas características biossociais subestimadas e marginalizadas, se expresse dessa maneira. Assim, a urgência que se faz expressar junto da soberba intelec-



tual encontradas nos poemas supracitados e em diversos outros desta parte do livro, não partem de mero capricho fetichista, mas sim de uma *necessidade* que nasce da mesma leitura que ascendeu o homem comum para a poesia.

Um exemplo disso é que a ambição de Alves não sossegou até que se encontrasse em berço materializado não só nas páginas de seus livros, como também nas paredes da graduação, mestrado e doutorado.

O poeta, quando muito sincero, arrisca seus pensamentos em intuição duvidosa, desafiando os interessados a buscarem o porquê do texto da página 19 “meio dia encontro ciganos / eu sou um deles, / não mato meus enganados / prefiro alimentá-los / gosto de ser eles”, ser considerado poesia e não uma mera observação medíocre.

Entretanto, quando por essência simplifica-se, veem-se poemas como na página 15 “toda vez que amo teu nome / partes de mim / vão embora, / fica apenas um fino / pêlo que ora chora / ora dobra. / O resto some.”. Sua genialidade está evidenciada através de percepções sinestésicas contidas, por exemplo, na página 23 “não fico triste se alguém / anda de cu baixo! / cada um opera como quer / (!) / as mãos e o desdém / apenas encaixo / o anel onde quiser. / quer casar comigo?”, no qual se observa a maneira singular que o poeta encara o fazer sexual, de forma obscena e jocosa, elementos que acaba por incorporar à sua escrita.

A esta altura, pergunta-se qual seria o propósito desta edição compilada, na qual Alves traz de volta poemas antigos, gritos fantasmagóricos que destoam da maneira como o mesmo produz atualmente. Francisco Alves, como

que conhecendo não só a seu leitor, mas principalmente  
ciente das questões envolvendo sua escrita, deixa um po-  
ema, já no bloco de Poemas do Esquecimento Vivo, (pág.  
58) responder por si mesmo a necessidade de republicar  
Ruídos Noturnos:

Apareceu o último livro sem identidade  
Muito falatório ofuscou a luz  
O poeta cegou...  
Lê é um ato de maldade  
E mais que isso (leitor)  
Seduz!  
As escondidas, a obra alegrou...

Uma mocidade de olhares tontos  
Debaixo do guarda-chuva,  
Procura um sol...  
Ouve-se estrondos,  
Na noite, autógrafos de mão murcha  
Escrita e poesia cerol  
Cortam cabeças obtusas!

Tudo migra, atinge a sujeira  
É bom fechar guarda a chuva precisa morrer  
No beco próximo  
O livro sozinho procurou sua beira,  
Mais uma chance. Viver  
Baixar o olho é lógico...  
Grades de ódio

Se na parte de RN, os poemas são pouco maturados e concisos, deparar-se com os poemas correspondentes a PEV é perceber a imediata diferença entre um bloco e outro, uma vez que nestas páginas, encontra-se um *eu lírico* mais preocupado em realmente se debruçar sobre as mesmas questões existenciais de RN, e um *poeta* dedicado em trabalhar a poesia como um todo, sem se deixar seduzir pela produção da poesia fácil encontrada anteriormente.

Assim, Poemas do Esquecimento Vivo emerge dos mesmos dilemas outrora vividos por Alves, as crises existenciais acerca de amor, morte, sexo, conflitos de fé etc, mas o diferencial está realmente em que em PEV os poemas são degustados de outra forma, são revividos de maneira avassaladora, melancolicamente abismal.

Em PEV, o eu lírico faz-se sutil, dando à sua memória características presentes, dessa forma, fazendo-se possível que o poeta não só as reinterprete, mas as reviva desta maneira editada. Há uma latente preocupação do ser reflexivo inserido em contexto urbano (págs. 54, 55, 60, 64 etc), em que o poeta descreve o cenário da cidade onde vive e reflete sobre pobreza, hipocrisia, exploração e miserabilidade, reflexões que dão o corpus trabalhado em PEV. O poeta também se esmera em uma escrita dedicada ao simbolismo cotidiano, o que se alia perfeitamente à linguagem coloquial utilizada por ele, como observa-se na página 46: “mesmo velhaco não gosto de botões / são pequenas pregas / pequenas chancelas / pequenas evocações”, diz ele, plastificando sua visão distorcida da realidade com poesia verdadeira, embora ainda sofra de algu-

mas “recaídas noturnas” quando brinca com rimas tolas nas páginas 45 e 47.

Em *Verdades de um homem entre a multidão* (pág. 53), o título já denuncia o que será apresentado pelo corpo do poema: é o ato de olhar que está em voga, olhar este que além de perceber tudo como uma natureza inerentemente modificada, percebe as figuras principais como símbolos: “tem um percevejo sentimental / na minha carne, no peito uma cruz torta / causa inveja no homem inteligente”. Atentando-se à divisão das estrofes neste poema, se possível for fazer uma releitura deste período, ter-se-ia “tem um percevejo sentimental na minha carne / no peito, uma cruz torta causa inveja no homem inteligente”. Entretanto, Alves separa a estrofes de maneira pitoresca, deixando na mesma linha o final de um referente e o início de outro, evidenciando onde está contida a genialidade sutil de PEV: o poeta sugere que tais referentes não formam sistemas no caos da parte experiencial que é o viver, e para além, utiliza um rico e sensível simbolismo visual que transgride as barreiras observadas em RN.

Outro exemplo é o poema *Homem* (pág. 68), em que o eu lírico atinge seu estopim de melancolia, simbolizando sua crise existencial identitária a partir de uma memória plastificada em objetos cotidianos. O relógio, a seda, a mesa, as janelas híbridas, levam este eu lírico a se questionar “por que a formação da Cria?”, e diz ele Cria, com C maiúsculo, significando a existência como algo irremediavelmente próprio, tão intrínseco quanto a própria (crise de) identidade. “testa grande é bom sustento para

números / madeira maciça de lei escárnia / coloca o mundo dentro de uma saparia”, já na penúltima linha é dado o veredicto da narrativa, a situação do eu lírico é de extrema miserabilidade, até que retumba o final: “1985”, diz o poeta de forma lânguida, arrebatando o final do poema com sua data de nascimento, ou seja, o próprio não se exclui de ser o niilismo que tanto condena!

Percebem-se outras inquietações em PEV, como traços de uma síndrome de Peter Pan (pág. 76) (concomitantemente ao escárnio as crianças?!), e a crise permanente em sua relação com o pai (pág. 76). Essas narrativas encerram o bloco com uma força capaz de apequenar o leitor, como se o fluxo constante da rememoração tivesse sido levada ao limiar de um perigoso abismo, ou seja, se no início a discrepância entre um bloco e outro se dá, principalmente devido à sutileza presente em PEV, é aí que está o engano, pois os poemas só se apresentam de forma fragilizada em detrimento desta sutileza que, na verdade, é nada mais do que a miserabilidade de um ser que deixou seu presente-futuro ser consumido por seus fantasmas, o que faz de PEV reinterpretação memorialística do que está consolidado como passado.

Entretanto, deve-se considerar o quão ambíguo se observar o todo, e levar em consideração que se esses poemas são reinterpretação desses fantasmas anteriores, talvez estes não tenham, definitivamente, ido embora.

E assim se encerraria a obra, não fosse – como o próprio Alves intitula – o Anexo Rebelde. Neste, o poeta oficializa a não linearidade que a poesia manifesta-se em

seu *savoir-faire*: como já dito, *Poemas a meia carne* foi sua primeira publicação, o que deixa, após sair da seleção de PEV, desnorteados os leitores com a sagacidade do poeta ter incluído textos tão pouco maturados e que invocam o retorno das impressões estéticas e sensoriais de RN. Alves brinca sombriamente com o leitor aparentemente da mesma maneira que a vida joga com seu eu lírico.

Dessa maneira, as reflexões existenciais sobre o ser urbano, sexo, amor e vida, religião etc, generalizam-se na obra de forma a compor a escrita simbólica do poeta. Em *Ruídos Noturnos* e *Poemas a Meia Carne*, tem-se o jovem eu lírico, malicioso, prepotente, que faz das palavras uma arma prévia que, de certa forma, detém suas inquietações com toda pompa e sarcasmo; de outro, um eu lírico amadurecido e já calejado, que contrariamente ao anterior, apesar de ainda ser atormentado pelos mesmos fantasmas, permite-se sentir toda a intensidade do existir. O anexo mostra que só é possível ser humano se se for, também, ambíguo, ou seja, nada permanece ao poeta, nada tem rótulos ou conceitos, tudo é passível de transformações, inclusive aquela que retrocede ao que um dia se foi.

## “O primata tupiniquim”

VILELA, José. *O guru da floresta*. Cuiabá: Entrelinhas, 2013.

Jucikele Pereira Silva<sup>1</sup>

José Vilela, escritor, jornalista e professor, nato do estado de Mato Grosso, acabou apaixonando-se por Roraima depois de morar e trabalhar em vários estados brasileiros. Além da paixão pelo estado, também se simpatizou pelas causas indígenas recorrentes, o que resultou em seu décimo primeiro livro, *O guru da Floresta* (2013), que é uma fascinante obra da literatura roraimense, escrito de forma singela, mas traçada em linhas bem-postas.

Assim como *Rapadura é doce, mas não é mole* (2014), outro livro de Vilela, o guru da floresta também é inspirado em um relato indígena dos Macuxi (o autor não cita o nome do relato em seu texto). A obra exalta as belezas do extremo norte ao mesmo tempo em que traz uma forte crítica social, fazendo que o leitor se identifique em vários aspectos com o personagem principal, que apesar de ser um macaco bugio-vermelho, já passou por muitas injustiças na vida, como a maioria dos brasileiros.

Como uma forma de mostrar o potencial literário de Roraima e incentivar os estudantes a conhecerem mais sobre a cultura do estado, *O guru da floresta* foi indicado

---

<sup>1</sup>Aluna da graduação em Letras Português (UFRR).

como leitura obrigatória para o vestibular 2015 da Universidade Federal de Roraima. A obra organiza-se em três partes principais e conta com algumas ilustrações feitas por Fernando Ordakowski, deixando-a mais atraente, pois mostra o personagem principal em suas aventuras, fazendo que o leitor fique ainda mais curioso para saber o que acontece no decorrer da história. O livro conta a saga de um peculiar macaco por codinome Pancoso, apaixonado por uma índia da tribo kero-kero e defensor dos animais. A trama sucede no país da mamata que tinha como sede administrativa a capital da pizza, construída pelo Rei Jotacá, em uma época em que os animais falavam.

Usando sempre a ironia como sua principal arma, o autor aponta as lacunas sociais e mostra sua preocupação com a floresta, pois a cada dia as pessoas tornam-se uma ameaça cada vez maior para a fauna e a flora, uma vez que só querem tirar vantagem e destruí-las de maneira inconsciente. Munido de humor negro, Vilela consegue ir além do romance, fazendo o leitor refletir sobre o estado preocupante em que se encontra a sociedade, mostrando os seres humanos como os verdadeiros animais irracionais, além de apresentar um desfecho surpreendente.

Na primeira parte, intitulada “Como surgiu este livro”, o autor vira personagem e escreve de um suposto contato paranormal com o próprio primata, que depois de muito perturbar seus pesadelos, decide fazer um contato direto. Cheio de exigências, Pancoso quer a reedição do livro *Macaco velho não pula em galho seco* (uma obra infanto-juvenil escrita há alguns anos por Vilela) alegando que



sua história foi contada de forma totalmente errônea. A partir de então, tem-se início o apontamento dos problemas sociais, através de seu personagem Pancoso, “não é só um macaco nem um índio bêbado na capital da pizza, a quem se possa meter fogo no ponto de ônibus” (p. 20).

Depois de várias ameaças, inclusive de processo, Vilela concorda em fazer a reedição do livro, mas o macaco ainda não fica satisfeito e orienta o autor a pesquisar a fundo sobre seu mundo. Com as dúvidas esclarecidas e mais alguns encontros, Pancoso finalmente confia o principal motivo de sua aparição: precisa de ajuda para combater a exploração indevida da floresta, “Minha grande indignação não é pela caça em si, quando ela significa sobrevivência, o problema é a biopirataria, que leva à matança injustificável e ao tráfico e a escravidão da nossa gente” (p.27), e pede que o autor faça um trabalho de pesquisa que mostre a importância desses seres para a humanidade.

Depois de muito pensar, Vilela faz a pesquisa e descobre que os macacos estão presentes no nosso mundo mais do que pensava. Imagina que irá conseguir a história verdadeira, porém, o macaco ainda o manda para mais uma missão, entrar em contato direto com um guariba, e depois de algumas tentativas na Fazenda Estrela do Norte, a façanha de se encontrar com um primata é alcançada. Em seguida, finalmente, o símio começa a contar um pouco de sua história, o primeiro contato com a civilização, sua quase carreira política, participação na Assembleia de Primatas na capital da Pizza, seu namoro com Pena Azul, e até um contato direto com Makunaima.

Na segunda parte, “Pancoso na festa da banana”, a história começa de fato e se passa no Reinado de Dom Calamar. O macaco era como qualquer outro antes de cair em uma crise existencial e se isolar em sua rede por vários dias, até, supostamente, sua mãe o tirar de lá e o convencer a ir à festa da banana, um evento que reunia toda a bicharada e os índios da tribo kero-kero, na maloca do Buritizal. A festa contava com o afamado concurso das bananas, no qual o vencedor ganharia além de prestígio, dois beijos da índia Pena Azul, a linda e meiga filha do Tuxaua Marcha lenta. Hospedado na aldeia, o macaco descansava tranquilamente até ser acordado pelo índio Zangalhão, que o ameaçou e proibiu de participar do concurso.

Pancoso, por sua vez, não querendo arrumar confusão, apenas aceitou o recado. O que ele não imaginava é que outra vez sua mãe tinha outros planos para ele, o inscrevendo na competição e o obrigando a participar. Assim, o macaco acabou sendo o vencedor, mas, como foi avisado, Zangalhão não gostou nada de ter sido vencido e o espancou. Com sorte, Pancoso foi resgatado e levado para casa do Tuxaua, onde ficou sobre os cuidados de Pena Azul, o que resultou no macaco declarando seu amor por ela. Na volta para casa, descobre que seu pai está doente, e as visitas de sua mãe na verdade eram truques do xamã Sombra Pequena para deixá-lo melhor. Depois de muito pensar, ele descobriu como curar seu pai através do poder das palavras.

Na terceira e última parte, “O casamento que termina mal”, o autor conta como se deu o namoro entre o bugio e

a índia Pena Azul, e neste momento, aparecem mais dois personagens muito importantes na história: Flor-dos-ventos, a extrovertida irmã de Pena Azul, e seu namorado, a Onça-Macho, um carrasco e arrogante carnicheiro, que depois de tanto aprontar, recebe o devido castigo. Muito infeliz com a escolha da filha Flor-dos-Ventos, o Tuxaua Marcha Lenta tenta alertá-la sobre o perigo, porém, ela pouco lhe dá ouvidos, e pelo contrário, defende seu namorado dizendo que ele vale muito mais que o guariba barbudo.

Passado um tempo o casamento duplo estava marcado, o problema é que Onça-Macho queria as duas índias, e para isso precisava tirar Pancoso da jogada. Pena Azul, percebendo o interesse, alerta seu amado, que se surpreende, pois em sua presença o felino mostrava-se um amigo sem igual. Sem saber o que fazer, decide pedir aos céus, e então o inesperado acontece: Makunaima, o grande guerreiro guardião do Monte Roraima surge para ajudar. Passado o encontro, o primata já sabe o que fazer e põe em prática seu plano. Dias depois, o falso amigo procura o macaco para irem à Maloca do Buritizal, mas Pancoso encontra-se enfermo e impossibilitado de ir. Vendo a oportunidade, a onça aproveitou-se para assediar ainda mais a noiva do macaco, “Ela dizia não, mas o felino a pressionava e oferecia-se mais que cartão de crédito por telefone” (p. 99).

Faltando sete dias para o casamento e sem sinal algum do guariba, Marcha Lenta decide que se Onça-Macho o trouxer à Maloca, pode casar com suas duas filhas. Sem perder tempo, o vil animal foi às pressas atrás do símio, que

não tinha nenhum sinal de melhora. O que ele não imaginava é que tudo não passava de uma armadilha do primata, que fingindo-se de coitado conseguiu não apenas montar no animal, como também colocar rédea e arreio, além de levar esporas e um chicote. Após a chegada triunfal e humilhação pública de Onça-Macho, Pancoso sofre um acidente e cai morto no chão. Contudo, o autor ainda guarda muitas surpresas para o destino de seu personagem, e depois de muito choro de Pena Azul, a mãe natureza resolve devolver seu amado. Passado o susto, o casamento finalmente acontece, e depois de muita celebração, marido e mulher partem para a lua de mel na Floresta da Vovozinha. Pena Azul levava pouca coisa, “Os índigenas não precisam de um mundaréu de bugigangas para viver” (p. 120).

Chegando ao fim do livro, apresenta-se ao leitor uma eletrizante caçada, que termina de forma trágica para todos os personagens. Com sede de vingança, Onça-Macho vai ao encontro do casal, que se banhava tranquilamente no Igarapé das Traíras. Depois de deixar Pancoso desmaiado no chão, obrigou Pena Azul a ir com ele. Desesperada, a índia faz de tudo para tentar fugir, apelando até para a Lei Maria da Penha, o que foi inútil, pois como diz a Onça, o país tem leis demais e justiça de menos. Percebendo que o esforço foi em vão, ela apela às forças da natureza, que a surpreende lançando uma flecha e acabando com a vida do felino. Mas o que era alegria rapidamente transforma-se em uma nova tormenta ao descobrir quem lançou a flecha.

Novamente, a índia vê-se obrigada a apelar às forças ocultas, enquanto é brutalmente arrastada pelo índio

Zangalhão, que a deseja como esposa, e mais uma vez, seu clamor foi ouvido quando seu irmão, Pé-de-raio vai salvá-la. Após toda essa perseguição, os irmãos vão ao encontro do primata que continua semimorto, e depois de um breve momento de avaliação, acorda confuso, porém bem e sem lesões graves. Finalmente estão de volta ao caminho para casa, mais alertas que nunca, agora que o perigo era os caçadores. Mudando o foco, agora o autor explora o lado idealista do personagem, quando ele decide contar seus planos revolucionários para a humanidade, que inclui sua candidatura a deputado federal, seu projeto de lei de uma vacina contra a corrupção e ainda a Lei do Aborto livre.

Perplexa, sua mulher não gosta nada do que escuta, e o repreende severamente, “Porque beber água suja no poço da baixaria? [...] E como fica a questão da mamãção no dinheiro público? [...] os políticos são os piores exemplos de desvio de conduta ética” (p. 29). O primata tenta justificar-se, mas ela o faz prometer que tiraria essas ideias da cabeça. Não tendo outra opção, ele concorda, e continuam o trajeto sem tocar no assunto. Depois de tantos apuros, é de imaginar-se que o personagem principal tenha uma vida tranquila a partir disso, mas o autor surpreende mais uma vez, e por uma grande ironia, Pancoso, que resistiu firmemente às muitas atrocidades causadas pelo ciclo natural da vida, não conseguiu evitar o mais atroz e voraz de todos os animais: o ser humano, e morre atingido por um tiro ao tentar pegar uma flor para sua amada Pena Azul.

Cheio de referências satíricas a assuntos considerados tabus como religião, aborto, escândalos políticos da

época, bigamia e vários outros, *O guru da floresta* é um livro para ler e refletir sobre como os seres humanos exploram e destroem de maneira inconsciente a natureza, mostrando também os animais de uma forma que jamais se viu, dotados de um senso crítico inimaginável. O que pode parecer de início apenas uma simples história sobre macacos acaba tornando-se uma inesquecível viagem ao mundo animal e político ao mesmo tempo, que fará o leitor rir, indignar-se, e ganhar um eterno amigo: o irreverente e sem igual Macaco Pancoso.

## “Meia Pata para maiores”

DANTAS, Ricardo. *Meia Pata*. São Paulo: Kazuá, 2013.

Khatlen Lohanne Martins de Almeida<sup>1</sup>

*Meia Pata* se passa no final da década de oitenta e narra a trajetória de Daniel Silva, um biólogo pesquisador que acaba indo para Roraima, onde conhece a índia de etnia Macuxi, Iara Parente, e tem um confronto com a maior predadora da floresta, a onça-pintada.

Esse é o primeiro romance do escritor brasileiro Ricardo Dantas, publicado originalmente em 2013 pela Editora Kazuá com capa e ilustração na cor laranja. A obra de caráter regionalista divide-se em sumário, agradecimentos, prefácio e 20 capítulos, totalizando as suas 278 páginas.

Em meados de 2015/2016, a Universidade Federal de Roraima (UFRR) selecionou a obra *Meia Pata* como título de referência para o vestibular 2017 e 2018. No entanto, fez-se necessária uma nova edição, pois a obra não atendia a alguns requisitos, tais como uma linguagem voltada para o público infanto-juvenil; ademais havia erros ortográficos e tipográficos que passaram despercebidos aos olhos dos revisores.

Dantas, então, adequou o seu trabalho e em janeiro de 2015 foi lançada uma edição com capa e ilustração na cor azul. Segundo ele, em entrevista concedida aos

---

<sup>1</sup>Aluna da graduação em Letras-Português (UFRR).

alunos da disciplina Literatura em Roraima, em 2016.1, acrescentaram-se 7.500 caracteres no capítulo *Boca da mata*. Dessa forma, os palavrões passaram a dar lugar a eufemismos que os correspondessem. A seguir, exemplifica-se com alguns trechos:

- Cala a boca porra! Quebro a tua cara filho da puta! Hômi, deixe este pau no cu aqui mesmo, posso fazer besteira se ele for com a gente! – Sapo tinha sangue nos olhos. (p. 112)

- Cala a boca, poxa! Quebro a tua cara, filho da mãe! Hômi, deixe este mané aqui mesmo, posso fazer besteira se ele for com a gente! – Sapo tinha sangue nos olhos. (p. 86)

O novo livro recebeu outro ISBN, tornando-se uma nova edição. Entretanto, a nomenclatura de “2ª edição” não consta no livro de capa azul, mesmo havendo uma alteração significativa no conteúdo do livro.

Em face da ampla divulgação que ocorreu no meio acadêmico e estudantil, o romance foi escolhido para fazer parte do projeto Lona Literária, realização do *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência* (PIBID), na Escola Estadual Ana Libória, em Boa Vista. Os alunos do terceiro ano do Ensino Médio tinham contato não somente com as obras cobradas nos livros didáticos, mas principalmente com os títulos de referência para o vestibular da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Todavia, foi ao cursar a disciplina Literatura em Roraima, ministrada pela professora Sony Ferseck, no início



do ano passado, que a presente resenhista teve maior contato com a edição da capa laranja e com o próprio Ricardo, com o qual se adquiriu uma edição azul autografada.

Nesse romance, há três ambientes em que se processa a narrativa: a cidade, o acampamento e a floresta. O primeiro ambiente, a *cidade*, narra as primeiras impressões de Daniel ao pisar em solo roraimense: seu contato em Boa Vista, o Engenheiro Florestal Cláudio e o seu encontro com Mr. Peter, um norte americano, diretor de uma empresa de investidores de capital estadunidense e canadense, a Bronze Verde Florestal. Seus contatos com o professor Verduroso, agrônomo, e o Engenheiro Florestal Torini da Embrapa. Em seguida, Daniel conhece seu Plínio, o prático, que o ajuda com a contratação dos peões que trabalharão para ele durante três meses. É nesse primeiro ambiente que Daniel matem contato com Iara.

No segundo ambiente, o *acampamento*, fala da viagem para a floresta, onde o rapaz conhece Ronaldo e o Velho Xereta. A equipe da floresta compõe-se por Daniel, Jesus, Raul, Sapó, Manel, Cuca e Ronaldo. Nesse ambiente, descrevem-se a primeira noite de Daniel na floresta, o primeiro dia de trabalho do grupo, alguns conflitos secundários entre a equipe e os grandes momentos de tensão que envolvem Cuca e Raul.

No terceiro ambiente, a *floresta*, Daniel rastreia a onça e a encontra. Ele e Meia Pata têm um confronto feroz e dias depois os dois encontram-se novamente. Desta vez há um respeito maior da parte de ambos e o rapaz conversa com o animal.

Ricardo, assim como a personagem principal da trama, Daniel, é biólogo, potiguar e sua esposa é uma índia chamada Yara Macuxi. Entretanto, o romance não se classifica como autobiográfico. Além disso, a obra vem sendo considerada a precursora do Movimento Literário Bioarte, criado pelo autor. Segundo ele, em entrevista concedida à Folha de Boa Vista Web<sup>2</sup>, trata-se de um movimento que surgiu através da concepção em enaltecer os ecossistemas e os povos indígenas.

Menciona-se que por um equívoco da Folha Web, alguns desavisados acreditam que o autor criou um gênero literário, pois a chamada da matéria diz: *Novo gênero literário surge em Roraima*. Isto seria um enorme erro conceitual. Questionado sobre isso, Ricardo Dantas corrige que não se trata de um gênero, mas sim de um movimento. A seguir, apresenta-se na íntegra o Manifesto Literário Bioarte:

A Bioarte louva os verdadeiros artistas. Os indígenas, que mesmo diante do preconceito, da dor de presenciarem suas terras sendo devastadas, seguem firme na luta pela autenticidade de seus direitos. Os extrativistas, como os seringueiros, massacrados, porém resistentes, que com sangue escorrendo das bandeiras, venceram a opressão e conquistaram uma vida digna. O sertanejo agricultor, que não desiste de rachar o solo cristalizado pela seca, e com mãos e orgulho calejado, segue em frente sem fraquejar. E por fim a Natureza, que compadecida, presencia árvores frondosas, literalmente milagres que fornecem o suporte para milhares de formas de vidas

---

<sup>2</sup>Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/Novo-genero-literario-surge-em-Roraima/25228> Acessada às 22:50 do 03/03/2017

serem ceifadas, levando para a tumba toda a rede ecológica. A Bioarte exalta a biodiversidade, a pluralidade social e principalmente as interações ecossistêmicas entre cultura e arte.<sup>3</sup>

*Meia Pata* pode ser posta ao lado de obras que vêm sendo publicadas desde 1908, em que o homem e a floresta travam embates nas brenhas tropicais em proporções de forças que se alternam em conformidade com a perspectiva da narrativa.

Obras como *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel, *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, *A voragem* (1922), de José Eustasio Rivera e mesmo *Canaima*, de Rómulo Gallegos, em que o cenário é a Venezuela. Nessas obras, a floresta é descrita ou como infernal ou paradisíaca, imagens extremamente comuns, perceptíveis nas falas embevecidas de Daniel sobre o lavrado roraimense e as áreas de transições.

Os pontos positivos da narrativa que mais impressionam são a simplicidade e habilidade do autor ao caracterizar as personagens, através da construção da linguagem de cada um. A escolha em adotar uma alternância de narradores, pois na obra há o narrador-autor e a narração pela perspectiva de *Meia Pata*, a onça, que no primeiro capítulo narra sua trajetória de dor e agonia ao ser atingida por um “alto-terrorizante” que dilacera a sua pata dianteira esquerda.

O aparecimento da característica pós-modernista, *pluralidade de gêneros*, presente em obras como *O Mez da*

---

<sup>3</sup>Disponível em: <http://eusouderoraima.com.br/ricardo-dantas/> Acessada às 23:39 do 03/03/2017

*Grippe*, de Valêncio Xavier, dividido em fotografias, anúncios publicitários, depoimentos orais, versos de poema, músicas e manchetes jornalísticas, e *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso conselheiro Gomes, o Chalaça*, de José Roberto Torero, por ser dividido em Memórias, Diário e Cartas. No caso de *Meia Pata*, há integração do *Diário* de Daniel na narrativa.

O processo de aproximação do protagonista com a cultura indígena, uma vez que *Meia Pata* é a real responsável por essa ligação, pois a Onça usufruiu de grande respeito nas culturas ameríndias. As características zoomórficas e antropomórficas existentes do início ao fim da narrativa fortalecem a ligação da obra com a cultura indígena. A onça é a maior ameaça ao homem da floresta, mas é nela que o ancião Sinforoso, Pajé da comunidade e avô de Iara, ao realizar um ritual xamânico com Daniel, transforma-se. Esses traços naturalistas estão presentes no ritual realizado pelo Pajé, no protagonista e na onça.

O autor, ao transformar o rapaz em um animal, dá início ao processo conhecido como zoomorfismo. A personagem passa a viver na floresta e a agir por instinto, de forma irracional e sendo condicionada pelo meio em que se insere.

Pôde ver com clareza o local que Meia Pata havia caçado e correu para contemplar de perto, onde havia uma paca com toda a região do pescoço, peito, paleta e costelas devoradas. Daniel debruçou-se sobre a carcaça, e com dentadas inquietas arrancou pedaços do animal. Comeu veementemente. Saciou-se de uma fome

que quase o consumiu e arrastou o resto da carcaça para sua toca. (p. 269)

Com a onça acontece o contrário, a ela são dadas características antropomórficas, que nada mais são do que a atribuição de aspectos humanos a animais, o que por sua vez gera inúmeras interpretações por parte das personagens em relação ao comportamento da onça.

(...) desde o dia em que matou o cachorro na grande toca dos humanos (...) de alguma forma menosprezou aquele ser. Mas ele estava junto dos que viviam nas imediações de suas terras há vários ciclos de chuvas, e esses humanos eram o debilitado “traícoeiro-camuflagem” e o vigoroso “velocidade-camuflagem”. (p. 24, 25)

Contudo, na narrativa, há alguns pontos negativos como a predominância de verbos no pretérito, o que torna a leitura muitas vezes tediosa, as cenas românticas são excessivamente circulares, para não dizer melosas, e não empolgam; e a descrição demorada da flora acaba dando a obra um caráter documental e um tanto ufanista.

As descrições a respeito da personagem Yara fomentam inúmeras discussões, pois ainda que a personagem seja a mediadora entre Daniel e a cultura indígena, ela não é uma personagem bem desenvolvida e não exerce um papel além disso.

No ritual xamânico anteriormente falado, Daniel não sofre uma transformação significativa enquanto pessoa. O protagonista apenas experimenta uma espécie de epifania, que dá uma súbita sensação de entendimento em relação ao que ele já desconfiava sobre a presença da Onça.

Aliado a tudo isso, o autor traz diversas discussões na narrativa, mas não as desenvolve. As cenas aparentes de afrontamento questionando valores sociais, morais e religiosos são superficiais e não revelam um posicionamento acerca das situações adversas vivenciadas pelos indígenas ou mesmo por seus companheiros de acampamento acometidos por situações de pobreza, exploração trabalhista, alcoolismo, mercantilização da fé, e o massacre da cultura indígena pelos dogmas cristãos.

Apesar do belo discurso proferido por Daniel ao fim do romance, a obra traz uma forma de preservação ambiental tanto quanto deslocada das questões sociais e políticas, o que o distancia completamente das obras que foram citadas anteriormente e que também retratam a floresta.

Em suma, *Meia Pata* é uma obra para todas as idades, o que faz despertar o interesse de todos que ouvem falar a respeito. Mas, para o desespero dos fãs e aqueles que ficaram interessados pela leitura dessa obra, que aliás, vale a pena, é desgostoso informar que a edição com capa e ilustração na cor laranja não está mais a venda há alguns anos.

Já a edição com capa e ilustração na cor azul pode ser facilmente adquirida nos sites da Editora Kazuá, Livraria Cultura e em lojas físicas, tais como a livraria da Universidade Federal de Roraima e O Centro das Isoladas. Caso o leitor prefira obter a obra autografada, é possível entrar facilmente em contato com o autor e adquirir o seu exemplar.

## “A poesia de Eliakin Rufino”

RUFINO, Eliakin. *Cavalo Selvagem*. Manaus: Editora Valer, 2011.

Natamy Mesquita<sup>1</sup>

Representante da literatura roraimense, Eliakin Rufino nasceu em 27 de maio de 1956 em Boa Vista (RR), cidade na qual reside atualmente. É cantor, compositor, poeta, professor, filósofo, produtor cultural e, desde 1984, apresenta espetáculos de música e poesia falada pelo Brasil e no exterior. A música faz parte da sua identidade. O autor é um dos idealizadores do movimento cultural Trio Roraimeira, que teve início na década de 80 juntamente com os cantores e compositores Neuber Uchoa e Zeca Preto. O movimento teve grande influência na construção da identidade roraimense por haver ajudado a traçar um referencial artístico do estado por meio da música, arte e poesia.

As composições do Trio Roraimeira delinearão a singularidade da cultura regional, alguns sucessos como as músicas Makunaimando, composição de Zeca Preto e Neuber Uchoa e Roraimeira, que dá nome ao movimento, composta por Zeca Preto. O autor também assina vários CDs com composições próprias e outros em parceria.

Rufino é autor de diversas obras: *Pássaros Ariscos* (1984), *Poemas* (1987), *Escola de poesia* (1990), *Brincadeiras* (1991), *Poeta de Água Doce* (1993), *Poesia para Ler na Cama*

---

<sup>1</sup>Aluna da graduação em Letras Português e Inglês (UFRR).

(1997). A mais recente é *Cavalo Selvagem*, obra composta por uma seleção de poemas reunidos com base em publicações anteriores e outros diversos momentos de sua trajetória como poeta. Os poemas foram organizados e apresentados pelo poeta e crítico literário Tenório Telles, também autor da peça teatral *A derrota do mito* (1996), e da obra *Viver e Canção da Esperança e outros poemas* (2011).

Lançado em 2011 pela editora Valer, a obra *Cavalo Selvagem* constitui-se de 205 páginas e divide-se em diferentes temáticas, “Guerra na selva”, “o fazedor de versos”, “Asas de borboletas”, “Estatuto da criança e do adolescente”, “Escola de poesia”, “Brincadeiras”, “aquarela”, “jogo rápido” e “poeta de água doce”, as quais proporcionam uma leitura dinâmica e fluída. A diversidade dos temas abordados leva a uma maior percepção da totalidade de Eliakin em escrever em diversos estilos.

Os poemas não seguem uma regra, nem todos se mantêm na forma tradicional, de muitas estrofes e versos, alguns bem longos e outros compostos por haicai que retratam cenas do cotidiano e pensamentos do escritor. A musicalidade presente na trajetória profissional do autor favorece a frequente utilização da rima, tanto em poemas breves quanto em poemas mais longos.

Os versos são expressos em uma linguagem regional, simples, sucinta e bem-humorada, todos marcados pela clareza e objetividade. O autor cuidou em manter sua espontaneidade, simplicidade e sensibilidade, fazendo a leitura agradável para todos os públicos. Os seus poemas caracterizam-se pelo lirismo e pela sequência narrativa,



que através da sua percepção manifestam uma visão crítica em relação ao contexto social em que vive.

O conjunto da obra expressa muito da identidade de Roraima, as memórias da sua infância, de suas paixões e das tradições que representam a história e a paisagem do Estado. O primeiro poema é o mesmo que dá título ao livro *Cavalo Selvagem*, escrito em 1989. De forma inspiradora, Eliakin descreve a liberdade de ser e de pensar como sendo sua alegria transformando o desejo de ser livre em seu estilo de vida, convertendo sua própria história em versos.

Na parte seguinte “Guerra na selva”, o autor reflete sobre a história dos povos indígenas desde a chegada dos europeus, de como as manifestações dos traços indígenas estão presentes no nosso cotidiano. Descreve os sentimentos e indignações que os povos indígenas sofreram no decorrer da história, ao mesmo tempo manifesta uma visão crítica sobre a irracionalidade da civilização. Em outros poemas, Eliakin leva o leitor a refletir a respeito da natureza, da maneira como se tratam nossos rios e nossas florestas e dos fins que estão tendo os animais, como reflete na leitura do poema: “Por que não parar agora?” (Pag. 34):

(...)  
O homem fere o peixe e mata o rio  
A motosserra escarpela toda flora  
É tão terrível o desastre que pergunto  
Por que não parar agora?

Posteriormente em “O fazedor de versos”, o autor reúne a arte da música e da poesia com seu olhar observa-

dor. Com base na poesia, reflete a grandeza de ser poeta, a felicidade da liberdade de expressão, o milagre que o poeta faz ao tirar da escuridão um poema de luz. Rufino de maneira concreta e realista, representa sua vida por intermédio da arte, e leva a refletir sobre diversas temáticas que abordam a liberdade de expressão para aqueles que enunciam a poesia em qualquer situação e a relação entre o poeta e o leitor. O poema por nome “Poeta” (pag.57), carrega consigo a relevância da existência de um poeta, e a percepção mútua das idealizações que trazem sentido ao seu estilo de vida.

(...)  
Poeta é aquele que escreve  
Uma canção popular  
É aquele que se atreve  
E manda o povo pensar  
(...)  
Poeta é aquele que rir  
Depois de chorar baixinho  
Sabe bem aonde ir  
Não sabe é viver sozinho

O poema “Asa de Borboleta” traz uma mensagem de interesse nacional, sobre o desmatamento e a poluição, aos olhos de uma borboleta azul, amarela e preta e uma serpente. Eliakin reforça a necessidade de mudar nossa atitude em prol da natureza. O poeta partilha de uma linguagem bem regional conectada a elementos do nosso cotidiano.

Em uma versão poética composta por rimas e estrofes, Rufino escreveu o “estatuto da criança e do adolescente”, descrevendo os direitos da criança de forma simples e compreensível, o que facilita a leitura para o público in-

fantojuvenil, baseando-se diretamente no que está escrito na Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A criação artística do poeta contemporâneo, caracteriza-se pela representação estética moderna e ao mesmo tempo agrega o realismo ao compromisso de retratar a realidade do nosso contexto social.

“Escola de poesia” constitui-se de uma pluralidade de poemas voltados ao ambiente escolar, tudo vira poesia aos olhos de Eliakin Rufino, de tal maneira que descreve cada objeto atribuindo suas funções de forma poética e bem-humorada.

Os versos de “Brincadeiras” recordam a infância, uma manifestação literária da alegria de ser criança nos jogos de varetas, cavalo de pau, bolas de gude, pião, papagaio, boneca, pula corda, jogo de dados, peteca e carrinho. Em seus versos, o poeta mostra que para brincar não precisa de muito, pois não importa qual seja a brincadeira e sim a diversão, descrita de forma alegre e contagiante.

A parte mais colorida do livro, “Aquarela”, o autor fez das tonalidades das cores poesia, em que do azul está o céu, do marrom a madeira que cruza o rio do tempo, do verde o campo, do róseo o boto do Amazonas, do cinzento o tempo de chuva fina, do branco o traje do poeta e as belezas das nuvens, o amarelo o brilho do sol, tem o preto da cor do pneu e tem o preto de gente, violeta cor alegre da orquídea nativa, e do vermelho o mais puro amor.

Nos clássicos haicai, o autor apresenta muito da sua trajetória e da sua identidade, da forma em que observa a paisagem ao seu redor, elabora em poucas linhas seus desejos e virtudes.

A representatividade de “Poeta de Água Doce” assume as completas características do povo roraimense. Os poemas revelam as manifestações do clima, as belezas dos rios que cruzam as cidades, a beleza dos campos da vida nativa, das tradições das lavadeiras que lavam suas roupas nas tabuas na beira do rio, da pedra pintada, Monte Roraima, os povos indígenas, o pescador, todos representados pela grandeza da poesia, enaltecendo a relação homem e natureza.

É notória, na poesia de Eliakin Rufino, a sua preocupação com os problemas sociais e ambientais que envolve nossa sociedade. A sua linguagem objetiva, deixa claro a manifestação do realismo e ao mesmo tempo o romantismo na demonstração de suas emoções em idealizar um mundo melhor para o homem. Pela fácil leitura, indica-se o livro a todos os públicos pela praticidade e organização dos poemas, que possibilita ao leitor o contato com diferentes sensações no decorrer da leitura, com sua simplicidade consegue sensibilizar a todos mesmo com uma linguagem simples.

Na linguagem regional, seriam necessárias algumas notas de rodapé para explicar algumas palavras, para quem não é do Norte seria uma forma de estrangeirismo, por serem palavras ou expressões típicas da nossa região por exemplo: Macunaíma, cruviana, pindoraima, entre outras que poderiam ser melhor explicadas ao leitor mesmo indiretamente, deixando o texto com mais clareza para os que não integram na nossa regionalidade.

## **“Beiral, a interpretação da natureza regional e a preservação dos costumes dos povos nativos de Roraima”**

Francisco José Farias de Freitas<sup>1</sup>

PRETO, Zeca. *Beiral*. Boa Vista: Roraimeira Produções Artísticas, 1987.

*Beiral* (1987) é uma obra que reúne cinquenta e nove poemas dedicados à cidade de Boa Vista e ao seu povo simples que viveu e vive às margens do Rio Branco. O autor Zeca Preto é músico, compositor e poeta, natural de Belém do Pará, mas se considera roraimense por residir no estado há muitos anos. Zeca Preto integra o chamado Trio Roraimeira, juntamente com Eliakin Rufino e Neuber Uchoa. Trata-se da principal referência musical em Roraima. O grupo iniciou em 1994, quando Zeca Preto apresentou a canção Roraimeira no Festival de Música de Roraima (FEMUR). Essa canção conquistou o segundo lugar no festival e nomeou também o movimento cultural criado pelo trio, que reúne artistas plásticos, poetas, músicos e outras artes, como a dança.

O grupo formou-se com base na semelhante arte entre os três integrantes, voltada para a cultura indígena e as belezas naturais de Roraima, com o objetivo de cantar e defender a temática regionalista e nativista. O movimento e as músicas têm como finalidade divulgar também a miscigenação cultural do povo de Roraima, composto de gen-

---

<sup>1</sup>Aluno da graduação em Letras Português (UFRR).

te de todas as partes do Brasil, e os costumes dos povos da fronteira com a Venezuela, que influenciam diretamente os batuques dos tambores do trio, criando uma identidade cultural, universal e plural.

Há mais de trinta anos, o Trio Roraimeira tem o compromisso de defender essa identidade cultural, apresentando em cada canção a temática regionalista e nativista. Essa temática é representada também nas obras individuais de cada integrante, fortificando o movimento que defende a liberdade de expressão dos povos oprimidos pelo sistema capitalista. É basicamente essa temática cultural que Zeca Preto apresenta em *Beiral*, obra que se encontra disponível na Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima (UFRR)<sup>2</sup>.

Em *Beiral* (1987), o autor define a essência da obra nas primeiras páginas do livro: uma crítica social que aborda o esquecimento injusto de grupos nativos, simples e humildes que tiveram suas verdades oprimidas pela alta roda social. A interpretação da natureza regional e os costumes dos ribeirinhos, também são representados pelo autor em seus poemas. A primeira parte do livro compõe-se de vinte e quatro poemas, todos eles retratando o cotidiano dos ribeirinhos que viviam às margens do Rio Branco, mais especificamente na região conhecida como Beiral, no bairro Caetano Filho situado próximo ao Centro da cidade de Boa Vista. Esse local simboliza nos dias atuais a vida simples de pessoas marginalizadas e oprimidas socialmente. Com a chegada da urbanização, os habitantes do bairro perderam seus costumes históricos, mas nunca perderam o amor pelo rio nem pelas riquezas naturais da região.

---

<sup>2</sup>Também dispomos de uma versão digitalizada.

O primeiro poema tem como título a junção do nome Hércules, herói clássico da mitologia grega que representa força, proteção e superação; com o nome da etnia indígena Macuxi, formando então o termo Hércuxi. No poema, o autor faz uma representação de um fenômeno regional, a cruviana. Trata-se de um vento que vem do rio e adentra a floresta amazônica emitindo um som peculiar todas as noites. A cruviana é uma lenda macuxi, logo essa informação nos conduz à relação desses versos com o título. O autor é levado à lua por esse vento, em que “planta pés de caimbé”, árvore nativa do lavrado roraimense, símbolo de resistência. O poeta representa em seus versos a resistência do povo nativo ao ver se aproximando o futuro de exploração social e da extinção de seus costumes tradicionais.

No poema seguinte, Filgueiras, o autor apresenta no título a representação da árvore segundo uma parábola apresentada na Bíblia, que ocorre quando os ramos da árvore se renovam e as folhas brotam, anunciando que está próximo o verão. O autor cria então uma analogia do florescer da filgueira com a seca do rio que ocorre anualmente. Nos versos, identificamos a consequência dessa época de seca, quando o principal rio da cidade, Rio Branco, se encontra com o nível de água baixo e embarcações chegam a encalhar, impedindo os pescadores de navegar à procura de peixes para o sustento da família. Assim, não têm outra opção, a não ser esperar o período chuvoso chegar novamente.

Outro poema importante que representa o cotidiano da época é Nadureza. Nele o autor relata o cotidiano do ribeirinho que vivia às margens do Rio Branco. Na época,

não havia muitas casas na região, então o povo ribeirinho tinha a mata como morada; seus amigos eram as cobras; sua banheira, o rio. Inseridos e habituados ao contexto duro da natureza, os nativos utilizavam a pesca como fonte de renda para sustentar a família. Percebemos no poema a produção de outra forma de sustento dos ribeirinhos: a farinha, um alimento típico da região amazônica produzido à base da mandioca e utilizado para acompanhar pratos típicos (carnes de caça e peixes, por exemplo).

No poema Samaumeira, o autor representa a utilidade de uma árvore nativa da região Amazônica e o apego que os moradores da floresta tem com ela, fazendo uma crítica ao desmatamento que começa a perseguir e devastar toda área às margens do Rio Branco – consequência da chegada de colonizadores e fazendeiros, que naquela época estavam explorando o local a fim de se apoderar de terras que já tinham seus donos.

Prosseguindo a leitura da obra, encontramos o poema Rio Branco, no qual o autor retrata o afeto e o conhecimento da região por parte dos ribeirinhos. Nos versos, o autor define a relação do título com o poema ao apresentar os sentimentos, o compromisso e os costumes que os ribeirinhos tinham com o rio. São notáveis a admiração e o amor nos versos do autor quando representa o cotidiano dos ribeirinhos, pescando, admirando as praias e suas areias, os peixes e o nascer do sol.

O autor define a pobreza dos habitantes da região no poema Minha Gente, revelando a escassez de alimento em determinada época do ano e a dificuldade que as mães, muitas vezes negras e escravas, tinham para produzir leite



materno e alimentar seus filhos. Essa inclusão da escravidão na obra é visível em outro poema, que tem por título *Independência*, pela representação da liberdade que, na época, era privilégio apenas das mulheres brancas. Nesses versos, o poeta retrata o prazer que sinhá donzela tinha por ter o poder e a autoridade para levantar o mastro da liberdade enquanto o povo de classe inferior a ela era escravizado para sustentar o conforto de seus herdeiros.

O poema *Genésio* representa o modo de vida dos ribeirinhos, homenageia uma figura masculina de nome comum na região, representado como um pescador que nasceu e cresceu na beira do rio. O poeta menciona o conhecimento que o pescador tem da área local, composto de igarapés, serras e matas perigosas, onde o acesso é feito apenas por nativos que conhecem os percursos.

Na sequência, encontramos no poema *Malagueta* os costumes típicos da culinária roraimense, no qual se apresenta ao leitor o hábito dos ribeirinhos em comer e cultivar a pimenta ardida.

Outra homenagem presente na obra é a representação do trabalho e da figura do homem que atravessava o rio de balsa levando mercadorias, ilusões e esperanças para outra região. A essa figura também é dado um nome, que é apresentado como título do poema. Assim como o autor nomeia a figura do pescador com *Genésio*, também existe o balseiro *Chico Ribeiro*. O poeta deixa claro sua gratidão a essas figuras regionais no poema *Força*, e o valor que os ribeirinhos têm em sua obra, consagrando o homem nativo como seu ídolo.

No fim da primeira parte do livro, observamos a saudade que vai ganhando espaço nos poemas do autor. A primeira é expressa em Amigo, poema em que o autor relata a morte de um companheiro baleado na madrugada, e ao mesmo tempo, faz uma crítica à urbanização crescente na região. Essa urbanização apresentou aos nativos, por exemplo, as armas de fogo, que eram usadas pelos fazendeiros que colonizaram parte do território roraimense. Em seguida, a lembrança da figura de um pescador toma conta da memória do poeta que projeta em seu poema, intitulado Simpatia, o trabalho que o pescador tinha em fazer sua tarrafa e a saudade que sente por não o ver mais fabricando suas redes.

Notamos que a saudade que inspira o autor a escrever esses poemas, não é somente de pessoas que morreram ou de amores, mas também da infância vivida pelas crianças ribeirinhas naquela época. No poema Curumim, observamos a representação da infância dessas crianças, que era definida em brincar de colher frutas do pé para comê-las ainda frescas, caçar pássaros com baladeira e ainda utilizá-la para fazer travessuras, como quebrar a vidraça do vizinho.

Essa saudade da infância levada, como define o autor, é um retrato da vasta proliferação da urbanização que causou o esquecimento desses hábitos nas crianças, pois muitos fazendeiros e colonizadores da época as recrutavam para serem exploradas, sendo elas obrigadas a executar trabalhos pesados em troca de pouca remuneração.

Na segunda parte do livro, o autor expõe em seus versos todo seu romantismo, retratando saudades e paixões

por figuras femininas que lhe encantaram e lhe inspiraram no longo percurso da vida. O autor volta a fazer críticas, dessa vez ao sistema, representado no poema *Jé Neral*, em que a figura criticada é um homem da lei, arrogante e cheio de ideias inúteis. Seguindo a leitura, encontramos no poema *Forrobodó* a representação de uma festa comum na região. Nela o autor retrata toda a diversão por parte dos participantes que dançam, tocam instrumentos regionais, cantam e, no fim, ganham tempo para a chamada folgança.

Mudando o contexto da obra que aborda somente o belo e apresentando mais uma crítica sobre a realidade, o autor relata no poema *Cadê Vocês* os danos causados pela urbanização da região ribeirinha que fez que o verde fosse substituído pelo concreto e as estórias dos pescadores deixassem de ser contadas, pois todos eles foram explorados, sendo obrigados a procurarem outros afazeres que contribuíssem para a produção de material para fortalecer essa dimensão de concreto devastadora. Ainda nesse contexto de sofrimento, o autor apresenta o poema *Rio Faminto*, no qual relata um suposto afogamento de uma criança que brincava com os amigos em uma praia que surgiu no meio do rio, situação comum na região em época de seca. O autor retrata o sofrimento da mãe, que desesperada percebe que perdeu mais um filho.

Na última parte do livro, o autor apresenta o poema *Terra* e deixa claro em seus versos que o lugar mais propício para evolução humana de forma saudável é o ambiente natural. Descartando a ideia de sermos criados em meio aos luxos e concretos das capitais de cidade grande.

Por fim, nos dois últimos poemas apresentados pelo autor, Beiral e Roraimeira, aborda-se novamente o cotidiano dos ribeirinhos que viviam às margens do Rio Branco, em Boa Vista (RR).

No poema Beiral, o autor apresenta uma figura feminina que pela manhã lava suas roupas na beira do rio, à tarde pesca para poder alimentar seus filhos, e à noite enfeita-se para ir à festa divertir-se, para depois aproveitar a folgança. No poema Roraimeira, a homenagem do autor é para o estado de Roraima em geral, onde há riquezas naturais encantadoras, que o inspiraram ao longo de sua trajetória já enraizada e embrenhada na terra e nos matos dessa região.

No livro, o autor demonstra claramente seu afeto e apego com a região onde decidiu viver. Em seus versos, ele define a forma de vida sofrida e ao mesmo tempo, alegre e proveitosa dos ribeirinhos. Porém, acaba fugindo do contexto quando decide englobar poemas que retratam suas paixões e inspirações por musas que não são representadas no contexto da obra.

Uma riqueza presente na obra é a forma que o autor descreve seu encanto pelo povo ribeirinho. Seus versos representam toda alegria que esse povo viveu ao entregar-se nos braços da natureza e aceitar todos os desafios que surgiram como o sofrimento causado por invasores que tinham como intuito roubar suas terras e matar toda sua fonte de vida, obrigando-os a sair do seu local de origem, onde antes mesmo de toda essa materialidade tomar conta dos mais avarentos, já existiam e viviam como gente des-

cente e honesta, cultivando e colhendo seu alimento para compartilhar com todos que sentiam fome.

Essa obra vale a pena ser consultada e lida, ou melhor, como indica o autor no início do livro, essa obra deve ser devorada. Pois nela há a riqueza das belezas naturais da região de Roraima, além da abordagem social e cultural indescritivelmente bela. Com base nos versos apresentados, é possível conhecer os encantos e costumes de uma região e de um povo que lutou pelos direitos ambientais, e que luta até hoje pela preservação da natureza, mas que são esquecidos e desprezados por muitas pessoas por viverem com humildade, simplicidade e desapego. A obra *Beiral* é a verdadeira representação do que consideramos amor, sendo ela a definição da essência de um povo rico em costumes e cultura regional, que clama até hoje por reconhecimento. Sem dúvidas, essa obra é uma forma válida de resistência contra grupos de opressão social.

## “Dois Irmãos, uma história”

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Zuldimar Peixoto Mota Júnior<sup>1</sup>

*Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, é uma obra que traz à tona o escritor e a cultura amazônica misturada com o mundo libanês no coração de Manaus com uma perspectiva diferente do que já tinha sido feito dentro da literatura regional nortista, sem tornar a obra como mais uma que poderia ser esquecida pelo tempo.

O escritor Milton Hatoum é manauara, sendo este o possível motivo para ter escolhido Manaus como espaço para a narrativa. Hatoum estreou na ficção em 1989 com *Relato de Um Certo Oriente*, ganhando inclusive o prêmio Jabuti de melhor romance do ano. *Dois Irmãos*, publicado em 2000, mereceu outro Jabuti e *Cinzas do Norte*, de 2005, ganhou os prêmios Jabuti, Bravo!, APCA e Portugal Telecom. Além de romancista, o escritor amazonense aventurou-se em 2008 com sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado*, em 2009, com a obra de contos *A Cidade Ilhada* e em 2013, as suas crônicas foram reunidas em *Um Solitário à Espreita*.

A obra de 2000 traz a história de uma família de imigrantes libaneses que se instalam na Amazônia, mais precisamente em Manaus, em busca de riqueza, já que naquela época Manaus estava em plena ebulição do pós-ciclo da borracha. A história é narrada por um narrador-

---

<sup>1</sup> Aluno da graduação em Letras-Português (UFRR).

-personagem que fica sabendo de sua própria história por meio de relatos de outros personagens ou por tornar-se personagem principal.

*Dois Irmãos* inicia com a cena de Zana, mãe dos gêmeos Yaqub e Omar, surtando e gritando aos berros que não quer sair da casa onde viveu ao lado de Halim, seu esposo, e de seus filhos. Nesta cena, Zana relembra a figura de seu pai, Galib, em um espelho que ganhou dele e chora se lamentando pelo distanciamento de seu filho mais novo, Omar, indo até o palco secundário da trama: o quintal com plantas tipicamente amazônicas.

O capítulo 1 relata o reencontro de Halim e Zana com Yaqub, o filho mais velho, que estava no Líbano a mando de seu próprio pai. Este capítulo marca as diferenças dos irmãos: Yaqub é aquele filho mais tímido, introvertido, enquanto Omar é aquele que tem características de uma pessoa boêmia, extrovertido. Neste mesmo capítulo, o narrador conta o motivo pelo qual Yaqub foi enviado ao Líbano cinco anos antes do início do capítulo: após um convite para irem ao cinema de porão na casa de uma vizinha, Omar flagra Yaqub beijando Lívia, filha da vizinha, depois que a energia falta e o lugar acaba sendo iluminado pela abertura das janelas. Envolvido por ciúmes, Omar quebra uma garrafa de vidro na cara de Yaqub deixando a cicatriz, a marca que difere os gêmeos.

Algo que deve ser levado em consideração tanto para o leitor da obra, quanto para quem ler esta resenha é que a narrativa não é linear. O narrador resolve contar a história utilizando analepses (recoo no tempo de uma

narrativa, que tem como objetivo narrar determinados acontecimentos ou situações ocorridas no passado). Em um único capítulo, o personagem vive e revive diversos momentos importantes de *Dois Irmãos*.

No segundo capítulo, o leitor conhece a história de como Zana e Halim se conhecem. Halim vendia peixes para o Restaurante Biblos, cujo dono era Galib. Certo dia, Halim se apaixona por Zana e acaba pedindo para um amigo escrever um gazal, poema lírico de origem árabe. O moço acaba esquecendo o gazal na mesa e Zana resolve lê-lo. Semanas depois, Zana devolve o poema e diz que são bonitos.

No dia seguinte, Halim toma coragem e declama o poema para todos que estavam no Biblos fazendo com que a moça ficasse envergonhada. Somente dois meses depois, os dois se reencontram e logo se casam. Este capítulo marca ainda a chegada de Domingas, a índia empregada da casa e mãe do narrador, Yaqub, Omar e Rânia, filha caçula do casal de enamorados.

O capítulo 3 se inicia pela carta de Yaqub dizendo que está tudo bem com ele em São Paulo, permitindo ao leitor descobrir que o mais velho já não estava mais morando em Manaus. Seguindo mais adiante, o leitor se insere na vida simples no quartinho de trás da casa dos libaneses entre a mãe, Domingas, e o filho, mostrando o cotidiano de empregados domésticos quase escravos do casarão. Outra cena deste capítulo é a viagem de barco entre os dois, durante a qual Domingas revela que Halim tem um grande carinho por ele.



No capítulo 4, as lamentações do narrador estão cada vez mais presentes. O narrador-personagem deseja saber de onde ele veio realmente, quem é o seu pai entre os irmãos. No desenvolver das lamúrias do narrador, Omar é acorrentado pelo pai depois de ter dormido como uma mulher no sofá de casa, marcando mais ainda as características do Caçula. O capítulo ainda é marcado por uma das grandiosas festas de aniversário de Zana, na qual os pretendentes de Rânia são apresentados a ela. Nesta festa, Omar traz Dália, a Mulher Prateada, para o salão de casa, fazendo com que Zana sentisse ciúmes de seu filho tão querido. Quase no final da festa, Zana chama a Mulher Prateada para um canto mais reservado da casa e fala que Omar é somente dela, amedrontando a mulher que chamou a atenção de todos e que acaba indo embora correndo da casa.

Depois de alguns dias, o narrador foi até a casa de Dália, a mando de Zana, entregar uma grande quantia para ela, que inicialmente reluta em aceitar, mas as tias da moça resolvem se aproveitar da situação e resolvem pegar o envelope. O capítulo também narra a ida de Omar pelo pai até São Paulo, onde estudaria, porém, teria que estabelecer-se sem ninguém, já que Yaqub não ofereceu ajuda ao irmão.

O quinto capítulo inicia com uma visita de Yaqub aos pais em Manaus e, instigado pelo sentimento de revolta, resolve contar para todos que Omar até que no começo era um aluno assíduo, mas depois de um tempo não tinha aparecido nunca mais no local onde estudava.

Este capítulo marca também a grande transformação pela qual Manaus passou durante a implantação da Zona

Franca. Isso fez com que a vida de todos os personagens mudasse, inclusive a casa onde todos moravam e a loja que Halim tinha na rua dos Barés, promovida por Yaqub, que já tinha batalhado o bastante para poder sustentar a si próprio e a sua família manauara, diferentemente de Omar, que queria apenas saber de “farrear”.

As mudanças dos personagens não são tão perceptíveis a curto prazo, mas influenciam no final de cada um: Yaqub, que desde a infância já era uma criança muito séria, torna-se um filho e marido centrado em suas decisões; diferente de seu irmão, Omar vira, ainda mais do que já era, um homem que aparenta ser um verdadeiro trabalhador, mas que no fundo só pensa em festas e mulheres. Já Zana começa a ter os primeiros indícios de que enlouqueceria com a perda do filho mais novo.

O capítulo 6 narra a volta de Omar para Manaus e que acaba conseguindo um emprego com um inglês. A partir deste momento, *Dois Irmãos* se torna um relato do crescimento de Manaus e do momento histórico em que o Brasil estava passando, a Ditadura Militar, envolvido na história desta família. As principais cenas deste capítulo são as que trazem as consequências da Ditadura em uma Manaus em pleno desenvolvimento.

Logo a mãe do Caçula desconfia que este emprego não passa de mais uma das mentiras contadas pelo filho. Após chegar em casa dirigindo um carro luxuoso, Omar resolve sair de casa para morar com a Pau Mulato, como era conhecida a sua nova mulher. Não contente com isto, Zana contrata um vendedor de peixes para ser o investiga-

dor que descobriria o paradeiro de seu filho querido. Porém, quem realmente descobre o lugar onde Omar estava é Halim, cansado de ouvir as rezas e lamentações de Zana.

Halim conta tudo o que descobriu e Zana vai até o barco afastado da zona portuária de Manaus, fazendo com que o filho maltrapilho voltasse para casa. Contudo, Omar volta revoltado com todos, quebrando tudo que Yaqub tinha comprado para o casarão, inclusive o espelho que a mãe tinha recebido de presente de casamento de seu pai Galib.

O capítulo 7 narra os acontecimentos da ditadura em Manaus. Depois de uma visita de Antenor Laval, professor da Escola Politécnica (ou Galinheiro dos Vândalos, como era conhecida na cidade), Omar e o narrador presenciaram sua morte por causa de ser um resistente à Ditadura Militar. Este episódio poderia ter sido maior para reconhecimento dos leitores do que foi a Ditadura Militar em uma metrópole amazônica. Após a morte, o narrador pega todos os documentos que estavam dentro da pasta de Laval, leva para casa e, muito abalado com a cena do assassinato promovido pelos militares, acaba adoecendo e acordando no seu aniversário com a visita de sua real família: a sua mãe Domingas, o seu avô Halim e aquele que ele considerava como um pai, Yaqub.

O capítulo 8 da obra narra o primeiro relacionamento não amoroso e incestuoso entre Rânia e personagem que até agora não tem um nome para poder ser chamado. Depois de vários pretendentes nas festas de aniversário de sua mãe, Rânia perde a virgindade no porão da loja de seu pai com seu próprio sobrinho logo que acabam de

arrumar e jogar no lixo tudo aquilo que não mais servia na loja de Halim.

Esta cena marca o início da vida adulta do narrador e a mudança de foco no romance. O oitavo capítulo também marca o último suspiro da vida de Halim, vida esta que foi marcada de um grande amor por Zana e pelo personagem filho de Domingas. Depois de tanta espera para a ceia de natal, Zana manda sua família procurar Halim, mas ninguém o encontra. Halim chega em casa de madrugada, logo depois de todos terem ido dormir, e seu último suspiro é no sofá que foi local para diversas peripécias entre o casal de origem libanesa.

No capítulo 9, o leitor presencia três grandes momentos da obra. O primeiro momento é a revelação do nome do narrador: Nael, nome que foi escolhido por Halim, já que era nome de seu pai, e acatado por Domingas, mesmo com certo estranhamento inicial. O segundo momento marcante do capítulo é o um dos clímaxes do romance: depois de aceitar um convite para construir um novo hotel, o arquiteto Yaqub viaja até Manaus para acertar os trâmites para a construção que seria feita, inicialmente, em conjunto com Omar.

O Caçula, revoltado por ter descoberto que seu irmão iria construir e ficar com todo o dinheiro do hotel, ataca com socos o mais velho enquanto ele estava no casarão e destrói todo o projeto que estava em cima da mesa da cozinha, fazendo com que Zana estranhasse a passagem rápida de Yaqub na capital amazônica.

Contudo, Domingas encaminhou Yaqub para um hospital, a mando do próprio Yaqub, que pediu que in-

ventasse uma história para Zana. O terceiro momento é quando Zana descobre todo o plano de Yaqub em abrir uma construtora sem a ajuda do irmão, já que ele tinha se reunido com a pessoa que entraria com a verba para a construção do hotel, fazendo assim com que todas as esperanças de reconciliação entre os irmãos se despedaçassem.

O capítulo 10 começa com o início de uma conversa entre Nael e Domingas, na qual, possivelmente, ela revela quem é o verdadeiro pai de seu filho. A mãe revela que é Omar, porém não deixa muito claro para o leitor se é realmente ele ou não. Logo que acontece esta revelação, os dois voltam para a casinha dos fundos e dias após ela acaba falecendo e balbuciando “Nael... querido...” (p. 189)

Seguindo o capítulo, mesmo morando em São Paulo, Yaqub deixou mais uma confusão em sua família: acordou em deixar a casa na rua dos Barés como forma de pagamento das dívidas que haviam sido feitas pela falta de conclusão do projeto do hotel. Com isso, Zana foi obrigada, mesmo relutante, a assinar a escritura de venda da casa, fazendo com que o início da história fizesse sentido somente quase no final.

No capítulo 11, o leitor descobre que Zana morre enquanto o filho caçula estava foragido da polícia. O leitor também descobre que Yaqub ainda tinha um sentimento de carinho por alguém da família: na escritura ficou definido que o casebre dos fundos da casa permaneceria ainda nas mãos de seu filho de criação.

O último capítulo ou epílogo, como pode ser encontrado em algumas edições, traz a cena que marca o final

da obra: o reencontro de Omar e Nael. O pai biológico, depois que foi solto, resolve visitar a casa em um dia de muita chuva em Manaus. Porém, quando chega em sua antiga casa, descobre que agora é o hotel Rochiram. Não satisfeito, Omar descobre uma passagem que estava totalmente alagada que levava para o antigo quintal. Neste palco amazônico, reencontra seu filho, onde tudo que Nael queria era que ele confessasse a humilhação. Uma palavra bastava: perdão. Mas isso não ocorre e Omar recua lentamente dando as costas para o passado.

*Dois Irmãos* utiliza-se do recurso de analepses dentro da narrativa memorialista de Nael. Com isto, Hatoum não chega a inovar, mas diferencia sua obra de tantas outras feitas no Brasil e no mundo. Este recurso impulsiona o leitor a querer saber os motivos que causaram cada cena ou o que está por vir dentro do romance.

Por outro lado, o uso deste recurso já mencionado pode causar estranhamento em alguns leitores. O retrocesso na narrativa feito por Nael faz com que o leitor se perca dentro da própria história. Com isto, recomenda-se uma leitura com bastante atenção, já que o narrador não avisa quando vai voltar no tempo para explicar algo que está acontecendo.

A importância deste romance para o mundo literário está justamente em não se passar nas grandes metrópoles sulistas brasileiras. Os grandes romances da literatura brasileira têm algumas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais ou da região sul como espaço para o desenvolver da história. Hatoum resolve mudar e traz Manaus

como espaço da obra, que, inclusive, pode ser considerada como uma personagem do romance. A história marca e cria uma literatura nortista que ganha reconhecimento não só para o Brasil, mas para o mundo todo, apresentando a Amazônia com um olhar diferente do que já existia no mundo literário nortista.

O autor inovou em não utilizar lendas e mitos indígenas, fazendo com que a curiosidade dos leitores fosse instigada a conhecer outras histórias amazônicas. Mesmo com o quase abandono por uma edição que faz jus à grandiosidade da obra, em 2017 relançou-se uma edição que não é de bolso, facilitando a leitura de quem busca por causa da grande visibilidade em volta da obra.

Recomenda-se a leitura de *Dois Irmãos* por qualquer um que gosta de saber mais sobre este lugar tão afastado e tão rico em belezas naturais ao norte do país. Para quem apenas leu a HQ publicada em 2015 por Fábio Monn e Gabriel Bá ou assistiu a minissérie da rede Globo em janeiro de 2017, se faz necessário ler a obra vencedora do prêmio Jabuti para conhecer o trabalho de Milton Hatoum.

# A ONÇA, O HOMEM, A PAISAGEM NA OBRA MEIA PATA DE RICARDO DANTAS: RELAÇÕES TOPOFÍLICAS<sup>1</sup>

Beatriz Ferreira Salles Freire<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo apresenta reflexões sobre a constituição da identidade da personagem Daniel da obra *Meia Pata* de Ricardo Dantas. Buscou-se analisar esta constituição a partir da interação com o meio, tomando como base teórica Tuan (1980, 1983), em suas obras *Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente e Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Nas referidas obras, o autor versa sobre sentimentos relacionados ao meio ambiente, denominando-o como Topofilia. E, ao considerar tudo o que foi estudado e analisado durante a pesquisa, compreendeu-se que a natureza da subjetividade humana exposta por Dantas em *Meia Pata* está irremediavelmente ligada ao engendramento de identidades, às relações com o espaço.

**Palavras-Chave:** Literatura Roraimense; topofilia; identidade.

---

<sup>1</sup>Artigo elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso em Letras, defendido em março de 2017 e orientado pela prof. Dra. Cátia Wankler. Agradeço as contribuições da banca de defesa composta pelos docentes: Sonyellen Fonseca, Mirella Miranda e Cleo Amorim.

<sup>2</sup>Graduada em Letras Português/Literatura e Mestranda em Letras pela UFRR; Aluna do Metrado em Letras da UFRR; e-mail: beatrizsalles@gmail.com



## Considerações iniciais

Tendo em vista que os estudos literários convergem cada vez mais para discussões em torno de questões relacionadas às identidades, a pesquisa aqui desenvolvida contribui para esse campo teórico contemplando algumas questões. Além disso, por não ter pesquisas que possuem com objeto de estudo a obra de Ricardo Dantas, busca-se contribuir com a produção destes dados para visibilidade e fortuna crítica da obra roraimense que inicia o movimento literário Bioarte: *Meia Pata*, de Ricardo Dantas.

Segundo Dantas, seu estilo, denominado por ele mesmo como Bioarte, pretensamente inicia um movimento literário que gira em torno, justamente, da proposta que é trazida em *Meia Pata*:

A Bioarte louva os verdadeiros artistas. Os indígenas, que mesmo diante do preconceito, da dor de presenciarem suas terras sendo devastadas, seguem firme na luta pela autenticidade de seus direitos. Os extrativistas, como os seringueiros, massacrados, porém resistentes, que com sangue escorrendo das bandeiras, venceram a opressão e conquistaram uma vida digna. O sertanejo agricultor, que não desiste de rachar o solo cristalizado pela seca, e com mãos e orgulho calejado, segue em frente sem fraquejar. E por fim a Natureza, que compadecida, presencia árvores frondosas, literalmente milagres que fornecem o suporte para milhares de formas de vidas, serem ceifadas, levando para a tumba toda a rede ecológica. A Bioarte exalta a biodiversidade, a pluralidade social e principalmente as interações ecossistêmicas entre cultura e arte. (Acesso em: 04/2/2017).

Logo, a Bioarte, segundo o autor, retrata a coexistência dos seres humanos e os ambientes naturais e seus elementos selvagens. É esta relação que aqui será abordada, aprofundada e analisada nesta pesquisa.

Por tratar-se de uma obra regional, isto é, “uma produção literária de determinados espaços geográficos” (WANKLER, 2013), realiza-se, nesta pesquisa, uma aproximação entre Literatura e Geografia, buscando refletir sobre os espaços dentro da narrativa através do conceito de topofilia estabelecido por Yi-Fu Tuan, que considera a relação afetiva espaço-sujeito, destacando também questões como constituição de identidades.

Visando proporcionar ao leitor um melhor entendimento em relação à obra, opta-se por trazer uma paráfrase da narrativa. Esta é composta por vinte capítulos pouco extensos apresentados por um narrador independente e surgiu a partir de um conto intitulado “Velho Xereta” que incluiu-se como capítulo do livro. O romance, publicado primeiramente em 2013 pela editora Kazuá, de autoria de Ricardo Dantas, é ambientado em Roraima e conta a história de um biólogo, chamado Daniel, que vem para Boa Vista desenvolver um trabalho de demarcação de terras e realizar pesquisas para sua dissertação de mestrado. O texto inicia-se com um prefácio que narra a chegada de Daniel ao seu local de trabalho, em Caracaráí, um município do estado brasileiro de Roraima. Em sua primeira noite no novo ambiente, Daniel é acordado de forma brusca por cachorros aterrorizados e se depara com uma onça, a qual, mais tarde, fica conhecida como Meia Pata, intitulan-

do a obra, e que tem papel importante em seu desfecho. A partir daí são narradas as experiências de Daniel nesta nova terra. Dentre as mais impactantes experiências está o encontro com Meia Pata que muda por completo sua vida.

Logo, o que se pretende discutir aqui é, fundamentalmente, engendramento de identidades observado ao longo da leitura de *Meia Pata*, a qual parece estar irremediavelmente ligada à natureza da subjetividade humana e os diálogos e conflitos inerentes a ela.

### Sobre a onça, o homem, a paisagem

A percepção do espaço não é uma classe particular de “estados da consciência” ou de atos, e suas modalidades exprimem sempre a vida total do sujeito, a energia com a qual ele tende para um futuro através de seu corpo e de seu mundo – por Maurice Merleau-Ponty

O cerne da discussão desta pesquisa consiste na compreensão das concepções de lugar e paisagem como parte da constituição de identidade, logo, é levado em consideração que tipo de relações o sujeito estabelece com o meio. A partir disso, é importante destacar que *Meia Pata*, segundo o próprio autor, pertence ao movimento literário intitulado Bioarte, criado por ele, que tem por característica principal a exaltação da natureza, incluindo os elementos que a compõem, como no caso da narrativa de Ricardo Dantas, a onça, bem como e a relação desta com o homem.

Antes de se aprofundar nas noções de lugar como parte constituinte da identidade humana, é importante

ressaltar que a onça tem papel de destaque não só na narrativa de Dantas, mas nas narrativas amazônicas, de maneira geral, destacando-se aquelas produzidas pelos povos indígenas da região. Nelas, a onça aparece como um ser místico, carregado de significados míticos e místicos, envolvida em mistérios e dotada de inteligência, espreiteza e lucidez características que por vezes se exacerbam ao ponto de fazê-la parecer um ente sobrenatural e extracorpóreo. Tais narrativas são denominadas por Lúcia Sá em *Literatura da Floresta: Textos Amazônicos e cultura latino-americana* (2012), como “romances da selva”, nos quais a floresta possui características misteriosas explicadas por meio da cultura indígena.

A obra de Dantas tem um de seus temas voltado para os valores ambientais. A personagem Daniel nutre sentimentos afetivos em relação ao ambiente natural em que se encontra inserido. Segundo YI-Fu Tuan, os sentimentos positivos do homem em relação ao seu meio, isto é, o elo afetivo que estes estabelecem, é denominado por “topofilia”, sendo este o mais alto grau do sentimento de pertencimento do sujeito em relação ao ambiente. É a partir desta teorização de Tuan que a obra *Meia Pata* será abordada.

É importante salientar que o conceito de lugar era geralmente relacionado à região, isto é, apenas um sentido geográfico de localização, sem um aprofundamento na discussão sobre seu real significado. Historicamente, a definição de lugar foi primeiramente concebida por Aristóteles e, mais tarde, por Descartes. Só após a década de 1970, a partir da concepção de Geografia Humanista, o conceito

foi se ampliando e sendo associado a bases filosóficas da fenomenologia e do existencialismo.

Pode-se dizer que a Geografia Humanista surgiu como uma reação à Geografia 'clássica', que tinha por característica o racionalismo. Com ela, o homem e suas relações passaram a ser centro dos estudos geográficos. Apesar de terem se constituído diversas tendências, todas voltaram-se para uma análise do espaço a partir das experiências do homem (positivas ou negativas, mais tarde conceituadas por Tuan como topofilia e topofobia respectivamente).

O método fenomenológico, que é vinculado à Geografia Humanista, consiste basicamente no acesso à consciência, ao Eu, para posteriormente submetê-lo a análise. É o conhecimento que a consciência tem de si mesma através dos fenômenos. É importante salientar que não há consciência separada do mundo e não há objeto em si, pois o objeto existe a partir do significado que lhe é atribuído. Segundo a etimologia, a palavra fenomenologia significa o estudo ou a ciência dos fenômenos. A fenomenologia da Geografia Humanista possui também caráter hermenêutico, inicialmente vinculado a textos teológicos e, posteriormente, vinculando-se à natureza. Esse aspecto busca interpretar a existência, compreender os fatos. Logo, a fenomenologia passou a ser grande influência para os estudos geográficos.

Quem primeiro enveredou pelo caminho da Geografia Humanista situando-a formalmente, foi o teórico aqui utilizado como aparato, Yi-Fu Tuan, que assume que a Geografia e o entendimento dela são feitos a partir de si. Com o exposto, nota-se que para essa vertente de estudo e aná-

lise a Geografia se refere à inserção do homem no mundo, levando em conta não só aspectos objetivos em relação aos espaços, mas dando ênfase ao papel da subjetividade. Para essa corrente teórica, o lugar é visto como produto da experiência humana. Tuan afirma que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83). Logo, o espaço vai se tornando lugar à medida que é experienciado e, a partir da experiência, adquire significado. O teórico, ao distinguir espaço e lugar, pontua que o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação, enquanto o lugar não pode ser compreendido sem que haja uma relação experiencial. O lugar, para Tuan, é considerado como um mundo-vivido.

É importante tecer algumas discussões acerca do conceito de lugar enquanto lugar-mundo-vivido, que está ligado à corrente Humanista e é adotado por alguns autores, de acordo com a qual se tem uma outra abordagem do conceito de lugar. Os conceitos apresentam pontos de convergência e fazem alusão a espaços de vivência que estabelecem relações afetivas, isto é, os dois estão sempre vinculados a signos e significados. De certa forma a concepção de mundo-vivido nos faz retornar à concepção de topofilia de Tuan por também estar relacionado aos sentimentos em relação ao lugar.

O conceito de lugar sofre variações, de acordo com o teórico, e pode ser aplicado a diferentes propostas de estudo. Com isso, a Geografia buscou compreender a real dimensão de seu objeto de estudo e dar-lhe papel central, tornando-a a essência do estudo do espaço geográfico. Com

isso, surgem diversas correntes de pensamento geográfico, embasadas em diferentes teorias filosóficas, logo, com diferentes compreensões de lugar e espaço, apesar de que, para Tuan (1983), as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. Dentre elas está a Geografia humanística, a dialética marxista e a Geografia cultural.

Nesta pesquisa, pelo fato de o lugar assumir contornos importantes dentro da obra de Ricardo Dantas, notou-se a necessidade de abordar o conceito contemporâneo de lugar da Geografia Humanista a partir do teórico já mencionado, Yi-Fu Tuan, como fundante. É importante ressaltar que, mesmo alguns teóricos abordando o conceito de lugar e espaço como sinônimo, para Tuan as concepções e definições de lugar e espaço são diferentes. A categoria que foi utilizada para esta pesquisa foi de lugar, pois contém em seu conceito relações intersubjetivas e significados particulares. Para o autor, o conceito de lugar é compreendido enquanto vínculo afetivo, de pertencimento, como espaço vivido. Lugar é vinculado não ao local propriamente dito, mas ao significado específico que é atribuído a ele. Para Yi-Fu Tuan, o lugar corresponde a:

Um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar. (TUAN, 1983, p.198).

A construção da narrativa de Ricardo Dantas é, a todo o momento, permeada pela descrição minuciosa das paisagens naturais de modo bastante afetivo. Os senti-

mentos topofílicos são comuns, como nas passagens que relatam a chegada de Daniel, as quais descrevem espaços que transmitem sentimentos bons a ele que, em primeiro momento, são de caráter estético.

Eu sempre sonhei em trabalhar na Amazônia, em conhecer a floresta. (DANTAS, 2013, p 35).

.....

Eu sempre fui obcecado pelo bioma Amazônia (DANTAS, 1013, p.37)

.....

A existência de três grandes formações de ecossistemas inseridos no bioma Amazônia no estado de Roraima o deixava mais admirado e fascinado com a experiência que estava vivenciando. (DANTAS, 2013, p 43).

.....

Após quarenta quilômetros de distância de Boa Vista Daniel contemplava o lavrado roraimense. (DANTAS, 2013, p.43).

.....

Afloramentos rochosos, como pedrais, serrotes e serras davam um retoque especial na paisagem (DANTAS, 2013, p.45).

.....

De fato a cidade estava às margens do Rio Branco, o que a tornava um tanto quanto romântica, pelo menos aos olhos do biólogo. (DANTAS, p. 49).



.....  
Daniel sentia uma apreensão, pois finalmente estava realizando seu sonho. Era inimaginável para ele que além de estar finalmente em uma floresta amazônica, pudesse em cerca de cem quilômetros contrastar a transição entre duas composições florísticas tão distintas, a savana e a floresta de terra firme. (DANTAS, 2013, p.49).

Ao analisar *Meia Pata* a partir da concepção de Tuan (1980), é possível perceber que o meio ambiente, isto é, o lugar é produtor de imagem para a topofilia, pois ele, em primeiro momento, não estabelece nenhuma ligação emocional com quem o observa, apenas fornece, segundo o teórico, um estímulo sensorial que dá forma aos sentimentos. Assim como nas passagens acima, que representam apenas a admiração da personagem. Com isso, nota-se certa complexidade na abordagem do conceito, pois é sempre carregado de simbolismo independentemente do grau de relação.

O texto de Dantas, composto por um narrador independente e marcado pelo descritivismo, possui um espaço que acaba por exercer a função de caracterizar o personagem dentro do seu contexto social e psicológico e, ainda, futuramente, ser “um centro de significados construído pela experiência” (TUAN, 1980, p. 107). O lugar é resultado das relações estabelecidas nele e com ele, é construtor de significados e, com isso, parte integrante na constituição da identidade, visto que é naquele lugar que o homem

se reconhece. O lugar é, então, uma base dos processos de constituição da identidade.

A narrativa se constrói permeada por sentimentos, por uma percepção topofílica do lugar. No último capítulo, nota-se o sentimento de apego mais acentuado, pois a terra, o ambiente agora não só lhe é aparentemente belo mas, também, possui um significado maior devido às experiências vividas nele. O lugar é visto apenas como espaço indiferenciado, transformando-se em lugar de vivência, de afetividade à medida que Daniel o conhece melhor e dota ele de determinada valor. A floresta, que era o território de Meia Pata, passa a ser solo intocável devido à significação que Daniel atribuiu a ele.

-Você sabe! Os investidores não concordam que o setor '12' não seja explorado... Não aceitam o argumento de que lá morreu uma onça...

-Meia Pata! gritou o biólogo colocando a mão na cabeça.- Por que é tão difícil pra vocês entenderem que ela tem um nome? E já disse! Aquele setor não irá interferir nos negócios. Tem madeira demais nesta floresta! Esqueceu que fui eu quem fez o inventário? (DANTAS, 2013, p 272).

Nos excertos acima, o conceito de lugar toma forma através da memória de Daniel. A partir deste trecho, nota-se também que o homem é feito pelo ambiente geográfico e os significados que ele possui, logo, o olhar dele, a percepção que ele tem em relação ao lugar traduz suas experiências. O ambiente em que Daniel vive, ambiente este composto

também por Meia Pata, por ter investido ali emoções, age (in)diretamente sobre ele. Mesmo após anos de ocorridos todos acontecimentos, o ambiente o influencia e é a partir deste referencial, desta simbologia que o meio carrega, que a identidade do biólogo é também constituída. A consciência que Daniel possui é fator importante que contribui para os seus sentimentos e amor pelo lugar. Na obra *Espaço e Lugar* (1983), o geógrafo humanista Tuan, afirma que o conceito de lugar é referente ao espaço que se torna familiar às pessoas, isto é, consiste em um espaço em que se viveu experiências.

Os sentimentos topofílicos, segundo Tuan, não fazem parte das emoções mais fortes do ser humano, porém, estes, quando intensos, significam que o meio foi cenário de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido a partir de sua simbologia. Em *Meia Pata*, a personagem Daniel é tomada por estas duas percepções. Para a personagem, a Amazônia carrega um significado e toda uma simbologia que são nutridos pelo sonho do biólogo em trabalhar naquele ambiente. E, posteriormente, fortes experiências são vividas por ele, como as semanas na mata em busca do animal e vivendo como um.

Fazia mais de um mês desde que havia decidido ir atrás da onça. Sabia que não tinha muito tempo. Após a segunda semana no picadão, Daniel decidiu ir rumo ao centro, do que imaginava ser a área de mais ou menos cem quilômetros quadrados, que abrangia o território da onça. (DANTAS, 2013, p 248).

.....

Daniel iniciou uma caminhada em direção ao felino. A espingarda pendurada em suas costas, presa na bandoleira. A Meia Pata pressentiu que o biólogo o afrontava. E avançou! Daniel iniciou seu plano. Correu o máximo que pôde. Porém, calculou errado. Antes de chegar à margem do pedral, a onça estava a setenta passos dele. Subiu a inclinação do pedral usando todas as suas forças. Meia Pata aproximava-se a vinte passos! O biólogo podia ver o cipó. Não olhava para trás, apenas ouvia o trote de Meia Pata, que se encontrava a cerca de dez passos. O humano deu seus últimos passos e saltou em direção ao cipó. Meia Pata também saltou. Daniel agarrou-se ao cipó e sentiu a onça roçando em suas pernas. (DANTAS, 2013, p. 260).

É importante notar como são articuladas as experiências de Daniel junto ao espaço. Como o espaço é “sentido” por ele, uma vez que se considera diferentes maneiras de “experienciar” (sensóriomotora, tátil, visual, conceitual), e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes. ” (TUAN, 1983, p. 08)

Yi- Fu Tuan, na obra *Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, discorre sobre as várias formas que o sentimento topofílico pode assumir variando a intensidade e a amplitude. Na narrativa de Dantas, a topofilia está presente na identificação que Daniel estabelece com o lugar e com o que ele representa, e é nesse processo reflexivo de “identificar-se com” que percebemos mais uma vez a constituição do sujeito, visto que a identidade se constitui a partir deste movimento.

Ao observar a tríade aqui formada por homem-lugar-identidade, convém então, para entender como as configurações sócio-espaciais atuam como formadores de identidade, mencionar alguns sentidos que identidade e identificação assumem. Para isso tomo como aparato teórico Stuart Hall. Em seu livro *Quem precisa de identidade?* o autor aponta que a constituição da identidade se articula em um processo de identificação e este processo está ligado ao emocional, bem como à toponímia, por conseguinte, o lugar e o sentimento de identificação influenciam na construção da identidade dos sujeitos. A identidade e os sentimentos topofílicos constituem o lugar, bem como o lugar constitui a identidade por esta tratar-se de um processo de construção de significados.

Enfim, o lugar e os elementos que o compõem, como no caso da onça na narrativa de Ricardo Dantas, são entendidos como elementos influenciadores, são vistos, a partir da perspectiva do teórico aqui utilizado como indispensável para a compreensão da constituição da identidade. Logo, isto implica dizer que a identidade é formada por meio da relação com o outro. Este será o foco do próximo capítulo.

## Reflexões Finais

Esta pesquisa contribui com os estudos da literatura produzida em Roraima através, sobretudo, da produção de dados sobre o tema, principalmente por se tratar de um tema de pesquisa original que, além disso, pode colaborar para divulgação da obra roraimense que inicia o movimento literário Bioarte: *Meia Pata*, de Ricardo Dantas.

A abordagem escolhida, focada nas questões relacionadas a identidades, vai ao encontro das atuais tendências dos estudos literários, que, contemporaneamente, têm-se voltado cada vez mais para as relações inter e intrassubjetivas e as identidades que se constituem a partir delas.

Por tratar-se de uma obra de caráter regional esta pesquisa promove uma aproximação entre Literatura e Geografia, buscando refletir sobre os espaços dentro da narrativa através do conceito de topofilia estabelecido por Yi-Fu Tuan, que considera a relação afetiva entre espaço e sujeito e suas implicações nos processos de constituição e percepção de identidades.

Buscou-se também contemplar de que forma as interferências causadas pelo lugar e os sentimentos, denominados como topofilicos por Tuan, despertados por esse lugar na personagem principal da narrativa, Daniel, interferem na constituição do ser. Tais interferências foram analisadas a partir da concepção da Geografia Humanista de Tuan, contudo observou-se que as conceituações trazidas pelo geógrafo eram pautadas pela fenomenologia como hermenêutica da filosofia.

Depois de apresentados os conceitos dos teóricos supracitados com o objetivo de tratar da hermenêutica do si mediado pelas relações com o espaço, refletiu-se sobre a importância da decifração do ser não só para contribuições filosóficas, mas dentro da Literatura e da Geografia, visto que a identidade é um produto cultural pertencente e pertinente a várias áreas de estudo.

Considerando tudo o que foi lido, relacionado e analisado neste estudo, compreende-se que a natureza da subje-

tividade humana exposta por Dantas em **Meia Pata** está irremediavelmente ligada ao engendramento de identidades, às relações com o espaço, seja ele físico, como lugar ou não, ou como espaço vivencial através do qual se assentam os encontros e embates entre sujeitos. Enfim, a identidade não se constitui de maneira isolada e sim, por meio de diálogos.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Ricardo. **Meia Pata**. São Paulo: Kazuá, 2013.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p.67-78, 1999. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07\\_6\\_holzer.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf)> Acesso em: 14 fev. 2017.

SILVA, Márcio Tadeu da. **Uma análise crítica do método fenomenológico e a sua relação com as “Geografias” humanistas**. *Geografia em questão*. Campinas, v. 06, n. 02, p. 63-93, 201./fev. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

WANKLER, Cátia Monteiro. **Portas, janelas e molduras: topofilia, Identidade, globalização e os estudos de Literatura**

**de Roraima.** In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC*, 13, 2013, Campina Grande-PB. Anais da ABRALIC Internacional. Campina Grande-PB: Editora Realize, 2013. s.p.



# TRANSFERÊNCIAS FONÉTICAS EM PRODUÇÕES ORAIS DE ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL/ LÍNGUA ESTRANGEIRA <sup>1</sup>

Marlisson Carvalho<sup>2</sup>

## Resumo

O ensino-aprendizagem de E/LE no contexto roraimense em que se encontra a fronteira com a Venezuela, país de língua hispânica, propiciou a produção oral de estudantes brasileiros em fase de aprendizado de Ensino Médio junto ao PIBID que, por conseguinte essas produções apresentaram transferências fonéticas que são a presença de uma classe, categoria ou traço da língua materna para a língua-alvo, resultando então no *corpus* da presente pesquisa: *Transferências fonéticas em produções orais de estudantes brasileiros de espanhol/ língua estrangeira*. Este trabalho tem como objetivo analisar, catalogar e explicar os fenômenos de transferência encontrados nas produções orais. A pesquisa esta embasada nos dicionários fonéticos de Obediente (2010), Silva (2011) e Quilis (2009) e nos pressupostos metodológicos de Saussure (2006), Bechara (2009), Jakobson (2007) e Zatarain; Romero (s/d). Coletamos dados a partir das audições dos vídeos, identificamos os fenômenos, classificamos e explicamos. Obtemos no sistema consonantal mais ocorrente 12 casos e no sistema

---

<sup>1</sup>Artigo elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso defendido em março de 2017 e orientado pelo prof. Eliabe Procópio. Agradeço as contribuições da banca de defesa composta pelos docentes: Ancelma Barbosa, Fabricio Mota e Felipe Aleixo.

<sup>2</sup>Graduado em Letras-Português/Espanhol pela Universidade Federal de Roraima.

vocálico 17 casos de transferências fonéticas. Concluimos que os casos de transferência ocorreram devido à posição geográfica dos falantes, seu contato em região de fronteira e a disponibilidade da utilização do campo fonético materno para a reprodução da língua-alvo em seu aprendizado de E/LE.

**Palavras-chave:** Fonética, fonologia, transferência.

### Resumen

La enseñanza-aprendizaje de E / LE en el contexto roraimense donde el límite se encuentra con Venezuela, de habla española, proporcionó la producción oral de estudiantes brasileños en fase de aprendizaje de la escuela secundaria con el PIBID programa institucional que, por tanto, estas producciones presentan transferencias fonéticas y que son la presencia de una clase, categoría o función de la lengua de dominio para el idioma de destino, lo que resulta en el *corpus* de esta investigación: *la transferencia fonética en las producciones orales de los estudiantes brasileños de la lengua española / extranjera*. Este trabajo tiene como objetivo analizar, catalogar y explicar los fenómenos de transferencia que se encuentran en las producciones orales. La investigación se basa en el diccionario fonético de Obediente (2010), Silva (2011) y Quilis (2009) y presupuestos metodológicos de Saussure (2006), Bechara (2009), Jakobson (2007) y Zatarain; Romero (s / d). La recopilación de datos de las audiencias de los vídeos, la identificación de los fenómenos, la clasificación, la cantidad y explicación. Encontramos en el sistema de consonantes más

ocurrentes 12 casos y 17 casos en el sistema vocálico de las transferencias fonéticas. Concluimos que la transferencia de los casos se produjo debido a la posición geográfica de los altavoces, su contacto en la región fronteriza y la disponibilidad de la utilización de la madre ámbito fonético para la reproducción de la lengua meta en su aprendizaje E / LE.

**Palabras clave:** Fonética, fonología, transferencia.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa deriva das observações realizadas ao longo do Curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima e de nossa participação como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (doravante PIBID), tendo como subárea o PIBID-Espanhol, no período de 2012 a 2016. Grosso modo, o Programa tem como objetivo realizar iniciativas pedagógicas junto às escolas contempladas com projetos de intervenção e atividades que visam ao aperfeiçoamento na formação das licenciaturas para a educação básica, proporcionando maior contato do acadêmico com a escola pública.

Durante o referido período, houve vários projetos pedagógicos realizados com os bolsistas participantes, porém o projeto utilizado em nossa pesquisa foi o de outubro de 2015, intitulado “A produção audiovisual nas aulas de Espanhol na Escola Ayrton Senna da Silva: Diversidade Linguística e Cultural no Contexto Roraimense – Uma discussão para além das fronteiras”, o projeto teve como produto final produções orais realizadas pelos alunos.

Nossa pesquisa objetiva estudar as produções orais dos alunos da escola ocorridas entre os períodos de 2015 a 2016. O subprojeto foi concebido pela professora-supervisora que até então objetivava utilizar as tecnologias digitais de informação e comunicação (doravante TICS), novas mídias de comunicação e produção audiovisual como ferramentas para as aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (doravante E/LE), direcionando os alunos a um pensamento crítico e inclusão digital, e focalizando não apenas o lado técnico-formal da educação, como também social por meio da inclusão dos discentes às novas mídias, redes sociais e afins.

Para iniciar a temática, foi necessária a explanação de assuntos pertinentes ao contexto dos alunos nessa etapa. Os diálogos e discussões se direcionavam para o contexto regional da tríplice fronteira (Brasil/Guiana/Venezuela). Partindo das TICS e seus avanços quanto ao mundo contemporâneo, as discussões se voltavam para o modo como essas novas tecnologias têm mudado o cotidiano das pessoas e a maneira como tais ferramentas podem ser utilizadas no ensino de línguas. Ministramos aulas sobre gêneros focalizando o gênero textual roteiro cinematográficas e seu processo de escrita e reescrita (criação e revisão de roteiro). Dessa forma, esperávamos que posteriormente eles produzissem esse tipo de texto.

Na etapa seguinte, um trabalho logístico quanto às aulas de produção audiovisual deveria ser pensado. Necessitávamos de um lugar específico com equipamentos que pudessem satisfazer o plano de aula, ou seja, um laboratório de informática. Assim solicitamos um laboratório na UFRR, e a contratação de um palestrante da área de

comunicação que nos auxiliou quanto à produção de vídeos de curta duração e suas especificidades, por exemplo: inserir legenda, créditos finais etc.

A última parte do projeto consistiu nas apresentações que no início se destinavam ao público escolar, porém com a popularidade do projeto buscamos um local maior, solicitando o auditório do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais (PRONAT/UFRR), com capacidade para 200 pessoas sentadas. Realizamos uma apresentação com temática do evento “Oscar”. Na oportunidade, selecionamos os melhores curtas-metragens para exibição e premiação.

Por serem produções audiovisuais e apresentarem o oral como principal característica linguística, propomos com essa pesquisa analisar essas falas por meio das transferências fonéticas, identificando, catalogando e explicando as ocorrências e suas possíveis causas. Para tal, utilizamos as seguintes referências teóricas: Obediente (2010), Silva (2011) e Quilis (2009).

Em um primeiro momento, explicitamos as bases teóricas sobre transferências fonéticas, transferência de traço fonético e sua relação com os casos encontrados na coleta das produções dos participantes, e concluímos com a frequência e a razão desses casos ocorrerem. Embasamos nossa fundamentação teórica nos pressupostos de Baker e Newmark com relação aos estudos sobre transferência linguística, como se dá e o que é transferido, se é um traço, uma categoria ou uma classe. Em seguida, foi realizada a transcrição fonética e catalogada por frequência e âmbito (vocálico e consonantal).

A metodologia de nossa pesquisa é de caráter descritivo/explicativo, analisando assim a estrutura esperada e a estrutura realizada pelos participantes, e para tal, as

audições dos vídeos juntamente com os roteiros criados pelos participantes foram os primeiros procedimentos para dar início à catalogação, utilizando os dicionários fonéticos de Obediente (2010), Silva (2011) e Quilis (2009). A análise consistiu na descrição e explicação da ocorrência dos fenômenos encontrada nos dados, concluindo que as causas mais específicas das transferências foram a pouca familiaridade com a língua de modo prático e disponibilidade do uso de sua fonética na pronúncia da língua-alvo.

## TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA

Dentre os estudos de Línguas em Contato e Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua, situamos o fenômeno da Transferência Fonética, entendido segundo Baker e Newmark (1995, p. 81-82 apud ALMEIDA, 2001) como a transferência de fonemas, traços fonéticos ou características sonoras da língua materna para a articulação da língua estrangeira aprendida; pode também haver transferência fonética da primeira língua (L1) aprendida para a segunda língua (L2) em fase de aprendizagem.

Como afirmamos, a Transferência pode ser estudada sob vários vieses, em todas elas se discute o estatuto pragmático-gramatical do referido termo, propiciando uma série de discussão sobre o papel da Transferência no processo comunicativo. Dependendo da perspectiva que se observa, a Transferência pode ser interpretada como positiva ou negativa quando satisfaz ou não as expectativas comunicativas ou quando há correspondências ou pelo menos proximidades gramaticais entre as línguas envolvidas.

Línguas muito próximas, como, no caso deste trabalho, o Português e o Espanhol, tendem a favorecer a ocorrência de Transferências no processo de aprendizagem. A Transferência fonética, inicialmente, pode ser vista como benéfica, pois pode demonstrar as estratégias de aprendizagem do aluno. Porém, quando o ensino avança, tais Transferências passam a ser consideradas como 'erro' tendo uma conotação negativa, já que demonstram a cristalização de estruturas línguas que apresentam marcas de ambas as línguas, Jakobson (1965 apud ALMEIDA, 2001).

Diante deste fato, as pesquisas em Linguística Aplicada se dedicaram a Análise Contrastiva e de Erros, levando em consideração o aprendiz como ser pensante que cria um caminho pelo qual passa sua expressão linguística, até chegar à proficiência da língua-alvo. Historicamente se concebeu a Transferência linguística como erro, depois passou a ser entendida como falsa transferência, ou seja, transferência que não está prevista pela fonologia das línguas envolvidas no processo de aprendizagem. Atualmente, os estudos indicam não ser algo totalmente negativo, tendo em vista sua importância na aprendizagem, pois com a análise dos erros pode-se avaliar o grau de aprendizagem e catalogar as dificuldades do aluno.

Além dos conceitos de Transferência fonética, os estudos linguísticos sobre transferência nos remetem também a conceitos próximos ou que estão relacionados a esse processo como a Alternância e Interferência, dos quais somente iremos mencionar dado o foco ser a Transferência fonética. A Alternância ocorre em enunciados em que os envolvidos no discurso dominam os códigos linguísticos de cada língua, as-

sim se faz saber que quando se utiliza tal processo é necessário que os significados façam sentido a ambos. Na Alternância, as línguas não precisam necessariamente ser próximas como Português e Espanhol, contanto que os participantes do discurso conheçam as referências das alternâncias.

A Interferência ocorre na concepção do aprendiz de que sua língua se assemelha com a língua-alvo. Dessa forma existe a propensão a adquirir qualquer língua, considerando a primeira em contato como língua materna, precisando apenas que com tal dispositivo haja interação com outros falantes, assim como ocorre com a criança em seus estágios iniciais da aprendizagem linguística no meio que vive, conforme Chomsky (1965 apud ALMEIDA, 2001).

Segundo Corder (1992 apud SIMÕES), há dois tipos de Transferência: os Empréstimos e a Transferências Estruturais. O primeiro tipo ocorre com línguas muito próximas como Português/Espanhol; as Transferências Estruturais ocorrem como parte da aprendizagem na competência linguística. Para os Empréstimos, entre o Português e o Espanhol, parece haver uma facilidade de serem encontrados, dada sua semelhança e origem comum, no caso o Latim.

No que diz respeito à Transferência estrutural, podemos citar a fonética de palavras que em Espanhol têm significados distintos do Português e muitas das vezes levam o aprendiz ao erro. No início, esse tipo de Transferência pode ser considerável, observando que esse erro está sendo motivado pela tentativa do aluno de produzir a língua-alvo com os recursos linguísticos de que tem propriedade, assim já não se pode considerá-lo negativamente (ODLIN, 1989 apud ALMEIDA, 2001).



## CONCEITO DE ERROS

No processo de ensino-aprendizagem de línguas, encontram-se vários fenômenos que se interligam levando o pesquisador a buscar não somente os resultados como: um fonema que pertence a sua língua materna, transferido para língua-alvo, seja por aproximação escrita ou fonética. Porém, analisar de que forma e que meios são utilizados consciente e inconsciente pelo aprendiz para seu processo de aprendizado, e para este trabalho utilizaremos os erros como mecanismo de análise para alguns dos dados encontrados.

Fatores internos e externos podem influenciar no processo aprendizagem como fadiga, distração, problemas de saúde etc. Essas influências são estudadas pela Linguística Aplicada. Ellis (1997 apud SIMÕES, s/d) relata que na aprendizagem de uma língua ocorrem desvios da língua padrão, tal fenômeno foi amplamente estudado pela análise de erro e análise contrastiva. Corder (1967 apud SIMÕES, s/d) classifica os erros em dois tipos os *mistakes* e os *errors*: o primeiro refere-se aos lapsos memoriais por condições físicas ou psicológicas, os *mistakes* são erros de desempenho, sendo a regra de conhecimento do falante, porém ele não utiliza adequadamente; os *errors* são de competência, portanto o falante desconhece a regra gramatical e produz tal erro.

Edge (1989 apud SIMÕES) classifica os erros de língua estrangeira de modo diferente em três categorias: *slips*, *errors* e *attempts*. *Slips* são erros que facilmente podem ser corrigidos pelo aprendiz, pois são apenas descuidos diferentemente

te dos que o aprendiz não consegue localizar não fazendo parte de seu conhecimento, daí são classificados como *Errors*. E finalmente se os erros provêm da tentativa do aluno de se comunicar utilizando vocábulos ainda não aprendidos, então são classificados como *attempts*. Vale mencionar que esse tipo de classificação é apenas de base teórica, pois o professor precisaria de informações mais específicas. A relevância dos erros na aprendizagem como algo negativo se aplica neste estudo como eventual no que diz respeito ao trato do professor com o desempenho do aluno.

## SISTEMAS FONOLÓGICOS DE PORTUGUÊS E ESPANHOL

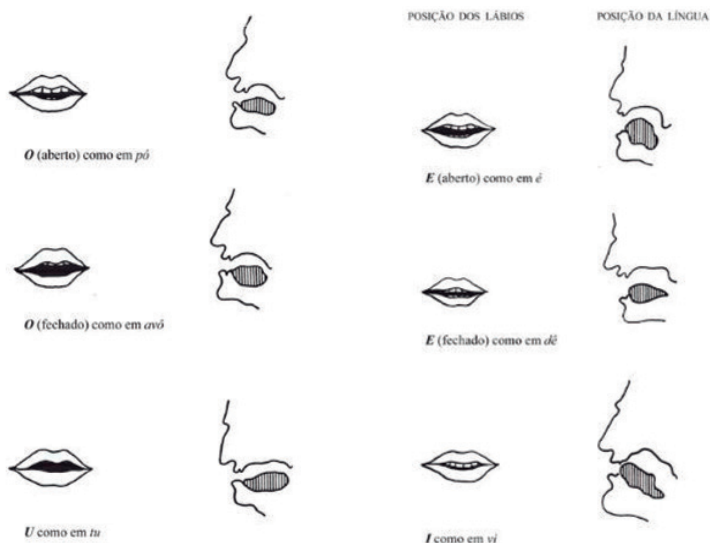
Há uma área na Linguística que se ocupa dos estudos dos sons da língua: a *fonologia* que se encarrega dos elementos fônicos do ponto de vista da função no sistema de comunicação e a *fonética*, que estuda os elementos fônicos do ponto de vista da reprodução, acústica e percepção. E é nesse ponto que inicia a parte avaliativa deste trabalho, pois quando se trata de duas línguas, mesmo que se tenha a mesma origem, não podemos dizer que são idênticas, podem até compartilhar historicamente traços, porém sua fonética é bem definida nos levando a crer que há no processo de aprendizagem uma transferência de *fonemas* de uma língua para outra, previsíveis e não previsíveis elencada como falsa transferência.

Na fonética espanhola, há traços distintivos característicos, podemos citar som do “z” que é sempre fricativo alveolar desvozeado e que no português é vozeado e alternado com [s]. A nasalização é prevista no português, em contrapartida o espanhol tem segmento não nasalizada por

ser uma língua tipicamente oral. Para uma análise minuciosa sobre em qual ponto mínimo da fonética se aplicam os dados levantados, precisamos apresentar as prerrogativas de Jakobson (2007), sobre os traços distintivos da linguagem e sua importância nas questões sobre as transferências.

A fonologia organiza os fonemas de modo a determinar a qual língua pertence e principais diferenças e isso é fundamental, pois um fonema no mesmo contexto ocasiona a mudança de significado como: *pana, pasa, pata*.

As diferenças em ambas as línguas analisadas começam pelas vogais. O espanhol apresenta cinco fonemas vocálicos enquanto que no PB sete fonemas variando em: modo de articulação e ponto de articulação, sendo vogal anterior e posterior. Como mostram as imagens abaixo:



—

\* Extraído de *Elementos da Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr.[MC.].

Essas diferenças marcam a passagem de transferência, possibilitando assim que uma previsão seja proposta quando no uso real da língua-alvo o aprendiz marca o traço característico como em: bológrafo [bo'ligrafo].

Os traços, segundo Jakobson (2007), possuem grande relevância, pois não se trata apenas de uma transferência, mas de uma mudança mínima que até então era considerada como erro e que esse traço pode explicar a ocorrência de fenômenos recorrentes no ensino aprendizagem de línguas estrangeiras.

No âmbito consonantal, as diferenças são: no PB há 19 fonemas e no espanhol, 17. Seu tratamento por essas línguas também se diferencia. A consoante 'r', por exemplo, em início de palavras como: *rato*, *roupa*, *relógio*, no PB não varia em vibrante, sendo sempre fricativa glotal [h]. O 'j' em espanhol por sua vez é fricativa velar desvozeada enquanto que no PB seu segmento é fricativo alveolar palatal vozeado. O 's' no espanhol é sempre fricativa desvozeada e não varia com fricativa vozeada como no PB, por exemplo: casa [kaza].

O 'v' no espanhol tem segmento oclusivo bilabial desvozeado e no PB fricativa labiodental um traço significativo, pois a escrita também é diferenciada: "livro" (Português) e "libro" (Espanhol). A letra 'g' também se difere muito entre ambas as línguas, em PB como oclusiva velar vozeada como em: *gato*. E diante de "e" e "i" fricativa alveolar palatal como em: "geral" [heraw]. No espanhol seu segmento é fricativo glotal [h].

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da referida pesquisa tem caráter descritivo explicativo uma vez que o *corpus* a ser estudado são as produções orais de aprendizes de E/LE, como forma fonética e fonológica, descrevendo a estrutura da construção sonora dos constituintes da língua. Em contextos de ensino-aprendizagem de E/LE, ou qualquer outra língua, a competência na pronúncia da língua-alvo evidencia muito sobre o grau de aprendizado do aluno, portanto os fenômenos de transferência nos levaram a realização desta pesquisa.

Para este trabalho foram observados oito vídeos, lembrando que os alunos também produziram campanhas, os curtas-metragens com até 15 minutos de duração, sendo escolhidos apenas os que apresentavam melhor qualidade sonora e desses o com maior número de fenômeno de transferência. Para a coleta foi realizada inúmeras audições para se constatar se havia ou não transferência e dos quais totalizamos 67 transferências.

Primeiramente, a separação dos vídeos em que havia mais diálogos e sequências maiores de cenas com melhor produção audível. Sempre repetindo as sequências para a certeza da transferência presente, anotando os casos encontrados e separando-os em sistemas: consonantal e vocálico.

Após a coleta, fez-se necessário catalogar por fenômenos: transformação, alçamento, abaixamento, nasalização, síncope, monotongação e inserção vocalização. Para a classificação utilizamos os dicionários fonéticos de Obediente (2010), Silva (2011) e Quilis (2009), com a finalidade

de descrever os fenômenos e assim destacar a previsão de transferência como mostram os exemplos a seguir:

Vibrante em glotal desvozeada: [r forte] e [r fraco] para [h]; alçamento da vogal posterior média-alta arredondada para posterior alta arredondada: [o] para [u]; Abaixamento de vogal anterior meia-fechada anterior para meia-aberta anterior: [e] para [é]; tiempo → tempo; trae→trajer.

Alguns casos apresentaram mais de um fenômeno (ver análise e discussão) separamos por fenômenos mais frequentes e seus pontos de articulação tanto em uma língua quanto em outra no campo consonantal e vocálico, para assim explicitar a previsões de transferência.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Durante nossa análise, confirmamos que houve vários casos de transferência fonética do Português para o Espanhol, principalmente com relação aos traços fonéticos, entendidos como propriedades que formam um fonema. Assim, quando um aluno brasileiro fala E/LE, ele pode transferir um fonema por completo ou apenas alguns traços articulatorios de um fonema de sua língua materna para a língua estrangeira.

Dentre os casos encontrados, podemos citar as seguintes transformações no âmbito consonantal e vocálico:

1. Vibrante em glotal desvozeada: [r forte] e [r fraco] para [h]
2. Fricativa dental vozeada em oclusiva alveolar vozeada: [ð] para [d]

3. Fricativa alveolar desvozeada em palatal desvozeada: [s] para [ch]
4. Nasal alveolar em palatal: [n] para [nh]
5. Oclusiva bilabial vozeada em fricativa labiodental vozeada: [b] para [v]
6. Alçamento da vogal posterior média-alta arredondada para posterior alta arredondada: [o] para [u]
7. Alçamento da vogal anterior semi-baixa não arredondada para anterior alta não arredondada: [e] para [i]
8. Abaixamento de vogal anterior meia-fechada anterior para meia-aberta anterior: [e] para [é]

Além dessas transferências, também identificamos casos de ditongação, monotongação e síncope, também consideradas transferências por se tratar de processos presentes em ambas as línguas, porém em contextos linguísticos diferentes. Identificamos ainda outros casos em que o estudante de E/LE articulou algumas palavras de forma equivocada, pois produziu sequências fonéticas não correspondentes em Português e Espanhol. Discutiremos sob o rótulo de ‘erro’, ou seja, articulação fonética sem previsão no sistema fonológico das línguas aqui estudadas.

Dentre os fenômenos acima listados, iniciaremos nossa explicitação pelo mais ocorrente, a transformação da vibrante em glotal desvozeada, que totalizou 12 casos, a saber: *ser, morir, mantener, sospechar, creer, mejor, quedarse, repelente, quejarse, estar e alrededor*. Em Espanhol, há diferença entre a vibrante simples e a múltipla, em Português não há essa diferença e elas ainda podem variar com os chamados fonemas aspirados, as velares, as uvulares e as glotais. Assim,

um lusofalante pode articular os 'r' em início ou fim de sílaba nestas quatro opções: "melhor" [mê'lhór com r fraco], [mê'lhór com r forte], [mê'lhór com r aspirado], [mê'lhór com r aspirador fortemente], [mê'lhór com r gutural] ou mesmo podendo apagá-lo, conseqüentemente alongando a vogal anterior [mê'lhór com o pagamento do r].

Dessa forma, quando um lusofalante se expressa em Espanhol lhe parece dificultoso articular os fonemas vibrantes, marcando sua posição com um som mais próximo de sua língua materna, na qual os fonemas aspirados preenchem esse espaço. Como os falantes que participaram da pesquisa têm em seu dialeto a aspiração glotal como padrão, esse foi o modelo combinatório adotado.

Outro fenômeno de transferência encontrado nos dados foi a transformação da fricativa dental vozeada em oclusiva alveolar vozeada. Contabilizamos 5 casos: *desconocido, matado, engañado, puedo, rapidito*. Em Espanhol, o fonema oclusivo dental vozeado [d] pode foneticamente se realizar como fricativa dental desvozeado [ð]. Em Português, pode se realizar como alveolar ou dental, e diante da vogal "i", ele pode se palatalizar Silva (2011).

Possivelmente essa transferência se dê na fala de um aprendiz de Língua Espanhola pela falta de familiaridade no âmbito fonético da língua alvo, já que se trata de uma diferença menos perceptível a uma audição não acostumada a discernir fonemas não distintivos em Português. Com isso, a aprendizagem desse fonema deve passar por um processo de tomada de consciência, objetivando compreendê-lo quanto à sua produção.



O fenômeno de palatalização ocorreu em 5 casos diferentes. Quanto aos fonemas transformados observamos: oclusiva para africada alveolar (d para 'dg'), oclusiva alveolar para africada alveolar desvozeada (t para 'tch'), fricativa dental para africada alveolar (ð para 'dg'), fricativa desvozeada para fricativa vozeada (s para z), fricativa glotal desvozeada para africada alveolar (h para 'dg'), oclusiva bilabial para fricativa labiodental (b para v).

Apesar das transferências seguirem o mesmo perfil fonético, todas fricativas, o fonema que se configurou é distinto. Então começaremos pela transformação de oclusiva para africada palatal encontrada em *difícil* e *tiens*. O fonema "d" no Português Brasileiro (PB) tem sua ocorrência uniforme com articulação alveolar ou dental, o aluno transferiu uma característica fonética familiar da sua língua à construção no Espanhol. Tal fenômeno parece ocorrer quase de maneira geral na aprendizagem inicial de Língua Espanhola por parte de um lusofalante Silva (2011).

Na fonética espanhola, a africada palatal não se realiza sonoramente na representação do "d" no português e sim em [y], como: yo [djo]. Da mesma forma como no caso *difícil*, temos o mesmo segmento de transferência oclusiva alveolar para africada palatal desvozeada. No caso *tiens*, formando uma oclusão na zona pré-palatal, representada graficamente por *ch* como em: *muchacho*. O fonema "t" em *Tiens* tem sua realização fonética como oclusiva dental ou alveolar desvozeada no Espanhol. No PB é comum se realizar como [tch] palatal desvozeada, principalmente diante de vogal anterior alta [i]. A realização desse fenômeno de transferência se dá pela semelhança na escrita da e pelo

trato do “t” diante da vogal “i”, lembrado que em algumas regiões o [tch] é bem característico como em: *tia* [tchia].

A transformação fricativa desvozeada para vozeada (s para z) é típica da aprendizagem de Língua Espanhola por lusofalante, o caso encontrado é *camisa*. Em Espanhol a realização de “z” e “s” é fricativa alveolar desvozeada. Dialetoalmente essas letras podem ser representadas pelo fonema interdental (Espanha) ou fricativa alveolar vozeada (México), quando seguida de fonema vozeado. Em Português, as grafias “s” e “z” se distribuem entre desvozeada e vozeada, respectivamente, dependendo da posição. Em posição intervocálica, no PB, tem sempre o som de “z” como em: *presente, casulo, peso*. No Espanhol o “s” tem seu ponto de articulação nos alvéolos sendo fricativa desvozeada e jamais varia com [z] mesmo em palavras escritas com “z”, como em: *zapato* [sa’pato] ou *zarpar* [sar’par]. De maneira que o aluno reproduziu o traço fonético mais próximo de sua língua.

No PB para que o “s” intervocálico não varie com “z” é necessário acrescentar outro “s”, como em: *massa* [’masa], porém essa grafia “ss” não existe em Língua Espanhola. A transferência do traço vozeamento se dá devido ao desconhecimento da fonética da língua alvo e também pela semelhança grafêmica entre ambas as línguas.

A transformação de fricativa glotal em fricativa alveolar ocorreu em *querjarse*. No PB a fricativa glotal [h] se realiza em início de sílaba precedida por silêncio (início de palavras): *rata* [’hata], *mar* [’mah] e *carta* [’kahta] ou precedidas por consoante, como em: *Israel* [isha’ew] Silva

(2011). O 'j' em espanhol tem sua realização fonética como fricativa glotal [h] como em: *naranja* [na'ra<sup>n</sup>ha].

A transferência do traço fricativo glotal em fricativo alveolar produzido pelo aluno na pronúncia se dá devido à sua familiaridade com a articulação fonética do 'j' no PB que é fricativa alveolar palatal ['dʒ'] como em: *já* [dja], *haja* ['adja]. Desta forma quando o aluno encontra uma sequência fonética com 'j' no meio da palavra, possivelmente ele usará a forma mais próxima da letra 'j' pronunciado na sua língua de maior domínio, neste caso o PB, porém em (quejarse) como africada [dj].

A transformação oclusiva bilabial vozeada para fricativa labiodental vozeada foi encontrada em: *viendo, vengan, mover*. Essa transferência é recorrente na aprendizagem E/LE por parte de lusofalantes. A realização de *v* na fonética da Língua Espanhola é como oclusiva bilabial vozeada [b], no PB seu ponto de articulação é como fricativa labiodental. A tomada de consciência de que a letra 'v' em Espanhol tem som de 'b' pode levar o aprendiz à correta pronúncia. Em parte, essa transferência é propiciada pela aproximação do Português e Espanhol.

No âmbito vocálico, iniciamos nossa análise pela transferência mais recorrente: alçamento da vogal posterior média-alta arredondada para posterior alta arredondada, sendo 17 casos: *desconocido, matado, dijo, engañado, sospechar, oscuros, puedo, eso, bromeando, conmigo, luego, mucho, tiempo, justo, pero, mio, pareció, abrió*.

Em Português, o alçamento vocálico é muito comum por conta do nosso padrão silábico, toda palavra portu-

guesa que não seja oxítone tem sua articulação enfraquecida no seu final. Em Espanhol, esse fenômeno ocorre, porém sem que seja grande a diferença entre o pico silábico e os demais silábicos, isto é, sem haver muita diferença de tonicidade entre a sílaba tônica e átona. Trata-se de uma articulação muito refinada para um lusofalante, pois essa transferência se inicia no âmbito do padrão entoacional e reverbera na articulação dos fonemas finais Silva (2011).

O próximo acento vocálico encontrado foi *e* para *i* nos casos *repente* e *quedarse*. A Língua Espanhola apresenta 5 fonemas vocálicos: a [a]; i ou y [i]; e [e]; o [o]; u [u]. O fonema [e] no Espanhol se caracteriza por ser uma vogal média-alta anterior não-arredondada, enquanto o fonema [i] por ser uma vogal alta anterior também não-arredondada. A transferência do traço fonético pelo aluno ocorreu devido ao tratamento da vogal [e] no PB em final de palavras, como: presente [pre'zentchi] Silva (2011). Diferente do que ocorre na fonética espanhola em que o [e] não varia sendo sempre vogal média-alta anterior não-arredondada.

O fenômeno vocalismo ocorreu em dois casos, *calma* e *alguien*. O vocalismo é caracterizado como alteração de uma consoante para uma vogal. No português, a lateral posvocálica vocalizou-se na maioria dos dialetos manifestando-se como glide posterior [w]. No Espanhol, 'l' se realiza de duas formas com lateral alveolar sonora como em: luna ['luna], vibrante dental postônica como em: malta ['malta] e variante palatalizada como em: "colchón" [kol'tcho<sup>n</sup>] (OBEDIENTE, 2010, p. 330). Entendemos que a transferência neste caso se deu na fala do aluno como meio de

aproximação da fonética de conhecimento, no caso o PB, e ainda somente quando em final de sílabas.

Ocorreu apenas uma síncope em *alrededor*. O aluno realizou a palavra sem o 'l' final na primeira sílaba: *arede-dor* [arede'dor]. No PB, uma articulação de 'l' lateral alveolar vozeada e um 'r' tepe é muito próxima, é difícil de ser pronunciada quando em uma mesma sequência. Dessa maneira, a síncope é um processo metaplástico previsto.

A ditongação ocorreu em cinco casos: *sin*, *idea*, *quieres*, *alguien* e *nadie*. No PB, a ditongação ocorre em alguns dialetos, geralmente em vogais tônicas em final de palavras ou seguidas de consoantes palatais. A transferência ocorreu por dois motivos: a semelhança gráfica entre as duas línguas e a ditongação típica do PB se configurando respectivamente como: *sin* ['sie]; *idea* [i'deia]; *quieres* ['keres]; *alguien* [aw'gue]. *Nadie* possui um segmento diferente, pois há uma extensão vocálica da última sílaba além da ditongação, *nadie* ['nadjie]

A monotongação ocorreu em dois casos: *hicieran* e *tiempo*. A monotongação se dá quando um ditongo passa a ser reproduzido como uma única vogal, ela ocorre com ditongos crescentes e decrescentes. O fato de ocorrer em palavras do PB contribuiu para que o aluno da mesma forma transferisse a mesma fonética para o Espanhol.

Inserção vocálica ocorreu como categorias diferentes: epêntese em *trae* e paragoge em *usted*. A inserção vocálica é o fenômeno fonético de acréscimo de vogal ou consoante na cadeia segmental. A epêntese no caso *trae* ocorre quando o aluno insere um fonema [h], realizando como ['trahe], a inserção ocorre como recurso para uma pronúncia mais eficaz

e criando uma falsa ideia de que ele está falando Espanhol. No segundo caso, ocorre uma inserção paragógica, que se entende como a inserção de um fonema no final da sílaba. Esta transferência é muito comum ao PB, pois existe uma tendência ao preenchimento final de palavras terminadas com consoantes com a vogal [i], como, por exemplo: Internet [‘itehnetchi], ou seja, o PB não admite sílabas travadas.

A nasalização ocorreu nos casos *también, nombre, hombre* e *mundo*. A nasalização neste estudo era prevista, tendo em vista que ela ocorre abundantemente no PB. Porém, no Espanhol se realiza apenas em alguns contextos que favoreçam a nasalização, como uma vogal seguida de algum fonema nasal.

Em nosso estudo, identificamos alguns casos aos quais nomeamos como ‘falsas transferências’, isto é, transferências que ocorrem, porém que não é algo previsto, dada a ideia de que as fonéticas analisadas são do português e do espanhol, assim apesar de ambas as línguas compartilharem traços fonéticos a combinação ocorrida nesses fenômenos não está prevista, sendo considerado como erro. A seguir explicitaremos cada caso.

O fenômeno de abaixamento vocálico ocorreu nos casos *bosques* [‘bóskes], *oscuros* [os’kuros], *deconocido* [descóno’sidu]. O caráter vocálico do espanhol se resume a 5 fonemas como já citado em que podem se configurar em nasalizados, um configura como nesses três casos não ocorre na língua espanhola, para um ouvinte não-falante da língua espanhola mesmo sem conhecer a fonética deduz que quem pronuncia essas palavras não tem fluência no espanhol. *Aparezca* [apa’réska], *alrededor* [awrede’dór],

*llo* [ˈlhenu] apresentam o mesmo fenômeno, porém com a transferência na sílaba postônica, temos então uma transferência que classificamos como erro, pois não segue um seguimento regular das línguas analisadas.

Por fim, o caso *engañado* onde ocorreu a transferência de nasal alveolar para palatal vozeada está classificado como “falsa transferência”, pois esse segmento não é previsto em nenhuma das fonéticas analisadas. A consoante nasal palatal [nh] ocorre na fala de poucos falantes do PB, o segmento consonantal para que ela ocorra é “nh” como em: *banha* [ˈbaha]. O “ñ” é como o “nh” em português, porém neste caso não se encaixa devido a falta de segmento fricativo, pois essa construção esta mais ligada a uma assimilação, como em: *co[n] interés*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de analisar as Transferências, utilizamos um filme/curta que por sua vez apresentou melhor audição e reprodução contribuindo para uma coleta satisfatória. Os casos mais evidenciados foram as transformações de vibrante em glotal desvozeada [r forte] e [r fraco] para [h], pela razão de ser muito utilizada no PB sempre em verbos ou para “verbalizar” palavras e assim os conectivos usuais encontrados nas falas apresentavam tal transferência.

É importante citar que as produções dos alunos foram pensadas como forma de teatro, tendo em vista que havia roteiros e ensaios. Houve correções quanto a fonética e escrita das frases, porém devido ao pouco tempo para ministrar os conteúdos que o professor tem no currículo

fica indisponível uma maior atenção quanto ao assunto de fonética e fonologia, daí ver-se a disponibilidade do bolsista do PIBID como auxiliador na sala de aula.

Os fenômenos de transferência fonética e traços fonéticos são previsíveis no contexto pesquisado, a aprendizagem de E/LE. Embora se nomeie a transferência fonológica, ela é no fundo fonética, pois a maioria dos casos encontrados aponta para o compartilhamento de traços e marcas do dialeto do Português brasileiro, ou seja, há uma previsão de acordo com a fonologia, porém o realizado é distinto, é fonético.

A ocorrência das transferências, de modo geral, obedeceu a uma lógica de contexto, no caso a região norte, conclusão da transferência de abaixamento vocálico, bem como o alçamento. Concluimos que por se tratar de alunos em fase de aprendizagem e que, portanto não possuem um conhecimento mais rebuscado da língua, esses traços são previsíveis. E em mínimo, porém não menos importante o erro ou falsa transferência ocorreu com o propósito de nivelamento do aprendizado.

Assim, a falta de familiaridade nem tanto especificamente com a língua dada a presença do ensino de E/LE no currículo escolar e o contato em região de fronteira Brasil/Venezuela, mas com a fonética da língua alvo, e a disponibilidade de se utilizar do campo fonético materno para a reprodução, condicionou os casos elencados.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.



DE ALMEIDA, José Miguel Pinto. **A transferência Linguística e a Tradução: Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa (?)**. 2001. 115 p. Dissertação (Mestrado em Estudos as Tradução). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2001.

GONZALEZ, José E. G. **Estudio descriptivo del papel de la transferencia lingüística en la adquisición de la L2: principales aportaciones teóricas de la segunda mitad del siglo XX**. *Philologia Hispalenses*. 12 (1988) 179-194.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

OBEDIENTE, Enrique. **Fonética y Fonología**. 3 ed. Mérida/Venezuela: Consejo de Publicaciones, 2010.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas**. 9 ed. Madrid: Arco/Libros, 2009.

SANDES, Egisvanda Isys de Almeida. **Análise das dificuldades dos estudantes brasileiros de E/LE na percepção e na produção dos sons aproximantes e nasais em língua espanhola**. 2010. 277f. Tese (Doutorado em Letras), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thais Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

ZATARAIN, Irma; ZATARAIN, Martha; ROMERO, Gilda. **Gramática Lengua Española**. 26 ed. México DF: Larousse, 2014.

## Anexos

Grafia	Transcrição fonológica do Espanhol	realização	Fenômeno
Ser	'seh	seh	Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
desconocido	deskono'sid o	deʃkoɲe'sidu	1. Fricativa dental vozeada → oclusiva alveolar vozeada d → d 2. alçamento vocálico o → u 3. fricativa alveolar por fricativa palatal desvozeado 4. oclusiva nasal alveolar por uma oclusiva nasal palatal 5. vogal media alta posterior por uma vogal média alta anterior.
Matado	ma'tað o	ma'tadu	1. alçamento vocálico o → u 2. Fricativa dental vozeada → oclusiva alveolar vozeada d → d
Dijo	'diho	'diɦu	1. alçamento vocálico o → u
Tierra	'tiɛɹ	'tiɛθ	1. Vibrante multipla por vibrante simples 2. vogal central baixa por uma vogal central media a → θ
Sin	'si <sup>n</sup>	'sien	1. monotongação para ditongação. Falsa idéia de que trocando algumas vogais por certos ditongos, como "ue", está se falando espanhol.
Engañado	enga'ñado	ẽga'ñadu	1. Fricativa dental vozeada → oclusiva alveolar vozeada d → d 2. alçamento vocálico o → u 3. nasalização c → ~c a → ã 3. alçamento o → u

Morir	´morir	´mohch	Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
mantener	mante´ner	manten´ch	Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
También	tam´bjen	tamb´j	
Nombre	´nombre	´nombre	Recuo vocálico o → ɔ
Hombre	´ombre	´ɔmbre	Recuo vocálico o → ɔ
Tiene	´tiene	´ʃiene	Oclusiva alveolar por fricativa alveolar t → ʃ
Calma	´kalma	´kauma	Vocalização l → u
Mundo	´mundo	´mundɔ	1.Recuo vocálico o → ɔ
Difícil	di´fisil	di´fisiu	Transformação de alveolar por consoante l → u
Matando	ma´tādo	ma´tādu	1.alçamento vocálico o → u 2. Fricativa dental vozeada → oclusiva alveolar vozeada d → d 3.Nasalização a → ã
Camisa	ka´misa	Kã´miza	1.nasalização 2. nasalização s → z
Sospechar	sospe´ʃar	susp´ʃah	1.alçamento vocálico o → u 2.Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
Descanso	des´kanso	des´kāsu	Nasalização a → ã 2.alçamento vocálico o → u
De repente	ɾe´pente	ɾe´penti	Alçamento vocálico e → i
Bosques	´boskes	´bɔskes	Recuo vocálico o → ɔ
Oscuros	os´kuros	ɔs´kurus	1.Recuo vocálico o → ɔ 2.alçamento vocálico o → u
Nadie	´nadie	´nadje	Abaixamento vocálico e → ɛ
Crear	´kreer	´kre	Transformação de vibrante múltipla por vibrante simples
Puedo	´pwedo	´pwedu	1. Fricativa dental vozeada → oclusiva alveolar vozeada d → d
Eso	´eso	´esu	.alçamento vocálico o → u
Buscar	bus´kar	bus´kah	Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h

Quien	k'jen	k'en	sincope
Estar	es'tar	es'tah	Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
Es	'es	'əs	recoo de vogal e → ə
Mejor	me'hor	me'hoh	Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
Tenemos	te'nemos	te'nemus	alçamento vocálico o → u
Mover	mo'ber	mo'ver	1. Transformação de oclusiva bilabial para fricativa lábio dental b → v
Quedarse	ke'darse	ke'dahsi	1. alçamento vocálico e → i 2. Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
Alrededor	alrede'dor	arede'dəh	1. sincope 2. abaixamento vocálico o → ə 3. Transformação de vibrante em glotal desvozeado r → h
Aparezca	Apa'reska	apa'rɛka	vogal central meia-fechada por vogal central meia-fechada e → ɛ
Traje	'trahe	trahə	recoo de vogal e → ə
Repelente	ɽepe'lente	ɽepelente	Avanço de vogal e → e
Lleno	l'eno	d'eno	Transformação de palatal aproximante lateral por oclusiva alveolar l → d
Gusta	'gusta	'gosta	Abaixamento vocálico o → u
Ídea	i'dea	id'eia	Ditongação
Pareció	pare'sio	pare'sco	Alçamento vocálico e → i
Deja	'deha	de'ha	Entonacao na ultima silaba diastole
Quejase	'kchase	ke'tfasc	Transformação de glotal fricativa por alveolar
Usted	us'ted	us'tede	Prótese acréscimo de

Bromeando	bromc'ádo	bromc'andu	1.alçamento vocálico o → u 2.nasalização a→ã
Vengan	'bengan	'vengan	Transformação de oclusiva bilabial para fricativa lábio dental b→v
Connigo	'konmio	'konmigu	1.Alçamento vocálico o→u
Rapidito	api'djto	api'djtu	alçamento vocálico o → u
Lucgo	l'wgo	l'wgu	alçamento vocálico o → u
Hicieron	ici'eron	ic'eron	sincope
Tan	t'an	t'ã	Nasalização a→ã
Viendo	b'jendo	v'endu	1. Transformação de oclusiva bilabial para fricativa lábio dental b→v 2. sincope
Fuera	'fwerá	'fwerá	vogal central media meia-fechada por vogal central meia-fechada e → ε
Quieres	k'jeres	k'eres	sincope
Abrió	a'brio	a'briu	alçamento vocálico o → u
Feliz	fe'lis	fe'lis	vogal central media meia-fechada por vogal central meia-fechada e → ε
Mucho	'mũtʃo	'muntʃu	Nasalização u→ũ
Tiempo	'tjempo	'tempu	1.Alçamento vocálico o→u 2. sincope
Alguien	'algien	al'gen	Vocalização l→u sincope
Justo	'husto	'hustu	Alçamento vocálico o→u
Pero	'pero	'peru	Alçamento vocálico o→u
Llamaran	lam'arã	dia'maran	1.Transformação de palatal aproximante lateral por oclusiva alveolar λ→d
Mio	'mio	'miu	Alçamento vocálico
Sucedió	susc'dio	susc'djo	Transformação de fricativa palatal por fricativa alveolar
Yo	y'o	dʒ'io	Aproximante palatal por fricativa alveolar

# TRADUÇÃO DE CONTOS: UMA ANÁLISE TEÓRICA E PRÁTICA SOBRE “UMA COISINHA BOA” DE RAYMOND CARVER

Vitor Rafael Siqueira de Araújo (UFRR – vrafael1994@gmail.com)<sup>1</sup>  
Lourival Novais Neto (UFRR – lourival.novais@ufrr.br)<sup>2</sup>

## RESUMO

O estudo da tradução do conto enquanto gênero textual precisa perpassar a análise da sua escrita. Neste trabalho, relacionamos escrita e tradução – porque, como Arrojo (2007) consideramos que traduzir é reescrever – tanto sob os olhares dos teóricos Moisés (2006) e Allegro (2005), quanto de escritores como Cortázar, Poe e, principalmente, dos ensaios escritos pelo autor da obra analisada, Raymond Carver. Descobriu-se que a adequação lexical, sobretudo, é um determinante inestimável da escrita do conto e, portanto, o tradutor precisa recuperar sentidos do seu texto-fonte adequando-os cultural, histórica e gramaticalmente à língua-alvo, alterando ou não um texto a nível de registro, tom e semântico, conforme a função que deseja dar ao texto-alvo. Outros determinantes são a pontuação e os excedentes e faltas colocados na tradução, que também contribuem com a unidade de sentido do conto e a objetividade de tempo, espaço, plasticidade dos personagens e universalidade necessárias a esse gênero. Busca-se contribuir com a área de tradução literária, especificamente a de tradução do conto, através da descrição dos fatores que podem ser

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras- Português/Inglês (UFRR).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor- associado de língua inglesa da (UFRR).

considerados importantes para uma boa escrita e tradução desse gênero literário.

**Palavras-chave:** tradução, literatura, conto, escrita.

## 1 – INTRODUÇÃO

O ofício do tradutor, em especial o literário, é um ambiente a ser explorado na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Apenas 22 resultados são mostrados quando se pesquisa pelo assunto “tradução” no catálogo de livros das bibliotecas da UFRR, muitos dos quais são exemplares repetidos. Acredito, e as opiniões dos colegas de curso me apoiam, que a tradução não tem prestígio tão grande quanto as outras áreas dentro do curso de Letras. Proponho-me nesta investigação a compartilhar os resultados de uma análise teórica sobre a tradução literária, com foco no gênero conto.

O foco deste trabalho é analisar a tradução para a língua portuguesa denominada *Uma Coisinha Boa*, em relação ao texto em língua inglesa do qual foi traduzido, *A Small, Good Thing*, por isso a análise se dá primordialmente sobre o texto-alvo (TA), isto é, a versão em português.

Rosemary Arrojo (2007) defende que o fato de o tradutor saber que um texto é literário influi diretamente na escolha de palavras e expressões enquanto se traduz um texto; para ilustrar seu pensamento, dá um exemplo do gênero poesia. Inferimos, partindo disso, que a prosa também tem esse efeito e, portanto, influi na escolha das palavras durante a tradução. Como consequência, o con-

to também influiria na escolha de palavras e precisaria de atenção às características que o fazem ser um conto.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, precisamos ter em mente que o conceito de “gênero” na literatura nunca foi bem definido, tanto dentro da literatura quanto fora dela, como é possível ver pelo estudo de Pratt (1981). Como forma de evitar uma discussão supérflua, chamaremos o “conto” algumas vezes de gênero, outras de subgênero. Além destas nomenclaturas, usaremos também a hiperonímia “história curta”.

Sabemos de antemão que, tradicionalmente, a distinção entre conto, novela e romance era (e ainda é) feita a partir de critérios quantitativos: o número de páginas ou de palavras. Os critérios qualitativos, no entanto, assim cunhados por Massaud Moisés (2006), são mais apropriados para conceituar os gêneros. Analisamos o texto-alvo de acordo com esses fundamentos. Tomamos como base, principalmente, os estudos de Moisés para definir o gênero a que pertence o texto-alvo.

Outra inquietação que deu origem a este estudo está em torno do fato de que há apenas um livro de contos de Carver traduzido integralmente para o português brasileiro. Rubens Figueiredo traduziu em 2009 o livro *Beginners*, cuja única tradução publicada por editora no Brasil é, até o momento, *Iniciantes* -- o qual reúne 17 contos do autor, incluindo Uma Coisinha Boa, objeto de estudo deste trabalho --, portanto, merece atenção quanto à maneira com que foi transcrito. Apesar de que existe quantidade satisfatória de trabalhos em literatura sobre os textos encontrados no livro, *Iniciantes*



é um livro pouco estudado no Brasil no que concerne à sua tradução devido à sua publicação recente. É interessante, por isso, um olhar teórico sobre a obra menos avaliativo e mais descritivo, focado no processo de tradução das narrativas de Carver encontradas em *Iniciantes*. Por ser o livro *Beginners* um manuscrito sem edição (exceto por algumas correções gramaticais), consideramos que este é a expressão maior das reais características da escrita de Raymond Carver.

Depois da pesquisa sobre a obra e da leitura de *A Small, Good Thing*, e sua versão em português, *Uma Coisinha Boa*, nasceu a curiosidade sobre como se dá o processo de tradução de um texto literário, em especial o conto, sabendo-se que cada gênero literário tem suas peculiaridades perante a crítica literária. Para alcançar esse objetivo, julgamos importante clarificar as definições do gênero conto, clarificação esta que será feita segundo a visão de Massaud Moisés (2006) e também especificar os aspectos particulares ao gênero, ainda sob essa ótica, por levar em consideração que a história de Carver é considerada uma *short story*, expressão equivalente à palavra *conto* do português.

A partir da discussão teórica, analisamos *Uma Coisinha Boa* procurando constatar se existe alguma especificidade na tradução do conto enquanto gênero, assim como há em poesia e quais características são predominantemente encontradas na sua tradução. Visto que a tradução de poesia dispõe de vasto aporte teórico específico e os estudos da tradução parecem não endereçar atenção particular ao subgênero conto em si, buscaremos explicitar particularidades do gênero conto que influenciem na tomada de decisão tradutória.

Este trabalho poderá lançar luzes em relação a auxiliar futuros estudos na área de tradução literária, pois serão apresentadas as técnicas de tradução de um conto por um tradutor apenas, mas que poderão ser generalizadas para a tradução do gênero em si. Dessa forma, o presente estudo poderá contribuir com os Estudos da Tradução, mais especificamente com a subárea de Tradução de Prosa Literária. Levando em consideração, ainda, que a área de tradução literária é pouco prestigiada na universidade em que estudo, pretendemos divulgar o trabalho em eventos acadêmicos como tentativa de instigar a pesquisa nesse campo e endereçar a atenção dos participantes às estratégias tradutórias identificadas no processo de tradução de *A Small, Good Thing*, o texto-fonte (TF) para o português.

## 2 – ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Rosemary Arrojo (2007) nos lembra que o tradutor assume outra atitude quanto ao texto quando percebe que aquele é um texto criativo. Nossas hipóteses iniciais, similares às de Allegro (2005), são as de que (1) *Uma Coisinha Boa* é um conto e (2) o conto tem especificidades, as quais o diferenciam de outros subgêneros da prosa, tais como o romance e a novela, no que diz respeito à sua tradução. Exploraremos com mais profundidade neste capítulo o que diz Moisés (2006) sobre as peculiaridades em relação à escrita de contos e discorreremos também sobre a relação entre as características intrínsecas de sua escrita e tradução, como faz Alzira Allegro, refletindo sobre a postura do tradutor diante deste gênero literário.

É importante salientar que estamos tomando como verdadeira a premissa de que o tradutor compartilha do processo de criação quando traduz uma obra para a sua língua. O tradutor, para nós, é, portanto, um reescritor e a tradução é reescritura, assim como defendem os teóricos da vertente literária dos Estudos da Tradução, tais como Arrojo (2007), por isso ele precisa entender o gênero que (re)escreve. É baseada principalmente na ideia de que a escrita e a tradução do conto literário estão de mãos dadas que Allegro analisa a tradução de *Life of Ma Parker* na qual sugere ao tradutor uma postura de leitor atento às características inerentes ao gênero para ser recriador.

Em um (con)texto literário, no qual, como dito anteriormente, não existe equivalência total e por isso, deve-se evitar a busca pela literalidade, podemos afirmar que

Tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. [...] O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal. (CAMPOS, 2004, p.35).

Consideramos que os Estudos da Tradução e a Crítica Literária estão de mãos dadas e que para uma boa análise descritiva, tanto da tradução quando da escrita, precisamos entender nosso texto. Então, sistematizar e organizar o conceito do gênero literário, de forma a facilitar

o alcance do objetivo, é também importante, pois “se não soubermos em que categoria ordenar a narrativa que acabamos de ler, seja ela qual for, principiamos por não saber como julgá-la” (MOISÉS, 2006, p. 26).

Desde *A Poética* de Platão, que buscou caracterizar a poesia, os estudos literários tentam delimitar fronteiras sobre o que são e quais características têm os gêneros literários, mas “a distinção e a análise das fôrmas [sic] em prosa constituem questões da moderna teoria literária” (MOISÉS, 2006, p. 26). Nos estudos sobre prosa, bem como naqueles sobre poesia, podem-se encontrar diferentes definições acerca dos conceitos de gêneros literários. Quando se depara com as conceituações em países e línguas diferentes, dadas as nuances de significação que a própria palavra cognata causa, são perceptíveis as divergências quanto à definição do que é conto, romance ou novela. Isso se vê principalmente em *novel*, que se assemelha à palavra novela, mas se aproxima em essência ao que conhecemos hoje como romance. Isso acontece até dentro de uma mesma língua; teóricos qualificam um texto segundo critérios próprios, discordam quanto ao tamanho de uma narrativa, por exemplo, e a conceituam de maneira divergente às de outros estudiosos, como observa Moisés (2006).

O conto literário, por sua vez, não escapa a essa discordância, o que ocasiona dificuldade à tentativa de conceituá-lo como tal. Escritores norte-americanos, como Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e Herman Melville, já se utilizavam do termo *short story* para referir-se às histórias curtas com fundo realista, o que o diferen-

ciava, então, de *tale*, narrativa especificamente ficcional. Foi, no entanto, a partir dos estudos de Poe, contista que elaborou a primeira teoria do conto em seu escrito “Filosofia da Composição”, inaugurando o olhar teórico sobre esse gênero, que se consolidou outro ponto de vista: no inglês, atualmente, distingue-se entre *tale* e *short story* pelo fato de que o primeiro se refere ao conto popular e o segundo a histórias curtas em geral. O conceito de conto em português geralmente abrange as duas concepções em língua inglesa.

Mas como podemos identificar se uma narrativa é mesmo um conto; quais critérios utilizam os grandes teóricos para dizer que um conto é um conto. Moisés (2006) diz que

O conto, voltado que está para o centro nevrálgico da situação dramática, abstrai tudo quanto, na esfera do tempo, encerra importância menor. Assim se explica que lhe seja estranha, ou escassamente compatível, a “duração” bergsoniana, ou a complexa intersecção de planos temporais, engendrada pela memória associativa, ou por outro expediente análogo. De onde a “objetividade” do conto: desprezando os desvios e atalhos narrativos, concentra-se no âmago da questão em foco. (MOISÉS, 2006, p. 44)

O conto, como se vê, gira em torno de um ponto principal, possui um só conflito, um só drama, uma só ação (seja interna ou externa), sem manter o supérfluo, mostrando sua primeira característica, que é ser objetivo. O conto é um drama que apresenta começo, meio e fim em si próprio;

corresponde, por isso, a um momento importante da vida da personagem, sem valorizar o antes ou o depois, com exceção dos eventos que contribuem para uma unidade de impressão – estes pouco ou quase nada desenvolvidos.

A personagem, por sua vez, é plana, superficial, anônima:

Sua meta [do autor] não consiste em criar seres vivos à nossa imagem e semelhança, complexos e quiçá múltiplos, como pretende o romance, mas atuações de conflito em que todos os leitores se espelhem. Somos todos eventuais personagens de conto, poucos de nós protagonizariam romances (MOISÉS, 2006, p. 46).

O teórico assegura que as unidades requeridas (ação, tempo, lugar e tom) só podem estabelecer-se com poucas personagens. Só não existe o conto com uma única personagem, pois se uma só aparecer, outra figura deve estar atuando para a formulação do conflito; por isso a proliferação de contos com diálogos.

Percebe-se que os acontecimentos de *A Small, Good Thing* poderiam ter sucedido com qualquer família. Um pedido de bolo, um atropelamento, a ansiedade, as ações e principalmente a descrição superficial das personagens fazem o leitor se dar conta desta fatalidade. Na história de Carver, o leitor não tem acesso à vida passada de Scotty, Ann ou Howard, a não ser pelas memórias (curtamente explicitadas) de Ann. Com relação ao padeiro, só se pode saber dos bolos que fez para festas anteriores e de seu histórico de solidão, uma informação especialmente relevante para o fim da trama.

A estrutura do conto reflete a sua objetividade. Por ser “objetivo”, “plástico”, “horizontal”, este gênero costuma ser narrado na terceira pessoa. Usam-se somente as palavras suficientes e necessárias, todas convergindo para o fim da trama e o seu efeito; a imaginação prende-se à realidade concreta em verossimilhança com a vida. “O conto não permite malabarismos que coloquem em risco sua fisionomia peculiar” (MOISÉS, 2006, p. 52). O conto é como uma fotografia: “atrás” do ponto que é focado existem alguns pormenores involuntários, objetos jogados no chão, decorações de parede, contribuindo para o todo. Um bom conto seria, então, aquele em que seus pormenores contribuem harmonicamente para com o âmago da cena, como vemos nas narrativas de Carver, em especial no nosso TF.

A linguagem, portanto, precisa seguir essa lógica e se torna simples, objetiva e plástica, sempre com o objetivo de ser clara e alcançar a unidade de impressão. Suas metáforas, por isso, são de curto espectro, como a do fio do telefone, no trecho “[...] She twisted the telephone cord and it kinked back into itself” (p. 68), que foi recuperada no TA; porém, com a adição da expressão “de um golpe”, o significado se distorce. É possível inferir, a partir de leitura e releitura, uma interpretação do conto que permite que esta metáfora signifique que a vida puxa, estica, maltrata, mas que se consegue voltar ao normal, ao que se era antes do evento ruim, assim como acontece com o fio do telefone que Ann enrola nos dedos. Em um caso em que se interpreta desta maneira, ao escrever “[...] E depois, de um golpe, ele destorcia e voltava ao normal” (p.104, grifo

nosso), o versionista pode levar o leitor a pensar que para o narrador a recuperação, nestes casos, é rápida.

Partindo da hipótese de que nada se escreve em vão em um conto, essa ideia se torna um pouco mais verossímil. Uma parte da história que corrobora com essa interpretação é aquela em que Ann, em uma divagação que remonta o acontecimento em que ela acredita que seu filho foi engolido por um bueiro (p. 69-70/105-108). Nessa memória, pode-se ver a mãe tentando ansiosamente pensar em um futuro no qual já superou a morte do filho. Outra observação importante é que o trecho “He held it [uma bicicleta], the rubber pedal sticking into his chest and turning the wheel across his trouser leg a litte way” (p. 12) na versão editada para publicação no livro *Cathedral* (1983) se torna “He gave the wheel a turn”, uma expressão que tem sentido de fazer as coisas andarem, funcionarem novamente, ou como nos diz o *The Free Dictionary*<sup>3</sup>, “something that you say which means a process is starting to happen”.

Já a trama é sempre linear, objetiva; dessa forma, é cronológica como um relógio e semelhante à da vida real no que diz respeito a sua continuidade. No conto, existe um mistério, um nó dramático a ser desfeito, sem truques, de forma que o drama explode imprevisamente. Para Moisés (2006, p. 66) “A grande força do conto – e calvário dos contistas – consiste no jogo narrativo para prender o leitor até o desenlace, que é de regra geral um enigma”.

*A Small, Good Thing*, como se pensava, encaixa-se na classificação de Cleanth Brooks e Robert Penn Warren explicitada por Moisés (2006) sobre os tipos de foco narrati-

<sup>3</sup> <http://idioms.thefreedictionary.com/the+wheels+are+turning>



vo. Seu tipo, dentre os quatro, seria aquele em que o escritor conta a história como um observador. Nesse tipo se suspende ou se diminui a penetração psicológica em favor da ação, do conflito, de modo a tornar a narrativa mais linear, menos complexa. O final é uma surpresa, deixa uma meditação ou pasmo diante da nova situação e a narrativa acaba deixando um ar de curiosidade. A vida das personagens continua, mas o conto não.

Ainda em Moisés (2006), encontramos uma distinção entre os tipos de conto feita por Carl H. Gabo. A história analisada neste trabalho seria, por esse viés, do quinto tipo, uma “história de efeitos emocionais”, aquele relacionado à emoção, geralmente mesclado ao de ideia, o quarto tipo, isto é, aquele em que o autor busca persuadir o leitor sobre uma hipótese sua. O enredo, naquele caso, ocupa uma posição secundária; a emoção supera a racionalização.

Para Moisés (2006), “cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese, não se poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto.” (p. 41). A adequação lexical é imprescindível no conto, o desnecessário deverá ser sempre suprimido.

Allegro (2009), estudiosa que se dedica especificamente à questão da tradução do gênero conto, em seu artigo *O conto e a sua tradução: percalços do gênero*, faz uma abordagem inicial em busca de suprir a necessidade de pesquisa nesta área e pode dar suporte às afirmações de Massaud Moisés. A partir da leitura do artigo, percebemos muitos fatores relevantes quando da escrita e, por isso, da tradução de um conto, e um deles é a escolha de palavras.

A primeira de suas observações é a de que o tradutor precisa ser “um leitor muito afinado com o gênero” (p. 2) para entender as entrelinhas do texto. Ela descreve as escolhas que o tradutor fez em *A vida de Mãe Parker*, de Katherine Mansfield, e nos mostra ideias para uma tradução talvez mais adequada da obra. A seção de análise da tradução do conto em questão é pautada nos aspectos que a autora considera relevantes neste tipo de tradução: “adequação lexical, semântica, registro, tom, pontuação, omissões e acréscimos” (p. 2). Esses são traços para os quais grandes escritores como o próprio Raymond Carver dão imensa importância, afinal o instrumento por meio do qual o escritor torna seu pensamento real é a palavra. Por isso, devemos levar em conta a precisão com que elas foram e devem ser usadas. Carver (1985) incentiva a atenção a este assunto quando diz que

É tudo o que temos, afinal, as palavras, e que sejam as corretas. [...] Se as palavras pesam com as emoções impensadas do escritor, ou se são imprecisas e inexatas por qualquer outra razão - se as palavras estão de alguma forma turvas - os olhos do leitor as percorrerão e nada será alcançado. Simplesmente, não haverá interesse do senso artístico do leitor.<sup>4</sup> (p. 49)

Outro ponto do qual se deve notar a importância é a “precisão fundamental de asserção” (tradução livre de “fun-

---

<sup>4</sup> That’s all we have, finally, the words, and they had better be the right ones [...] If the words are heavy with the writer’s own unbridled emotions, or if they are imprecise and inaccurate for some other reason - if the words are in any way blurred - the reader’s eyes will slide right over them and nothing will be achieved. The reader’s own artistic sense will simply not be engaged.

*damental accuracy of statement*”), isto é, a consciência de que todas as palavras do seu período são ditas com um objetivo.

Vejam os a tradução de poema, por exemplo. Para contornar os problemas de tradução

É evidente que o tradutor, que inicialmente é um leitor, deverá partir do poema original com sua estrutura a “ser descrita”, a ser analisada; mas não pode parar aí como diante de um objeto estático, não pode vê-la como “objeto acabado”. Deve, isto sim, “captar as combinatórias” que constituem a sua significância e, através da dinâmica das relações significantes, “restituir”, “gerar”, na língua-cultura de chegada, uma estruturação que mantenha com a significância do original uma relação homogênea. Ou seja, na tradução de poema, o que se busca transladar não é o sentido, visto como inerente a uma estrutura linguística, mas a significância. (LARANJEIRA, 2003, apud OLIVEIRA, 2007, p. 81)

Pelo fato de considerarmos que o conto precisa de habilidade na sua criação, assim como o poema, estendemos essas considerações àquele gênero. Delas, depreende-se que nem mesmo os sinônimos se substituem em completa equivalência. Tomemos como exemplo o famoso paradigma “calvo < > careca”: os dois termos designam a característica de perda de cabelo. No entanto, a palavra “careca” pode suscitar sentido pejorativo em algumas pessoas e não em outras, da mesma forma que “calvo” pode, dependendo do contexto em que são enunciados.

A escolha das palavras no conto adquire uma importância tão grande quanto no poema, diferentemente da-

quela feita no romance. Para Allegro, não há palavra supérflua. Dessa forma, o contista tem que ser preciso para alcançar uma ‘unicidade de efeito’ (POE, 1999) ou “unidade de impressão” (MOISÈS, 2006), isto é, garantir que cada uma das palavras utilizadas tenha tido sua relevância no fim da leitura para o efeito que o escritor deseja.

“Precisão fundamental de asserção é a ÚNICA moral que há na escrita.” Ezra Pound. Isso não é tudo, de jeito nenhum, mas se um escritor deixa sair a “precisão fundamental de asserção”, está, pelo menos, na trilha certa. (CARVER, op. cit., p. 47, tradução nossa).<sup>5</sup>

Assim como o contista, o tradutor precisa dar um jeito de utilizar palavras na língua-alvo que contribuam para o alcance da sua interpretação pelo público. Uma palavra apenas, selecionada de modo equivocado pode desviar, ou direcionar para outro sentido, os sentimentos do leitor quanto aos personagens, ao cenário e até mesmo à trama, pois ela carrega consigo o que a autora chama de um “impacto amplificado”. Para não cometer – principal, mas não somente – erros de escolha lexical, é preciso considerar a obra como um todo. Essa visão panorâmica da obra, digamos assim, além de ajudar a evitar alterações radicais – “perdas irreparáveis?” (p. 11) – de interpretação e deslizes na hora das decisões tradutórias, implica em uma maior atenção a vários condicionantes de uma boa tradução, segundo Allegro.

---

<sup>5</sup>“Fundamental accuracy of statement is the ONE sole morality of writing.” Ezra Pound. It is not everything by ANY means, but if a writer has “fundamental accuracy of statement” going for him, he’s at least on the right track.

No texto analisado, “The baker wore a white apron that looked like a smock” (p. 56), a tradução da palavra “smock” para “guarda-pó” (p. 84) foi bastante feliz, pois a última se refere a um jaleco usado para proteger a roupa contra a poeira e, portanto, carrega consigo um sentido importante, tendo em vista que o padeiro levava uma vida monótona, “acumulando pó”.

Uma observação importante é que o verbo “said” é repetido inalteradamente por toda a narrativa no TF, enquanto que no TA optou-se por alterá-la, utilizando-se de sinônimos como disse, falou, perguntou, exclamou, respondeu, explicou. Essa escolha tradutória faz com que não se recupere esse traço marcante da escrita de Carver que se repete em *Viewfinder*, *Why Don't you Dance?*, *If it Please You*, *Dummy*, *Pie*, *The Calm*, *Mine*, *Distance e Beginners*, que compõem o mesmo livro em que se encontra *A Small, Good Thing*. Na narrativa *Gazebo*, a expressão repetida é “she goes”; em *Where is Everyone?*, assim como em *The Fling*, *Tell the Women We Are Going*, não há repetição exagerada. Carver, é perceptível, cria um narrador que conta a história para um interlocutor comum, sem precisar se preocupar com o rebuscamento, nem com a maneira com que faz isso, apenas com a história em si e a repetição do verbo “said” é uma marca do seu estilo de escrita. Repetições são, portanto, importantes e o tradutor as recupera quase sempre. Exceções são os casos “she'd held it” (p. 70), que vira “segurou-o com muita força” (p. 107), escolha tradutória que priva o leitor do TA de saber que no TF havia uma repetição idêntica; o do par “Não posso, não consigo”

à “I can’t, I can’t” (p. 74/113); e do adjunto adverbial “com força”, que adiciona um sentimento à cena em que Ann encontra o filho depois de já ter perdido as esperanças de achá-lo vivo: “Ann tinha levantado o garoto do chão enquanto ainda estava gritando e o segurou com força. Segurou-o com muita força.” (p. 107). No TF as orações se organizam assim: “She’d picked the boy up while he was still crying and she’d held him. She’d held him” (p. 70).

Um deslize do tradutor pode ser percebido na análise da tradução de “then just held it” (p. 60) para “depois a soltou” (p. 94), uma antonímia (S1) que colabora para uma possível interpretação equivocada de que Howard não deu suporte emocional para a esposa naquela situação.

Nota-se que Howard e Ann sempre estão dirigindo, mas não só isso: estão dirigindo desconcentrados, sem atenção ao trânsito, e vão de carro para todos os lugares. Howard pensando no que tinha alcançado na vida até agora e Ann na promessa feita para Deus que não tinha cumprido. Essas cenas, como todas as outras coisas, nas histórias dos grandes contistas, não estão lá em vão. Pode-se interpretar a existência dessas passagens como um alerta à ironia da vida, ao fato de que o filho deles havia sido atropelado e, ainda assim, eles estavam dirigindo desatentos, correndo o risco de se tornarem eles mesmos aqueles que atropelam. O tradutor precisa recuperar todos os traços importantes do conto, então, neste caso, escreveu “Vamos de carro até o centro comercial” (p. 116), uma estratégia de mudança de distribuição (S6) para que o leitor soubesse que Ann pediu para que seu marido a levasse ao centro em

seu automóvel, como em “Drive me down to the shopping center!” (p. 76). No entanto, se levado em conta o contexto em que essa frase ocorre, a expressão parece forçada. Não se diz “Vamos de carro até o centro comercial” no imperativo a não ser que exista outro meio de transporte sobre o qual os interlocutores têm de escolher. Uma alternativa seria “Pegue o carro, vamos ao centro comercial!”.

Já no par “forgive me” (p. 79) à “desculpem” (p. 119) podemos perceber a diferença entre perdoar e desculpar. Por meio da estratégia de Paráfrase (S8), o tradutor optou pelo segundo termo, o que parece gerar menos arrependimento no padeiro do que se este pedisse por perdão. No entanto, nos períodos seguintes, este mesmo par é traduzido pela primeira opção, “perdoar”, conferindo ao padeiro um remorso maior, em uma tradução literal (G1).

Quanto à objetividade explorada pelos dois teóricos, sabe-se que é inescapavelmente ligada ao tempo, lugar e ação da narrativa. Um dos pontos que Allegro (2005) discute, como já visto anteriormente, é o tom, em cuja explicação cita o *Decálogo do Perfeito Contista* de Horacio Quiroga para realçar o valor das primeiras três linhas (“têm quase a mesma importância das três últimas.”) para um conto bem-feito. Um conceito de Moisés (2006) que nos ajuda nesta explicação é o de “unidade de impressão”, para o qual a intenção é provocar no espírito do leitor uma só impressão: que pode ser medo, paixão, simpatia, por exemplo, ou compadecimento como no caso de *Uma Coisinha Boa*.

A primeira estratégia considerada aqui vital para desfecho foi a escolha do tradutor por traduzir como “fi-

cou debruçado sobre o balcão” (p. 87) a expressão em inglês “was bent over the counter” (p. 54), que significa geralmente inclinar-se, dobrar-se, uma estratégia bem aplicada pelo tradutor, tendo em vista que o sentido de “ficar debruçado” lembra cansaço, fadiga, e o personagem do padeiro é descrito como detentor de um “pescoço grosso” e outras características que lembram alguém cansado e fatigado. Além disso, muitos verbos utilizados no TA para descrever as ações do padeiro tinham a ver com gordura. A imagem de um padeiro gordo, portanto, contribui com o tom e, conseqüentemente, para o desfecho da história, visto que, no final, ele se mostra solitário e sua única felicidade é comer e alimentar os outros, característica da qual o leitor se compadece.

O aspecto verbal do período “(...) listened without saying anything when she [Ann] told him Scotty would be eight years-old next Monday” (p.54) foi modificado de forma que na versão em português, “(...) escutava enquanto ela explicava que Scotty iria fazer oito anos na segunda-feira seguinte” (p. 86), a ação parece se estender no tempo, isto é, tem aspecto imperfectivo, enquanto que no texto-fonte o ato de ouvir é perfectivo, pontual. É possível perceber que mudar o aspecto da frase acarreta outra modificação: o elemento “when” (quando) é traduzido como “enquanto” e isto, além da releitura de aspecto feita pelo tradutor, pode refletir que Rubens Figueiredo quis dar ênfase no momento em que o padeiro ouve, indiferentemente, a mãe de Scotty falar sobre o aniversário do filho, uma escolha que contribui para o tom da história, já



que nas páginas finais há uma quebra dessa indiferença quando o padeiro descobre o mal que havia feito para os pais de Scotty. Não à toa, o verbo utilizado foi “explicava” ao invés de “contava”, já que, neste caso, o ato de explicar parece demandar mais tempo e esforço do que o de simplesmente contar. Essa mudança de aspecto acontece nas partes da narrativa que falam sobre o padeiro: “passavam”, “esfregava” (p. 86) e muitos outros verbos, o que nos faz sugerir que a obra traduzida é mais explícita que o texto-fonte, como Arrojo (2007) mostra que é comum em traduções literárias.

Traduz-se, ainda, o trecho “must have children” (p. 54), o qual dá a impressão de que o padeiro ainda tem seus filhos (mora com eles, por exemplo), como “devia ter tido filhos” (p. 87), trecho que tem como pressuposto somente o evento em que seus filhos nasceram, ou seja, seus filhos podem tê-lo abandonado, por exemplo. A forma com que a tradução foi feita contribui com a imagem de solidão por parte do padeiro que o texto deixa implícita até a cena final.

Outra tradução livre é a de “não tinha nada para contar sobre o caso”, que parece mais uma expressão de desapontamento por parte de Scotty acerca de ter sido atropelado, ou mesmo birra, em lugar de “he didn’t have anything to say about anything, either” (p. 55), cujas palavras parecem denotar uma incapacidade de falar ou apenas um desconforto quanto a falar qualquer coisa, não apenas sobre o caso. Essa escolha pode ser fundamental para incentivar outra interpretação no leitor, uma na qual o motivo de o garoto não falar é alterado.

A supressão, ou mudança de informação, do termo “little mother” (p. 60/94) da fala do médico suprime também a proximidade, o afeto, que ele tenta criar com Ann, uma alteração que pode influenciar na visão do leitor sobre aquela personagem e, assim, enviesar outra interpretação. Ao longo do conto, Carver deixa transparecer a empatia que muitos dos personagens têm em relação à situação da família de Scotty e uma prova disso é que os médicos, principalmente o doutor Francis, são muito atenciosos. Retirar o termo citado implica em distanciar o médico de Ann.

Para “Slug [...] lay down near her feet” (p. 67), o tradutor escolheu usar “os pés dela” e não “os seus pés”, conferindo ao trecho um tom mais informal requerido ao narrador do conto, o qual se mostra sempre muito próximo à história que conta. Outra característica dessa voz é o tom compadecido quanto à situação tanto da família de Scotty como à do padeiro, também prezada pelo tradutor.

Outro tópico tocado nesse sentido é o registro, as variedades da língua existentes para além da variedade padrão. A autora realça a partir do texto-alvo analisado casos de hipertradução, o ato de traduzir o coloquial para a norma culta; e a hipotradução, o ato no caminho inverso, quando uma determinada variedade linguística precisava perceptivelmente ser mantida para que se mantivesse uma correspondência com o texto-fonte, mas não foi. No caso de *A Vida de Mãe Parker*, o tradutor “corrigiu” os erros gramaticais da fala da personagem de forma que se perdeu a referência ao seu grupo social, uma característica marcante em *Life of Ma Parker*; e fez, ainda, o contrário com

a voz do narrador, que conservava ao longo do texto seu discurso na variedade padrão da língua, ou seja, perdeu-se a consistência no falar do narrador. Isso acontece também em *Uma Coisinha Boa*.

As contrações encontradas no período “He’d just come to work and he’d be there all night, baking, and he was in no real hurry”, demonstram o não-comprometimento intencional do narrador quanto à formalidade da narração. O tradutor talvez não tenha julgado importante que o texto-alvo recuperasse essa intencionalidade em um dos traços de Past Participle (He’d come), traduzindo-o para “havia chegado”, no entanto traduziu “would (‘d) be” para “ia ficar”, uma marca perceptivelmente menos formal.

Já em “Teve vômitos e um pouco de líquido tinha ido para os pulmões, e tiveram de fazer uma punção do líquido (...)” (p. 88), traduzido de “There’d been vomiting and his lungs had taken in fluid which needed pumping out (...)” (p. 55) há uma alteração no registro da conversa, como já havia ocorrido no início do texto, a partir da qual o narrador passa a ser menos informal, se aproximando do leitor, por usar as contrações “there’d been”.

No excerto em que um casal de negros espera por notícias de seu filho Nelson (p. 65-66/101-102), as falas dessas personagens no TF são escritas de maneira coloquial, com desvios em relação à norma culta da língua inglesa, como em “Is about Nelson?” ou “but that don’t mean nothing”, enquanto que no TA esta variedade linguística não foi enfatizada, uma estratégia de ‘outras mudanças pragmáticas’ (Pr10), no caso, uma omissão prag-

mática sobre o falar do negro. É importante notar que a escolha do tradutor de não dar ênfase à variedade em questão pode ter sido motivada pelo fato de que a relevância desta é baixa ou nula, em relação ao desfecho da história. Em outras palavras, de acordo com a percepção do tradutor, a distinção entre as variedades da língua não contribuiria para o tom que ele decidiu dar à narrativa. No trecho “Isso não desculpa a minha ofensa, eu sei” (p. 119), o termo ofensa, vindo de “that don’t excuse my offense, I know” (p. 79) na fala do padeiro que tem uma inadequação gramatical desconsidera as variedades linguísticas novamente (Pr10).

A pontuação também é um dos condicionantes analisados na obra; a autora cita por mais de uma vez as reticências colocadas desnecessariamente no texto-alvo, as quais não existiam no texto-fonte e que sugerem outra gama de interpretações ao período. Carver (1985) estende seus comentários também à pontuação, um dos aspectos relevantes para a estudiosa: “com a pontuação nos lugares certos, para que digam da melhor maneira o que se propõem a dizer.”<sup>6</sup>, o que enfatiza a importância de se colocar um ponto no lugar mais adequado.

Em *Uma Coisinha Boa*, Rubens Figueiredo coloca reticências no lugar do travessão, o que acreditamos ser uma exigência da editora e, portanto, não recupera essa característica. Outra alteração em relação ao TF é que se criam parágrafos que não existiam, separando os diálogos de um período em parágrafos quase náufragos.

---

<sup>6</sup> “[...] with the punctuation in the right places so that they can best say what they are meant to say.”

Encontrou-se uma pontuação diferente no par “Maybe once, maybe years ago I was a different kind of human being, I’ve forgotten, I don’t know for sure.” (p. 79) à “Talvez num outro tempo, anos atrás, eu tenha sido um tipo de ser humano diferente. Esqueci, não tenho mais certeza” (p. 119), traduzido por meio de uma estratégia de mudança estrutural de período (G7). O ponto seguido pode ter sido colocado pelo fato de que o tradutor considerou o período muito grande, com muitas orações. Isso ocasionou uma diferença entre os estilos dos períodos.

Mais um fator é o de mudanças estruturais como as de excedente e falta, quando o tradutor coloca mais ou menos do que deve no texto, ocasionando perdas irreparáveis ou direcionamentos impensados para o leitor.

A oração “she studied his coarse features(...)” (p.54), traduzida como “[ela] observava as suas feições (...)” (p. 87), suprimindo o adjetivo, é um exemplo do uso da estratégia de mudança de informação (Pr3), visto que o tradutor não julgou interessante a colocação do adjetivo e omitiu a informação supérflua.

A denominação “música country” dos Estados Unidos, assim como a conhecemos no Brasil, se refere especificamente à música do oeste daquele país. Possivelmente, o tradutor estava a par desse fato e considerou que colocar “música country do oeste” seria uma redundância, tendo em vista a recepção do público. Por isso, traduziu, por meio da estratégia de mudança de informação (Pr3) o excerto “country-western music” (p. 55) para simplesmente “música country” (p. 87).

“Holding his hands in her lap” (p. 56), traduzido como “segurando as mãos de Scotty” mostra que a carga semântica contida em “in her lap” é omitida pelo tradutor, que julgou desnecessária a colocação de algo como “sobre seu colo” (p. 88).

O tradutor modifica o trecho “When she couldn’t wake him up (...)” (p. 55) para “Quando a mãe viu que não conseguia acordá-lo (...)” (p. 88) e traz à tona a informação, antes implícita, de que a mãe percebeu que não conseguia acordar Scotty, quando no texto-fonte ela também percebeu, mas o autor preferiu dizer apenas que ela não conseguiu acordá-lo.

Há na tradução de “He was going home for a short while to bathe and to change clothes” (p. 56) (ele ia para casa para tomar banho e trocar de roupa), uma omissão da informação de que a ação de ir para casa duraria pouco tempo.

Ao analisar a tradução de “He’ll wake up and be alright” (p. 64) para “tudo ficará bem outra vez” (p. 100) é possível perceber um distanciamento de Ann em relação ao caso do estado do filho, o qual não existe no TF.

Allegro conclui seu artigo dizendo, então, que o texto-alvo reduz drasticamente o valor do discurso indireto livre por meio da desatenção aos fatores aqui elencados e explorados por ela, e aos mínimos detalhes do texto-fonte. *Uma Coisinha Boa* é uma narrativa em discurso indireto livre, nos termos de Moisés (2006), sendo assim, cometidos os mesmos deslizes do tradutor de *Life of Ma Parker, A Small, Good Thing* teria também sua tradução intelectualmente desvalorizada. Para a estudiosa, é necessário de-

envolver uma pesquisa mais ampla na tradução de contos, sabendo-se, a partir dos teóricos e escritores, que esse gênero é cheio de armadilhas para o tradutor recriador que precisa lidar linguística e extralinguisticamente com essa tarefa tão importante que é traduzir o conto literário.

Até mesmo Júlio Cortázar, escritor renomado da literatura hispânica, reconhece a dificuldade de se traduzir um conto:

Sempre que me dava ao trabalho de revisar a tradução de um dos meus relatos (ou tentar a de outros autores, como uma vez com Poe) sentia até que ponto a eficácia e o sentido do conto dependiam desses valores que dão um caráter específico ao poema e também ao jazz: a tensão, o ritmo, a pulsação interna, o imprevisto dentro de parâmetros previstos, essa liberdade fatal que não admite alteração sem uma perda irreparável. (CORTÁZAR, 1985)<sup>7</sup>

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, afirmamos que o tradutor precisa produzir na sua língua uma realização por meio de palavras da sua leitura com afinco da obra, com todas as nuances de sentido e significado que puder recuperar do texto-fonte através de sua visão de mundo. Constata-se, a

---

<sup>7</sup>Cada vez que me ha tocado revisar la traducción de uno de mis relatos (o intentar la de otros autores, como alguna vez con Poe) he sentido hasta qué punto la eficacia y el sentido del cuento dependían de esos valores que dan su carácter específico al poema y también al jazz: la tensión, el ritmo, la pulsación interna, lo imprevisto dentro de parámetros pre-vistos, esa libertad fatal que no admite alteración sin una pérdida irrestañable.

partir das observações feitas sob a ótica de Allegro (2009) e Moisés (2006), que a história *Uma Coisinha Boa* é realmente um conto e que, por isso, sua tradução precisa seguir parâmetros utilizados na própria escrita do texto-fonte.

A adequação lexical tem grande impacto na visualização de ideias, informações e objetos pelo leitor porque adapta o texto-fonte aos significados da língua-alvo, alterando aspectos históricos e culturais, não apenas linguísticos. A escolha de palavras, assim como a pontuação e os excedentes e faltas, pode alterar o tom, a semântica e o registro do conto, contribuindo para “desvios” na interpretação do leitor.

O tradutor literário precisa ser menos literal para conseguir a “precisão fundamental de asserção” e Rubens Figueiredo assim o faz. Utiliza-se de muitas estratégias para transmitir de maneira diferente a sua interpretação do que acredita que o autor do TF quer dizer.

A tradução prévia do conto analisado foi decisiva para que o texto-alvo fosse analisado da maneira apresentada, visto que proporcionou uma base para pensar em outras possibilidades de tradução dos trechos elencados, ao invés das que o tradutor usou. Outra percepção que tivemos ao longo do processo de tradução e análise foi a de que a maneira como tudo é perfeitamente colocado naquela história é intrigante. A empatia - para nós, o assunto principal do conto - é explorada simples, mas profundamente do início ao fim. Por ter em mente que a história é um conto, a atenção do tradutor pareceu estar dividida entre dar naturalidade às ideias na língua portuguesa e



resgatar a minúcia do autor. Entre as adições e supressões, as paráfrases e traduções literais, a atividade laboriosa de transpor metáforas e a vontade de alcançar o leitor, a narrativa *Uma Coisinha Boa* foi traduzida com escolhas adequadas à interpretação do tradutor. Portanto, as decisões pelas técnicas utilizadas foram consistentes do ponto de vista da vertente cultural dos Estudos da Tradução.

Estendemos as afirmações específicas sobre *Uma Coisinha Boa* ao gênero conto em si e o fazemos por acreditar que

a verificação das estratégias empregadas nas traduções em determinados gêneros textuais e em determinado par de línguas permite, pois, a obtenção de um conjunto de dados que mostram as características das mesmas numa dada quantidade de casos. A partir dos dados, podem-se gerar probabilidades de ocorrência de estratégias em textos semelhantes e até formar generalizações a respeito da tradução. (PEZZINI, 2005, p.32)

Nos estudos mais recentes salienta-se que não é objetivo dos Estudos da Tradução prescrever normas para a tradução, nem procurar erros, mas buscar descrever o comportamento regular dos tradutores. Procuraremos, então, descrever, ao invés de prescrever quaisquer técnicas tradutórias.

Ao proporcionar reflexões sobre a relação entre a escrita e a tradução do conto a partir da tradução de *A Small, Good Thing*, buscamos, com esta pesquisa, beneficiar o campo de estudos da tradução de prosa literária, especificamente o de tradução do conto.

## 6 – REFERÊNCIAS

**ALLEGRO**, Alzira Leite Vieira. **Do conto e sua tradução: percalços do gênero**. Tradução & Comunicação, v. 18, 2015.

**ARROJO**, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2007, 85 p..

**CAMPOS**, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986/2004. (Primeiros passos, 166).

**CARVER**, Raymond. On writing. **Mississippi Review**, v. 14, n. 1/2, p. 46-51, 1985. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/20115383?origin=JSTOR-pdf>> Acesso em 29 Novembro 2016.

\_\_\_\_\_. **Iniciantes**. Rubens Figueiredo (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Beginners**. London: Vintage Books, 2010.

**CORTÁZAR**, Julio. Del cuento breve y sus alrededores. **Último round**, v. 2, 1969. Disponível em <<http://ciudadseva.com/texto/del-cuento-breve-y-sus-alrededores/>> Acesso em 30 Novembro 2016.

**MILTON**, John. **Tradução: Teoria e Prática**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

**MOISÉS**, Massaud. **A criação literária: prosa 1**. 20. ed. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

**PEZZINI**, Ornella Inês. **Análise das estratégias de tradução de cem resumos/abstracts da revista delta (segundo Chesterman 1997)**. 2005. 228p. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2005.

**POE**, Edgar Allan. **Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne**. Tradução de Charles Kiefer. Bestiario, Porto Alegre, v.1, n.6, 2004. Disponível em: <<http://www.bestiario.com.br/6.html>> Acesso em: 31 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Poemas e Ensaios**. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). 3. ed. Revista. São Paulo: Globo, 1999.

**PRATT**, Mary Louise. **The short story**: The long and the short of it. *Poetics*, v. 10, n. 2-3, p. 175-194, 1981.



ISBN 858288194-1



97 885828 81941